



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA  
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS.  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS: CULTURA,  
DESIGUALDADES E DESENVOLVIMENTO**

**ZELIVALDO FALCÃO LEITE**

**“SE ELA NÃO SE IMPOR, ELA VAI PASSAR  
COMO RELAXADA. PORQUÊ O HOMEM É  
DESCARADO, NÓS É HOMEM E SABE!”**

**UMA ANÁLISE SOBRE GÊNERO E RAÇA ENTRE TRABALHADOR@S  
DA CONSTRUÇÃO CIVIL.**

**CACHOEIRA- BA  
2017**

**“SE ELA NÃO SE IMPOR, ELA VAI PASSAR COMO RELAXADA.  
PORQUÊ O HOMEM É DESCARADO, NÓS É HOMEM E SABE!” UMA  
ANALISE SOBRE GÊNERO E RAÇA ENTRE TRABALHADOR@S DA  
CONSTRUÇÃO CIVIL.**

**ZELIVALDO FALCÃO LEITE**

**Bacharel em Ciências Sociais**

**Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2013.**

Dissertação (Mestrado) apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Ciências Sociais: Cultura, Desigualdade e Desenvolvimento da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia como requisito necessário obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

**Orientador** Prof. Dr. Osmundo Araújo  
Pinho

Cachoeira, BA  
2017

Ficha Catalográfica: Biblioteca Universitária de Cachoeira - CAHL/UFRB

Leite, Zelivaldo Falcão

L525s "Se ela não se impor, ela vai passar como relaxada. Porquê o homem é descarado, nós é homem e sabe" Uma análise sobre gênero e raça entre trabalhador@s da construção civil/ Zelivaldo Falcão Leite. – Cachoeira, 2017.

161 f.: Il.; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Osmundo Santos de Araújo Pinho.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes, Humanidades e Letras, 2017.

1. Gênero. 2. Relações de gênero. 3. Divisão sexual do trabalho. I. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Centro de Artes, Humanidades e Letras. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Cultura, Desigualdade e Desenvolvimento. II. Título.

CDD: 305

ZELIVALDO FALCÃO LEITE

**“SE ELA NÃO SE IMPOR, ELA VAI PASSAR COMO RELAXADA. PORQUÊ O  
HOMEM É DESCARADO, NÓS É HOMEM E SABE!” UMA ANÁLISE SOBRE  
GÊNERO E RAÇA ENTRE TRABALHADOR@S DA CONSTRUÇÃO CIVIL.**

Dissertação submetida à avaliação para obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Cachoeira, 14 de julho de 2017.

EXAMINADORES:

Prof. Dr. Osmundo Santos de Araújo Pinho (UFRB – Orientador)



---

Prof. Dr. Wilson Rogério Penteado Júnior (UFRB – Examinador)



---

Prof. Dra. Paula Cristina da Silva Barreto (UFBA – Examinadora)

---

CACHOEIRA/BA

2017

Dedico este trabalho aos  
trabalhador@s da construção civil,  
que permitiram a realização desta  
pesquisa.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que permitiu que tudo isso acontecesse e nunca me abandonou mesmo nos momentos mais difíceis sendo meu amparo e refúgio. Que através da força do teu espírito, me fez superar as dificuldades encontradas no caminho.

Agradecer a toda minha família pelo apoio, em especial a minha mãe Lucinete, que com muito amor e carinho me conduziu a este processo e me deu toda base necessária para que eu continuasse firme e forte no meu objetivo, agradeço ao meu pai Zelivaldo Lafite pelo apoio e incentivo, as minhas irmãs Lucilia e Lucimere, pelo carinho e incentivo que nos momentos de minha ausência dedicados ao estudo e ao trabalho de campo, sempre fizeram entender que o futuro é feito a partir da constante dedicação no presente!

À minha esposa Josenilda (Jó), ofereço um agradecimento especial, por ter vivenciado comigo passo a passo todos os detalhes deste trabalho, por ter me dado todo o apoio que necessitava nos momentos difíceis, todo carinho, respeito, paciência, por ter me aturado nos momentos de estresse, e por tornar minha vida cada dia mais feliz.

A minha adorada filha, Thauany, por tantos sorrisos, brincadeiras e travessuras que ajudaram a descontrair, principalmente nos momentos de tensão e estresse, que embora pequena em idade, compreendeu minhas dificuldades e ausências.

Agradeço meus familiares, minhas avós, tios (as), primos (as) que sempre acreditaram e me ajudaram no que foi preciso.

Agradeço a todos os professores por me proporcionar o conhecimento, não somente por terem me ensinado, mas por terem me feito aprender, terão os meus eternos agradecimentos.

Em especial agradeço ao professor Osmundo, que foi um orientador extraordinário, estando sempre presente, esclarecendo minhas dúvidas, tendo muita paciência, confiança, compartilhando comigo seu vasto conhecimento, por meio de uma orientação valiosa, segura e competente.

Agradeço aos professores Wilson Penteado e Paula Barreto que prontamente aceitaram participar da banca de qualificação e da banca de defesa desta dissertação, com seus *insights* atentos e perspicazes, por isso, agradeço as suas valiosas contribuições, que me propiciaram um maior amadurecimento em relação ao meu tema de estudo.

Aos colegas do mestrado, pela oportunidade de desfrutar de momentos tão agradáveis e enriquecedores.

Não posso deixar de agradecer a Wellington (Tchutchu), amigo de verdade e pra toda hora, que me ajudou nos momentos difíceis, incentivando a continuar nunca desistir. Pelo apoio em todos os momentos, pelo compartilhamento e trocas de experiências. Obrigado por ser esse grande amigo.

A todos os trabalhador@s da construção civil que se colocaram a disposição para o desenvolvimento deste trabalho. Se não fosse a disponibilidade destes profissionais esta pesquisa não teria acontecido.

Neste sentido, deixo um agradecimento especial à França, dono da empresa pesquisada, que permitiu e articulou a realização do trabalho de campo nas dependências do canteiro de obra, criou-se ai uma grande amizade.

Aos funcionários da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, especialmente aos servidores e colaboradores do programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais que sempre se mostraram atenciosos e prestativos.

À Fundação de Amparo à Pesquisa da Bahia (Fapesb), expresso meus reais agradecimentos, pelo fomento desta pesquisa.

Enfim, obrigado a tod@s que estiveram comigo, que acreditaram e que torceram pelo meu sucesso em mais uma etapa da minha vida. A vocês, meu carinho, consideração e gratidão.

A todos o meu muito obrigado!

Tá vendo aquele edifício moço  
Ajudei a levantar  
Foi um tempo de aflição, era quatro condução  
Duas pra ir, duas pra voltar  
Hoje depois dele pronto  
Olho pra cima e fico tonto  
Mas me vem um cidadão  
E me diz desconfiado  
"Tu tá aí admirado ou tá querendo roubar"  
Meu domingo tá perdido, vou pra casa entristecido  
Dá vontade de beber  
E pra aumentar meu tédio  
Eu nem posso olhar pro prédio que eu ajudei a fazer  
(Zé Ramalho).

## RESUMO

A presença da mulher no mercado de trabalho vem aumentando consistente e significativamente nas últimas décadas. Estudar a inserção das mulheres na construção civil exige um olhar que supere a superficialidade deste problema, sendo necessário analisá-lo sob o ponto de vista das relações de gênero e suas repercussões sobre o mundo do trabalho. Entendendo que os homens e mulheres são socializados de maneira diferenciada, onde as diferenças biológicas são culturalmente naturalizadas para que assim haja uma diferenciação e hierarquia de gênero, é pensando desta forma que proponho entender o setor da construção civil, especificamente, o canteiro de obra. Um dos interesses da pesquisa é interpretar como se dá as relações hierárquicas de gênero bem como entender os diferentes papéis representados por homens e mulheres no espaço da construção civil, além de, perceber como se expressa a divisão sexual do trabalho. A dominação masculina acaba sendo um processo de construção social, que vem sendo reproduzida ao longo da história da humanidade, através de violência física, moral, psicológica e também simbólica. Se a partir de uma nova reconfiguração de gênero as mulheres estão adentrando no mercado de trabalho e principalmente na construção civil, pensar na presença feminina no espaço da construção civil é refletir a cerca das dinâmicas e articulações de gênero.

Palavras-chave: Divisão sexual do trabalho; Relações de gênero e raça; Canteiro de obra.

## **ABSTRACT**

The presence of women in the labor market has increased consistently and significantly in recent decades. Studying the insertion of women in civil construction requires a look that surpasses the superficiality of this problem, and it is necessary to analyze it from the point of view of gender relations and its repercussions on the world of work. Understanding that men and women are socialized in a differentiated way, where biological differences are culturally naturalized so that there is a gender differentiation and hierarchy, it is in this way that I propose to understand the construction sector, specifically, the construction site. One of the research interests is to interpret the hierarchical relations of gender as well as to understand the different roles represented by men and women in the civil construction space, as well as to understand how the sexual division of labor is expressed. Male domination ends up being a process of social construction, which has been reproduced throughout human history, through physical, moral, psychological and also symbolic violence. If from a new gender reconfiguration women are entering the labor market and especially in the civil construction. To think about the female presence in the civil construction space is to reflect about the dynamics and articulations of gender.

Keywords: Sexual division of labor; Gender and race relations; Construction site.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> - Via Expressa Baía de Todos os Santos .....	42
<b>Figura 2</b> - Corredor da Vitoria .....	52
<b>Figura 3</b> - Igreja de Nossa Senhora da Vitoria, ao fundo a construção na Mansão.....	53
<b>Figura 4</b> - Bombeamento do concreto para a obra, futura Mansão ao fundo. ....	54
<b>Figura 5</b> - Imagem do corredor que dá acesso aos barracões das empresas contratadas ...	55
<b>Figura 6</b> - Serviço de escoramento e contenção, realizados pela empresa João de Barro ...	56
<b>Figura 7</b> - Imagem captada durante o passeio na obra, trabalhadores montando as colunas de sustentação.....	57
<b>Figura 8</b> - Imagem captada durante o passeio na obra, trabalhadores preparando para concreta rampa de acesso a garagem .....	57
<b>Figura 9</b> - Imagem do primeiro cômodo do escritório .....	64
<b>Figura 10</b> - Imagem do cômodo da empresa destinado para deposito.....	64
<b>Figura 11</b> - Imagem do escritório da empresa no canteiro de obra.....	65
<b>Figura 12</b> - Passarela delimitada dá acesso ao interior da obra.....	75
<b>Figura 13</b> - Área destinada para carga e descarga de materiais e equipamentos.....	78
<b>Figura 14</b> - Trabalho em equipe, envolvendo vários profissionais .....	87
<b>Figura 15</b> - Reorganização espacial do escritório.....	89
<b>Figura 16</b> - A precária situação do escritório .....	89
<b>Figura 17</b> - Mapa do empreendimento Mansão Baía de Todos os Santos .....	92

## Gráficos

<b>Gráfico 1</b> - Taxas de crescimento do setor da construção civil 2004/2010.....	24
<b>Gráfico 2</b> - Total de mulheres com carteira assinada na construção civil .....	30

## Tabelas

<b>Tabela 1</b> - Comparativo PAC 1 e PAC 2.....	25
<b>Tabela 2</b> - Investimentos previstos por Cidades-Sede para a Copa-2014 .....	26
<b>Tabela 3</b> - Relação de trabalhador@s de carteira assinada em casa subsetor da construção civil.....	30
<b>Tabela 4</b> - Estoque de trabalhadores da construção civil de 2013 a 2016 .....	31

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURA

**ABNT** – Associação Brasileira de Normas e técnicas  
**ABRAMAT** – Associação Brasileira da Indústria de Materiais de Construção  
**BNDES** – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social  
**BRT** – Transporte Rápido por Ônibus  
**CAGED** – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados  
**CBIC** – Câmara Brasileira da Indústria da Construção  
**CLT** - Consolidação das Leis do Trabalho  
**CNAE** – Classificação Nacional de Atividades Econômicas  
**CONDER** – Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia  
**DIEESE** – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos  
**DNIT** – Departamento Nacional de Infraestrutura de Transporte  
**DRT** – Delegacia Regional do Trabalho  
**ETELF** - Escritório Técnico de Licenciamento e Fiscalização de Salvador  
**FGTS** – Fundo de Garantia por Tempo de Serviço  
**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
**IPHAN** – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional  
**MTE** – Ministério do Trabalho e Emprego  
**NBR** – Norma Brasileira  
**NRs** – Normas Regulamentadoras  
**OIT** – Organização Internacional do Trabalho  
**PAC** – Programa de Aceleração do Crescimento  
**PF** - Polícia Federal  
**PIB** – Produto Interno Bruto  
**PIS** – Programa de Integração Social  
**PLS** - Projeto de Lei do Senado  
**PMCMV** – Programa Minha Casa, Minha Vida  
**PPGCS** - Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais  
**PPP** – Parceria Público-Privado  
**RAIS** – Relação Anual de Informações Sociais  
**RF** – Receita Federal  
**RMS** – Região Metropolitana de Salvador  
**SEFAZ** – Secretaria da Fazenda  
**SEI** - Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da *Bahia*  
**SETPS** – Secretaria de Transporte Público de Salvador  
**SINDUSCON** – Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil  
**SMSL** – Sistema Metroviário de Salvador e Lauro de Freitas  
**SPM** – Secretaria de Promoção a Mulher  
**SUDECO** - Superintendência do Desenvolvimento do Centro-Oeste

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>CAPÍTULO I - CONHECENDO A CONSTRUÇÃO CIVIL E AS ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS DE INVESTIGAÇÃO</b> .....	21
1.1 Uma breve ambientação sobre o canteiro de obra .....	36
1.2 Percursos e percalços ate chegar ao <i>lócus</i> de pesquisa .....	39
1.3 Conhecendo o <i>lócus</i> de pesquisa e seu entorno. ....	47
1.4 A trajetória para delimitação do objeto de estudo .....	48
1.5 Percebendo o canteiro de obra.....	51
1.6 Estratégias metodológicas de investigação .....	66
<b>CAPÍTULO II - EDIFICAÇÃO DO CAMPO: conhecendo o canteiro de obra e os alicerces teóricos</b> .....	71
2.1 Um breve relato sobre o canteiro de obra .....	73
2.2 Dialogando com as Categorias Gênero e Raça .....	94
2.3 Divisão sexual do trabalho.....	102
<b>CAPÍTULO III - CANTEIRO DE OBRA, LUGAR PARA MULHER? Análise das entrevistas</b> .....	107
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	142
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	147
<b>APÊNDICES - A</b> .....	158
<b>APÊNDICES - B</b> .....	160

## INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade o mundo do trabalho se apresenta com novas configurações, os espaços profissionais para a mulher vêm crescendo significativamente com o passar dos anos, atividades culturalmente constituídas no imaginário social por indivíduos na condição masculina, vem crescentemente sofrendo alteração, as mulheres vem apropriando-se de postos de trabalho e profissões antes atribuídas apenas aos homens, podemos verificar a crescente participação feminina no segmento da construção civil. Porém, mesmo alcançando um maior espaço no mercado de trabalho, muitos são os desafios que as mulheres enfrentam, e que pretendemos apresentar nesta dissertação, visto que a trabalhadora é representada de forma desigual perante os homens, implicando assim, uma desigualdade marcada pelo sexismo. Chegar e se manter ao mercado de trabalho para estas, tem sido uma tarefa árdua, principalmente no setor da construção civil, contudo, as trabalhadoras vêm ganhando espaço.

Segundo Hoffmann e Leone (2004), a partir da década de 1970 o Brasil aumentou a participação feminina no mercado de trabalho, nessa mesma época o país passava por um processo de desenvolvimento econômico, como também um rápido crescimento industrial e urbano, essa tendência continuava a se afirmar nas décadas seguintes.

A presença das mulheres brasileira no mercado de trabalho vem aumentando de forma consistente e significativamente nas últimas décadas. Segundo dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do Ministério do Trabalho e Emprego, publicado pela Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC), o Brasil tem 3.094.153 operários da construção civil registrados, dentre estes 276.588 são mulheres de carteira assinada, na Bahia são 15.744 operárias, dados do estoque de trabalhadores da construção civil no ano de 2013, a indústria da construção civil vem crescendo nos últimos anos. Um exemplo dessa expansão vem ocorrendo na capital Baiana, prédios, viadutos, pontes, ou seja, diversos empreendimentos estão sendo construídos, e a mulher de forma direta ou indireta está inserida nessa realidade. A construção civil exerce um papel fundamental no país, devido à capacidade de gerar empregos diretos e indiretos, inclusive absorve grande parcela de mão de obra não qualificada (TAVARES, 2007).

Entender como as tarefas e atividades da construção civil são desenvolvidas é de suma importância para interpretar qual a relação estabelecida em uma sociedade que reproduz a desigualdade de gênero e raça em diversos espaços. Desta forma, HEILBORN e SORJ (1999, p. 200) apontam que, “o gênero integra um esquema de explicação sobre o social que funciona com um idioma refletindo determinadas estruturas de prestígio”, ainda segundo as autoras a desigualdade:

seria apropriada pelo mercado de trabalho que designaria lugares distintos e hierarquicamente dispostos para homens e mulheres determinando o acesso diferencial às ocupações, tarefas, perspectivas da promoção e treinamento, nível de rendimento e outros [...] Os mesmos empregos ou postos, quando destinados aos homens, adquirem outras características, são melhor remunerados e maiores oportunidades de promoção e treinamento são oferecidas. A discriminação das mulheres seria, então, explicada pela presença de ideologias de gênero que se inscrevem também no sistema produtivo e orientam práticas de gestão diferenciadas. Além da crítica à adoção de causalidades fixas, esta última abordagem estimula a pensar o gênero com o um sistema simbólico que organiza relações de poder, igualdades e desigualdades no mundo do trabalho e fora dele (HEILBORN e SORJ, 1999, p. 208).

A desigualdade é algo construtivo da sociedade que distingue homens e mulheres, desta forma, naturalizando as diferenças, como aponta Florestan Fernandes:

A estrutura racial da sociedade brasileira, até agora, favorece o monopólio da riqueza, do prestígio e do poder pelos brancos. A supremacia branca é uma realidade no presente, quase tanto quanto o foi no passado. A organização da sociedade impele o negro e o mulato para a pobreza, o desemprego ou o subdesemprego, e para o trabalho de negro. (FERNANDES, 2007, p.90).

Fazendo com que homens e mulheres negros sejam alocados para outros espaços, ou melhor, impondo postos de trabalho que vão coloca-los em situações de subalternidade perante o homem branco, tendo assim, uma sociedade organizada que leva os negros para o subemprego, lhe impelindo uma condição de desigualdade, que é marcada pela cor e gênero sendo estes demarcadores que age de forma interligada com os demais, agindo de forma mais forte, sobretudo na condição de trabalho da mulher negra (FIGUEIREDO, 2012).

As investigações das relações de gênero e raça possibilitam perceber as vinculações hierárquicas de poder que se configuram na sociedade entre homens e

mulheres, entre brancos e pretos e as desigualdades e discriminações do mercado de trabalho.

A dominação masculina acaba sendo um processo de construção social, que vem sendo reproduzida ao longo da história da humanidade, através de violência física, moral, psicológica e também simbólica (Bourdieu, 2007). Desta forma, naturalizando as desigualdade entre homens e mulheres, as desigualdades são culturalmente produzidas, onde regras são impostas aos sujeitos e se manifestam produzindo desigualdade. Durante a socialização de homens e de mulheres, que se constroem as dessemelhanças, desde cedo somos apresentados a coisas como: “isso é coisa de menino, isso não é coisa de menina” ou “menino brinca de carro, menina brinca de boneca”, esse processo de socialização contribui para a formação de pré-conceitos, que são apresentados e manifestados em relação a homens e mulheres. A dominação masculina é estrutural, neste sentido, está na base das culturas e em suas representações.

Desta forma, estudar o canteiro de obra local onde o corpo é extremamente utilizado e reconfigurado se tornando um mecanismo “ou ferramenta de trabalho frente às demais”, se faz necessário para entender as relações que envolvem os sujeitos. Como falar em corpo sem citar a Marcel Mauss, e sua obra *As técnicas do corpo* (1934). Para o autor o corpo evidencia-se como o intermédio primordial entre o indivíduo e o ambiente externo, sendo um instrumento principal de condução da experiência e o mundo ao redor, “corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. Ou, mais exatamente, sem falar de instrumento: o primeiro e mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico, do homem é o seu corpo” (MAUSS, 1974, p.217).

Então o corpo é um instrumento cultural que lê e codifica o mundo, neste sentido, pensar em homens e mulheres na construção civil é pensar como esse corpo está posto nas obras, como o gênero os distingue, o corpo é distintivo social. Sendo assim, é de suma importância interpreta-lo, percebe-lo e domina-lo com determinada técnica, e mais que isso, ver o corpo enquanto forma de linguagem (PEREIRA; ROMERO, 2008, MATOS; 2012).

Pensando nas desigualdades entre homens e mulheres e de como essas desigualdades são reproduzidas e de como as mesmas constroem hierarquias é que

Joan Scott aponta para a perspectiva de que gênero é uma categoria útil para análise histórica.

Joan Scott (1995) discute as relações de poder constituídas a partir do gênero, que está para a cultura, ou seja, de como questões e dinâmicas sócio-histórica ajudam a criar condições desiguais entre homens e mulheres, e mais que isso, a autora apresenta o gênero como uma categoria de análise que possibilita entender as dinâmicas de desigualdades entre homens e mulheres, apontando para a necessidade de se entender a história das mulheres para compreender, a partir dos diferentes contextos históricos, a desigualdade de gênero foi sendo elaborada.

O “gênero” torna-se uma forma de indicar “construções culturais” – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres “(SCOTT, 1995, p. 75)”.

De tal maneira que entender os processos de construções culturais é de suma importância, pois é a partir da relação entre os símbolos culturais e processos históricos que as desigualdades de gênero serão construídas. Na nossa sociedade, com o desenvolvimento do capitalismo industrial, o que se observa, portanto é o discurso de desqualificação de gênero, não oferecendo as mulheres subsídios para que estas sejam reconhecidas enquanto seres autônomos e/ou trabalhadores capazes de exercer qualquer tipo de atividade ou tarefa que lhe forem incumbidas. Tendo a construção civil como local inapropriado, talvez o mais fechado, o setor que mais reluta diante da entrada de mulheres.

O estudo surgiu do interesse em compreender como se constituem as relações de gênero em um ambiente historicamente ocupado na grande maioria por indivíduos do sexo masculino, que reproduzem um tipo de masculinidade exacerbada, onde os agentes utilizam-se de um discurso carregado de preconceitos, elegendo o homem como o único a ocupar determinadas funções e/ou atividades, atribuindo para isso critérios de qualificações ligados diretamente ao gênero. De acordo com Bourdieu (1995), as diferenças são construídas de maneira que os órgãos sexuais são sempre trazidos à cena social para representar a distinção entre homens e mulheres, de acordo com Maria Rosa Lombardi (2006).

a posição dos homens e das mulheres na sociedade, de modo geral, e no mundo do trabalho, em particular, é hierarquizada, baseada em relações de dominação e de poder de um dos sexos sobre o outro, e é construída socialmente, alterando-se no tempo e no espaço. As relações sociais entre os sexos revestem-se de caráter antagônico e têm como cenário privilegiado de contenda a divisão do trabalho social entre os homens e as mulheres. (LOMBARDI, 2006, p. 45)

No livro *Sexo e Temperamento* de Margarete Mead, é apontado como a tessitura social e os seus códigos simbólicos contribuem para a construção do gênero apontando as diferenças de construção de gênero nas diferentes culturas bem como nos espaços sociais:

Nessa circunstância, assim como cada cultura cria de modo distinto, a tessitura social em que o espírito humano pode enredar-se com segurança e compreensão, classificando, recompondo e rejeitando fios na tradição histórica que ele compartilha com vários povos vizinhos, pode inclinar cada indivíduo nascido dentro dela a um tipo de comportamento, que não reconhece idade, nem sexo, nem tendências como motivos para elaboração diferencial. Ou então uma cultura apodera-se dos fatos relativamente óbvios de diferenças de idade, sexo, força, beleza ou das variações inusuais tais como pendor nato de visões ou sonhos e converte-os em temas culturais dominantes. (MEAD, 1935, p.20).

A partir de cada contexto social as relações de gênero vão sendo construídas por meio dos códigos culturais apresentados por dada cultura. Os sujeitos se entrelaçam com os fios sociais, com as regras que determinado grupo lhe apresenta. Porém, cada indivíduo, enquanto sujeito, constrói sua identidade tomando como base as diferenças sociais que se dão, na construção de gênero.

O gênero é diferenciador social, ou seja, aponta para as dessemelhanças entre mulheres e homens, demonstrando, como a partir da condição social de gênero, hierarquias sociais são criadas, bem como naturalizadas. De tal modo que historicamente o papel de homens e mulheres tem sido representado de forma desigual.

A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão do trabalho. (BOURDIEU, 2011, p.20).

Podemos apontar para a construção das identidades de gênero bem como para as construções de masculinidade e feminilidades, que são construídas a partir de um papel diferenciado entre homens e mulheres tendo uma abordagem diferenciada na socialização dos mesmos. Dessa forma Saffiotti (1987) defende que:

O processo de formação de identidade masculina é bastante complexa, dando-se de forma desigual e diferente daquele que ocorre com as mulheres. A identidade masculina se dá principalmente em termos negativos, ser homem é não ser mulher é rejeitar o que é feminino, o que contribui também para desvalorização social da mulher e para subordinação feminina (SAFFIOTTI, apud, PERREIRA, 2008, p. 93).

A pesquisa base para este trabalho tem como lócus o canteiro de obra na cidade de Salvador, um grande empreendimento localizado no Bairro da Vitória<sup>1</sup>, zona nobre da capital baiana.

Este trabalho tem como intuito investigar as relações hierárquicas de gênero/raça. De acordo com Carlos Hasenbalg (1987, p.46), a “raça funciona como mecanismo de seleção social que determina uma medida bastante intensa qual a posição que as pessoas vão ocupar”, como também ajuda a entender os diferentes papéis representados por homens e mulheres no espaço da construção civil, além de perceber como se expressa a “divisão sexual do trabalho” (KERGOAT, 2009, p. 67), em um canteiro de obra em Salvador – Bahia.

Pensar nas representações sociais segundo Herzlich (2005, p. 59) é “um modo de pensamento sempre ligado à ação, à conduta individual e coletiva, uma vez que ela cria ao mesmo tempo as categorias cognitivas e as relações de sentido que são exigidas”. Esses elementos implicam em um sistema de códigos que os sujeitos partilham de formas bem específica e levam a representações próprias:

Geralmente reconhece-se que as representações sociais – enquanto sistema de interação que reagem nossa relação com o mundo e com os outros – orientam e organizam as condutas e as comunicações sociais. Da mesma forma elas intervêm em processos variados, tais como a difusão e a assimilação dos conhecimentos, o desenvolvimento individual e coletivo, a definição das identidades pessoais e sociais, a expressão dos grupos e as transformações sociais. (JODELET, 2001, p.22).

---

<sup>1</sup> Descreverei melhor o canteiro de obra no primeiro capítulo.

Sendo assim, as representações expressam aqueles indivíduos ou grupos que as forjam e dão uma definição específica ao objeto, por eles representados. Esta definição partilhada pelos membros de um mesmo grupo que constrói uma visão consensual da realidade para esse determinado grupo. (JODELET, 2001, p. 23)

Deste modo, pensar nas representações sociais sobre o corpo negro, interpretando assim as diferentes técnicas corporais dentro do espaço da obra, descrevendo a relação corpo e espaço, analisando as configurações de gênero no espaço antes ocupado amplamente pelos homens e que na contemporaneidade as mulheres vêm adentrando, além de compreender e analisar como se constitui a masculinidade.

Sherry Ortner (1979) apontam que a mulher é sempre posta para o natural e o homem como ser social, o que implica em reproduzir as desigualdades e colocar a mulher em uma situação de desigualdade perante o homem, Picitelli, acrescenta que:

A subordinação da mulher não é justa nem natural como chegou a ela e se mantém? [...] As diversas correntes do pensamento feminista afirmam a existência da subordinação feminina, mas questionam o suposto caráter natural dessa subordinação. Elas sustentam, ao contrário que essa subordinação é decorrente das maneiras como as mulheres é construída socialmente (PICITELLI, 2002, p.9).

Desta forma, é importante buscar entender as desigualdades criadas no campo da construção civil e suas dinâmicas, neste sentido a incursão sócio antropológica nesta seara poderá trazer contribuições para as discussões de gênero, construção do corpo, masculinidade e feminilidade bem como as relações raciais, contribuindo assim para diversos campos de conhecimentos, em especial para as ciências sociais.

Embora alguma dessas temáticas esteja em voga tanto na mídia quanto na academia, poucos são os estudos científicos que dão conta da participação feminina na indústria da construção civil, observando as relações estabelecidas nessa dinâmica, além disto, poucas são as análises tendo como lócus de pesquisa o contexto baiano, a exemplo: (SANTOS et al, 2012; AVELAR; MONTEIRO, 2007; SILVA; ROCHA 2014). Situação que mostra a relevância desta pesquisa para a compreensão de estudos relacionados à temática.

Quanto à estrutura desta dissertação, ela é composta pela presente introdução, por três capítulos e pelas considerações finais.

O primeiro capítulo \_ **Conhecendo a construção civil e as estratégias metodológicas de investigação** \_ Faz um breve relato do setor da construção civil no Brasil, apresentando o que é um canteiro de obra; apontando os critérios para escolha do objeto e o lócus de pesquisa, além de apresentar os aspectos metodológicos da pesquisa.

O segundo capítulo \_ **Edificação do campo: conhecendo o canteiro de obra e os alicerces teóricos** \_ Aborda a perspectiva de gênero, raça e divisão sexual do trabalho, além de relatar as visitas a campo, trazendo as dinâmicas que envolvem o ambiente da construção civil.

O terceiro capítulo \_ **Canteiro de obra, lugar para mulher: Análise das entrevistas** \_ Apresento a análise das entrevistas, discutindo acerca da entrada da mulher no universo majoritariamente masculino, descrevendo assim as relações estabelecidas, apontando as barreiras enfrentadas e superadas pelas trabalhadoras, além de tratar da divisão sexual do trabalho e das hierarquias institucionalizadas.

## **CAPÍTULO I - CONHECENDO A CONSTRUÇÃO CIVIL E AS ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS DE INVESTIGAÇÃO**

O setor da construção civil é um dos setores chave para o desenvolvimento da economia nacional, segundo Teixeira, Gomes e Silva (2011), o setor da construção civil é considerado de grande importância para qualquer economia mundial, principalmente pelo tamanho de seu produto como proporção do produto total da economia, sendo capaz de estimular o mercado interno, ampliando assim os investimentos, aumentando o nível e a oferta de emprego, conseqüentemente levando o bem-estar social e econômico do país (Castelo, 2006).

De acordo com Bazzo e Pereira (2007, p. 37), “é difícil estabelecer o início da atividade da construção civil no Brasil”, porém, segundo Claro (2010) podemos afirmar que os índios já possuíam diversas técnicas de construção de suas casas (ocas), onde as construções indígenas eram:

Resultado de uma evolução de centenas ou milhares de anos pela interação do homem com o ambiente no qual vive [...] No caso da arquitetura indígena, nos deparamos com uma arquitetura vernácula, na qual os próprios ocupantes desenvolveram, com material local, formas e estruturas que não destoam com o ambiente. (CLARO, 2010, p.34)

Ainda de forma muito rudimentar, vieram às primeiras obras de defesa, muros e fortins. Mas a engenharia, tal como na época era entendida, parece ter entrado no Brasil através das atividades dos oficiais-engenheiros e dos mestres construtores de edificações civis e religiosas. O desenvolvimento da engenharia no Brasil manteve-se por muito tempo atrasado. (BAZZO e PEREIRA, 2007, p. 22)

O auge da construção civil teve início na década de 1940, durante o governo de Getúlio Vargas o setor a construção civil obteve grandes avanços. Já durante o regime militar, por volta dos anos 1970 (TEIXEIRA e CARVALHO, 2005), surgiram grandes investimentos nesse setor, principalmente com o objetivo de diminuir o déficit no número de moradias, nesse momento as cidades começam a crescer com mais intensidade, com a construção de altos edifícios, o surgimento de grandes pontes, a implantação de novos sistemas de saneamento básico, a pavimentação de

vias e estradas a implantação do metrô, essas e outras transformações começaram a fazer parte dos grandes centros urbanos (BAZZO e PEREIRA, 2007).

Já Kureski et al. (2008), destaca que a construção civil cumpre um papel de forte alavancagem nos diversos setores que lhe servem de fornecedores de insumos, desta forma, Gondin et al. (2004) analisa a cadeia produtiva da construção civil e descreve a forte ligação com outros setores de atividades como a indústria de serviços, de equipamentos e de matérias-primas, essa interligação gera efeitos que estimulam e fomentam positivamente outros setores.

Sendo assim, a complexidade do setor da construção civil é decorrente de vários aspectos como: os governamentais, os tecnológicos e não se esquecendo dos sociais e econômicos, sendo estes os que mais impactam a população, especialmente nos agentes que atuam diretamente e indiretamente nos segmentos correlacionados, estes por sua vez envolvem interesses do governo, das empresas e do cidadão.

De acordo com Teixeira e Carvalho (2005), o setor da construção civil contribui para o desenvolvimento econômico de forma direta e indireta, favorecendo assim para a produção, emprego, renda e arrecadação, ainda de acordo com as autoras:

A forte interligação da indústria da construção com outras atividades permite classificá-la como um setor-chave da economia brasileira. (...) é uma atividade que complementa a base produtiva e cria externalidades positivas que aumentam a produtividade dos fatores de produção e incentivam as inversões privadas, sendo de importância estratégica para a sustentação do desenvolvimento econômico e social brasileiro (TEIXEIRA; CARVALHO, 2005, p. 9).

Este setor tem um forte poder de encadeamento, como afirma Santos et al. (2011), ao dizer que a construção civil tem uma forte influência sobre a cadeia produtiva do setor, atestando o grande potencial na geração de atividades de “complementaridades e externalidades positivas” em toda a cadeia, tanto sobre os setores fornecedores de insumos como os setores consumidores.

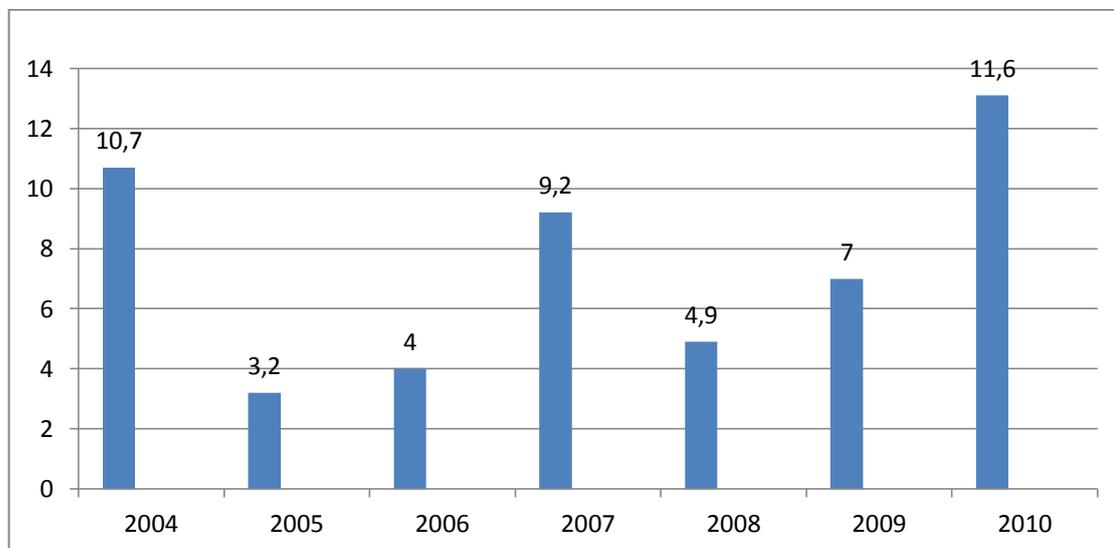
De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), através da sua Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE), o setor de construção civil é dividido por subsetores onde suas atividades se inter-relacionam e apresentam dinâmicas entre esses mercados, estando postas em três divisões: 1 -

Construção de edifícios - compreende: a construção de edifícios para usos residenciais, comerciais, industriais, agropecuários e públicos, também estão compreendidas nesta seção as reformas, manutenções correntes, complementações e alterações de imóveis; a montagem de estruturas pré-fabricadas *in loco* para fins diversos de natureza permanente ou temporária; 2 - Obras de infraestrutura - compreende: a construção de autoestradas, vias urbanas, pontes, túneis, ferrovias, metrô, pistas de aeroportos, portos e redes de abastecimento de água, sistemas de irrigação, sistemas de esgoto, instalações industriais, redes de transporte por dutos (gasodutos, minerodutos, oleodutos) e linhas de eletricidade, instalações esportivas e outros; por fim a 3 - Serviços especializados para construção - compreende a execução de partes de edifícios ou obras de infraestrutura, tais como: a preparação do terreno para construção, a instalação de materiais e equipamentos necessários ao funcionamento do imóvel e as obras de acabamento, em geral, as empresas classificadas nesta divisão são especializadas em um determinado tipo de serviço para a construção civil que requer a utilização de técnicas e equipamentos especiais para a sua execução, como exemplo: as fundações, a concretagem de estruturas, a colocação de revestimentos de qualquer material em paredes e pisos, a instalação de andaimes, a construção de coberturas, e tantos outros. O interesse maior nessa pesquisa corresponde à primeira divisão acima, a construção de edifícios, por se tratar do lócus de pesquisa, neste caso a construção de um edifício para fins habitacionais.

O setor da construção civil nacional até o ano de 2003 vivenciou um período de insegurança, marcado pelas restritas fontes de recursos, pela falta de investimento, pela pequena oferta de financiamento imobiliário, dentre tantos outros motivos. Porém, a partir do ano de 2004 segundo o estudo setorial da construção civil realizado pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE, 2007), apontava uma melhora e uma provável expansão para o setor da indústria da construção civil, os indicadores mostraram um aumento nos investimentos, principalmente na área de infraestrutura e o aumento do número de unidades habitacionais, os índices de crescimento acabaram se confirmando, o setor ressurgiu superando até as negativas taxas de crescimento geradas pela crise econômica financeira internacional de 2009, já no ano de 2010 o desempenho do

setor seguiu a tendência nacional, com um aumento na taxa de crescimento chegando a 11,6% ocupando o melhor desempenho dos últimos anos.

**Gráfico 1** - Taxas de crescimento do setor da construção civil 2004/2010



Fonte: DIEESE, 2011

No ano de 2010 o setor apresentou uma boa fase, fomentada por um conjunto de medidas que serviu como “mola propulsora”, impulsionando a indústria da construção civil, inclusive toda a cadeia que gira em torno do setor, o pacote de medidas tinha como objetivo: o aumento de crédito, onde os bancos públicos seriam um dos financiadores, a diminuição das taxas de juros, como também a redução de impostos, maior oferta de obras públicas, essa talvez tenha sido uma das principais medidas para alavancar o setor, que acabou gerando o aumento do emprego formal, o crescimento da renda familiar, maior concorrência entre instituições financeiras, maior oferta de crédito imobiliário, redução nas taxas de juros.

De acordo com a DIEESE, os investimentos públicos e privados contribuíram bastante para estimular o crescimento do setor, dois grandes programas tiveram destaque no crescimento do setor, o lançamento do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), ligado à área de infraestrutura e o Programa Minha Casa, Minha Vida (PMCMV) ligada à área de habitação. Este último, vem apresentando crescimento acentuado, em especial a partir de 2009, destinado a suprir parte da demanda por moradias da população, especialmente das famílias com menores faixas de renda.

O Programa Minha Casa Minha Vida, foi regulamentado pela Lei 11.977 de 07/07/2009, tendo sido pensado e construído com o objetivo de minimizar ou sanar o déficit histórico e expressivo existente na área habitacional, como também, para combater os efeitos da crise econômica internacional de 2008 / 2009 que até certo ponto afetou o país. Com receio que os efeitos da crise abalasse ainda mais a economia gerando profundos impactos sobre o emprego e a renda da população, o PMCMV entrou em ação. Mas nada é por acaso, sabe-se que o setor da construção civil tem suas peculiaridades, e uma delas, talvez a mais impactante seja a possibilidade de gerar empregos diretos e indiretos, tanto dentro do seu setor como em outros, já que a construção civil depende de outros segmentos, engloba uma variedade de subsetores, com isso, conseqüentemente melhora os indicadores da economia e minimizar o déficit relevante de moradias existente, não só nas capitais e regiões metropolitanas como também e outras cidades do interior.

Já o Programa de Aceleração do Crescimento foi lançado em 28 de janeiro de 2007, criado pelo governo federal, engloba um conjunto de políticas econômicas, planejadas, e tem como objetivo acelerar o crescimento econômico do país, prevendo investimentos de grande aporte financeiro, segundo o Ministério do Planejamento (2007) o valor total direcionado para o programa PAC 1 girava em torno de R\$ 503,9 bilhões até 2010, mas, segundo dados do governo gastou-se R\$ 638 bilhões, tendo como prioridades o investimento em infraestrutura, em áreas como saneamento, habitação, transporte, energia e recursos hídricos. Já o PAC 2 foi lançado em 29 de março de 2010 e prevê recursos da ordem de R\$ 955 bilhões.

**Tabela 1** - Comparativo PAC 1 e PAC 2

COMPARATIVO DE INVESTIMENTO ENTRE PAC 1 E PAC 2		
<b>Eixos</b>	<b>PAC 1</b>	<b>PAC 2</b>
Logística	104 Bilhões	104 Bilhões
Energia	295 Bilhões	461 Bilhões
Social e Urbano	239 Bilhões	389 Bilhões
<b>Total</b>	<b>638 Bilhões</b>	<b>955 Bilhões</b>

Fonte: Ministério do Planejamento (2010)

De acordo com o Ministério do Planejamento (2015), o Programa de Aceleração do Crescimento durante todos esses anos de vigência, tem sido de

extrema importância para a geração de emprego e renda formal e informal em todo o setor da construção civil, como também, nos outros setores e segmentos que fazem parte da cadeia produtiva, além de promover o crescimento econômico do país.

A expectativa de investimento no setor sinalizava para um aquecimento da indústria brasileira de construção civil, principalmente com o surgimento de novos e gigantescos empreendimentos como: as obras de infraestrutura de transporte e logística, a construção da Hidrelétrica de Belo Monte, a exploração do pré-sal, a realização da Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos 2016.

O BNDES junto com o Governo é um dos principais financiadores dessas obras, fomentando os investimentos e contribuindo para o desenvolvimento da região, além desses financiadores há também a participação em menor escala das esferas municipais e estaduais.

Os investimentos previstos em obras de infraestrutura urbana e a construção e/ou reforma de estádios para a Copa do Mundo 2014, na grande maioria correspondem a obras de infraestrutura urbana concentradas nas cidades sede. Os investimentos maiores se concentram na construção das Arenas (estádios de futebol), na reforma dos Aeroportos (com o objetivo de dar conta da demanda e atender suficientemente os frequentadores) e nas obras de infraestrutura urbana, ligadas a mobilidade, todo esse aparato corresponde a R\$ 15,4 bilhões em investimentos segundo tabela abaixo.

**Tabela 2** - Investimentos previstos por Cidades-Sede para a Copa-2014

Investimentos previstos por Cidades-Sede para a Copa-2014	
<b>Cidade-Sede</b>	<b>Valor (R\$ milhões)</b>
Manaus (AM)	1837,80
Fortaleza (CE)	1031,60
Natal (RN)	695,00
Recife (PE)	1168,00
Salvador (BA)	1131,30
Belo Horizonte (MG)	1431,60
Rio de Janeiro (RJ)	1910,00
São Paulo (SP)	3096,50
Curitiba (PR)	603,90
Porto Alegre (RS)	498,60

Cuiabá (MT)	894,70
Brasília (DF)	1101,00
<b>Total</b>	<b>15400,00</b>

Fonte: Ministério do Esporte (2010) e IBGE (PIB de 2010)

A realização da copa do mundo de 2014 em solo brasileiro trouxe excelentes oportunidades para todo segmento, sendo considerado como um dos pilares para o crescimento nacional (CBIC, 2016; ABRAMAT, 2015), já que o evento englobava uma serie de outros empreendimentos como: a construção e/ou ampliação do sistema de metrô, trem e Transporte Rápido por Ônibus (BRT), ampliação e reforma de aeroportos, a construção de novas vias expressas para desafogar o trânsito nos locais de competição, a construção, reforma e/ou ampliação de doze estádios de futebol escolhidos para realização dos jogos. Paralelo à copa, mas, com uma proposta bastante semelhante vinha os Jogos Olímpicos de 2016, evento que também trouxe euforia para o setor e reforçava a sensação de crescimento constante e economia forte.

A construção civil é uma relevante atividade econômica, dentre suas tantas potencialidades, destaque para a grande capacidade de gerar vagas diretas e indiretas no mercado de trabalho, absorvendo com isso elevada parcela de mão-de-obra, tanto qualificada quanto não qualificada (TOMASI, 1991).

Porém o surgimento de novas fontes de trabalho trouxe grandes desafios a serem enfrentados pelo segmento, há começar com a falta de mão de obra qualificada em toda a cadeia produtiva, a deficiente gestão empresarial nos canteiros de obras, a precária gestão de investimentos, além de outras dificuldades que acabaram acometendo o setor.

De acordo com estudos do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE, 2011), de janeiro a dezembro de 2010, foram gerados 254.178 novos empregos de carteira assinada no setor da construção civil. De acordo com a Câmara Brasileira da Construção Civil (CBIC), o PIB da Construção Civil no ano de 2010 foi de aproximadamente R\$ 165 bilhões, o correspondente a 5,3% do PIB total do país.

O Brasil vivenciou uma excelente fase de desenvolvimento e crescimento econômico, com indicadores favoráveis, que mostrava que a economia nacional em todos os setores indicava crescimento e expansão de mercado, mas, essa fase de abundância chegou ao fim para alguns seguimentos, e um deles foi à indústria da

construção civil, em 2014 o cenário econômico apresentava-se desfavorável para o setor, de acordo com os estudos da CBIC, o número de vagas diminuiu desde abril de referido ano, nesse período foram fechados aproximadamente 250 mil postos de trabalho, nesse mesmo ano o setor encolheu 2,6%, números que chamam atenção e que revela o tamanho da recessão que se aproximava.

Os indicadores já mostravam redução dos investimentos e desaceleração do setor, essa nova realidade se formou através de uma conjuntura de fatores, como: o atraso em pagamentos principalmente por parte do governo, a elevação da carga tributária, a falta de demanda, aumento da inflação, crescimento do desemprego somado ao recuo da economia e à crise política instaurada no país, obrigando assim, o mercado brasileiro da construção civil vive uma crise sem precedentes.

Evidentemente que a indústria da construção civil não é o único segmento que sofre com a retração da economia no país, todos os setores sofrem, portanto a crise acaba gerando um efeito dominó em toda a economia, afetando direta ou indiretamente todos os segmentos econômicos do país, causando uma desarmonia no sistema econômico brasileiro.

Dentre as principais dificuldades em reverter essa situação estão à volta da inflação, à elevação das taxas de desemprego, o aumento de juros aliado à redução de crédito, e por fim não menos importante, a crise política conjugada com a falta de confiança no governo.

A indústria da construção civil acaba sendo um termômetro da economia no país, se os canteiros de obras estão parados, alguma coisa está errada na economia nacional, nesse momento o setor passa por turbulência e incertezas.

O setor da construção civil tem alguns problemas, e um deles é a rotatividade da mão de obra, isto é, o fluxo de entrada e saída de trabalhadores é muito grande. Uma provável explicação está na particularidade do próprio processo produtivo, os trabalhadores são contratados por um determinado período ou para uma determinada etapa da construção, neste caso, o tempo de trabalho é estabelecido por contrato temporal ou empreitada, sendo assim, o desligamento do operário ou o término do contrato de trabalho está relacionado diretamente com término da obra e/ou o final da etapa.

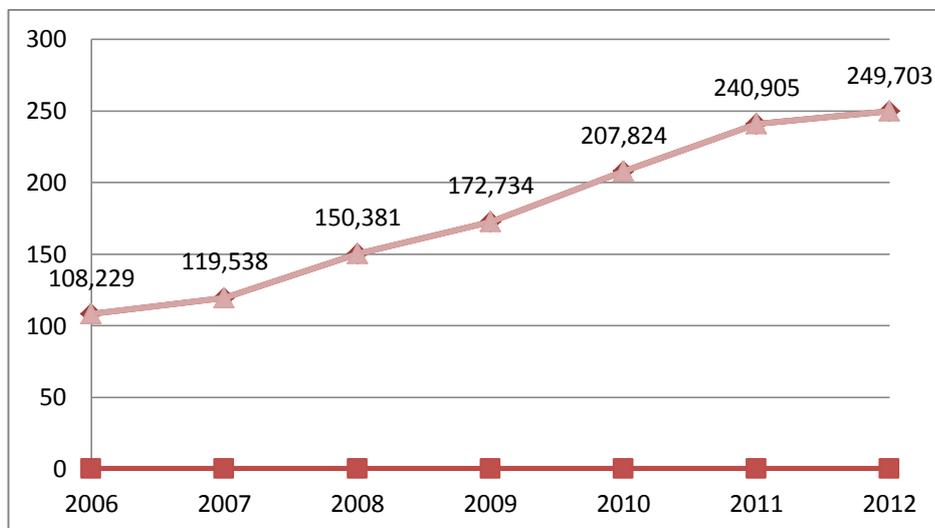
A presença da mulher nesse setor ainda é vista de forma estranha. Como veremos neste trabalho, o ramo da construção civil foi construído simbolicamente

como espaço masculino, e até hoje mantem esse atmosfera masculinizada, porém, algumas autoras como: BRUSCHINI (1998; 2007), SILVA (2013), ROMCY (2013), RESENDE (2012), SÁ (2010), sinalizam que as mais diversas atividades inerentes ao referido tema, que eram desempenhadas tradicionalmente por homens, agora também estão sendo executada de forma crescente por mulheres, apontando que “enquanto as taxas de atividade masculina mantiveram patamares semelhantes, as das mulheres se ampliaram significativamente” (BRUSCHINI, 2004, p. 27). O Boletim Mulher e Trabalho do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero (2015), aponta para o processo de “feminização” no setor da construção civil e também para o aumento de postos de trabalho ocupados pelo contingente de mulheres.

Além do crescimento no setor da construção civil, ocorreu também à ampliação do número de mulheres contratadas neste setor, o que aponta para o cumprimento de políticas que contemplem a igualdade de gênero, alguns programas e medidas vêm favorecem a inserção de mulheres no setor, como: O Programa Mulheres Construindo Autonomia na Construção Civil, da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (SPM) tem o propósito de fortalecer e promover a “Autonomia Econômica e Igualdade no Mundo do Trabalho com Inclusão Social”, que tem como objetivo a promoção da autonomia econômica e financeira das mulheres, atuando diretamente na qualificação e na formação de mulheres para inserção no mercado da construção civil. Outro projeto é Mulheres na construção, desenvolvido pela Superintendência do Desenvolvimento do Centro-Oeste (SUDECO), órgão vinculado ao Ministério da Integração Nacional, este projeto atende mulheres beneficiárias dos programas sociais de transferência de renda, oferecendo qualificação profissional ligada à construção civil. De iniciativa privada o Projeto Mão na Massa, de iniciativa da engenheira civil, Deise Gravina, tem como publico mulheres em situação de vulnerabilidade social e visa à qualificação profissional e o fomento destas no mercado de trabalho. Outra medida que aguarda para entra em ação é o Projeto de Lei do Senado (PLS) 323/2012, onde estabelece que obras e serviços contratados pelo governo tenha um percentual mínimo de 12% de mão de obra feminina. Outra atitude que favorece a inserção da mulher na construção civil vem sendo adotada por vários estados e municípios, é a criação de leis, que estabelecem a obrigatoriedade das empresas

contratadas para exercer atividades no segmento da construção civil a admitirem mulheres, cada lei estipula uma cota e/ou porcentagem.

**Gráfico 2** - Total de mulheres com carteira assinada na construção civil



Fonte: MTE / CAGED (2012)

**Tabela 3** - Relação de trabalhador@s de carteira assinada em casa subsetor da construção civil.

ANO	CONSTRUÇÃO DE EDIFÍCIOS		OBRAS DE INFRAESTRUTURA		SERVIÇOS ESPECIALIZADOS	
	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens
2007	54.258	718.472	41.980	610.393	23.300	345.618
2008	66.307	852.125	54.362	720.109	29.712	414.897
2009	77.080	957.057	60.727	788.111	34.927	476.086
2010	96.772	1.197.149	67.065	847.985	43.987	588.540
2011	109.491	1.309.243	79.692	920.170	51.722	679.718

Fonte: MTE / CAGED / RAIS (2012)

De acordo com os dados do Ministério do Trabalho e Emprego (2012), através dos seus bancos de dados o CAGED e o RAIS, mostraram a escalada na contratação de mulheres de carteira assinada, além de todo o ambiente favorável para o crescimento, vale ressaltar as medidas de fomento promovidas tanto pelos poderes públicos, como também iniciativas privadas.

De acordo com os dados da tabela, usando como recorte os anos de 2007 até 2011, a entrada de mulheres no setor da construção civil foi maior no segmento de construção e edificação onde dobrou o número de trabalhadoras contratadas

passando de 54.258 para 109.491, um saldo de 55.233, seguindo essa mesma lógica o segmento de serviços especializados passou de 23.300 para 51.722, alcançando a meta de 28.422 novas contratações de carteira assinada, não menos importante o setor de obras de infraestrutura teve um saldo de 37.712 novas contratações. Já para os homens o cenário não foi tão diferente, houve um crescimento bastante significativo nas contratações, como o esperado, principalmente levando em consideração a grande demanda por trabalhadores e o pico que o setor vinha passando.

Outro fator de grande relevância para o aumento da inserção dessas mulheres foi o trabalho de conquista de espaço em um ambiente masculinizado, onde essas trabalhadoras, através de muito suor, trabalho e competência conquistaram seu lugar, o mérito também é para essas guerreiras.

A tendência é que ainda mais mulheres ingressem nesse mercado, graças a crescente valorização de seus atributos profissionais e a criação de várias leis de incentivo para empregar a mão de obra feminina no mercado da construção. Isso nos leva a refletir, e levantar diversos questionamentos dentre eles: **que local a mulher ocupa no canteiro de obra?**

Tomando como base esse questionamento, procuramos investigar qual o lugar que a mulher trabalhadora da construção civil ocupa dentro do canteiro de obra, ou seja, qual a função e/ou cargo estas operarias conquistam em um setor predominantemente masculino e carregado de concepções machistas e sexistas, que reproduzem a desigualdade de gênero no ambiente de trabalho. Desta forma, queremos saber como ocorre à inserção da mulher e os caminhos que levou a entrada e/ou estadia neste setor.

Os números abaixo mostram um panorama geral de trabalhador@s do setor da construção civil contratados de carteira assinada, demonstrando que ocorreu um aumento do desligamento de trabalhador@s com o passar dos anos.

**Tabela 4** - Estoque de trabalhadores da construção civil de 2013 a 2016

Período	Brasil	Nordeste	Bahia	Salvador	RMS
2013	3.125.773	698.569	188.266	90.540	121.708
2014	3.065.216	678.198	174.688	80.308	108.307
2015	2.651.124	567.456	140.874	68.956	93.557
2016	2.299.158	485.704	126.374	58.713	83.351

Fonte: MTE / CAGED (2017)

A tabela acima mostra a diminuição no estoque de trabalhadoras da construção civil, a planilha revela uma redução gradativa de trabalhadores de carteira assinada de 2013 até 2016 em todas as seções, os números mostram que no cenário nacional ocorreu 826.615 demissões, já no Nordeste 212.865, a Bahia com 61.892, Salvador amargou 31.827 demissões e Região Metropolitana de Salvador 38.357. Apesar de tudo, o setor vem se adaptando a essa nova e cruel realidade, de forma otimista e esperançosa.

O grande número de obras em andamento em todo o setor da construção civil na Bahia impulsionou o desenvolvimento econômico do estado, de acordo com dados da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), de 2009 a 2012 o Estado da Bahia aparece numa posição bastante favorável entre as unidades da Federação, ocupando a quarta posição em termos de geração de empregos formais, ficando atrás dos Estados São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, em termos de investimento no setor da construção civil a Bahia ocupa a sexta colocação no âmbito nacional.

A indústria baiana de construção civil é muito importante na matriz produtiva baiana, sobretudo, por sua capacidade de gerar empregos. Trata-se, portanto, de segmento industrial prioritário em projetos de aceleração do desenvolvimento do Estado da Bahia. (LOIOLA e QUINTELLA, 1999, p.41)

Os autores acima destacam a relevância do setor da construção civil para a economia no Estado, descrevendo a importância deste na engrenagem do desenvolvimento econômico estadual.

De acordo com o Ministério do Planejamento (2017) no estado da Bahia existem 3387 empreendimentos nos três grandes eixos do programa que são: infraestrutura energética com 188 empreendimentos, infraestrutura logística com 51 empreendimentos e a infraestrutura social e urbana com 3148 empreendimentos este eixo corresponde a grande maioria dos programas de investimentos.

Apesar do grande número de obras e investimentos o cenário atual vivenciado pela indústria da construção civil é delicado, requer cuidados específicos, já que o setor tem suas particularidades, assim como a economia nacional que passa por dificuldades, e procura uma saída. O segmento da construção civil deve também criar meios para superar essa crise, pois, o Brasil tem uma grande

interdependência entre o desempenho da indústria da construção civil e o crescimento da economia nacional.

Nos últimos anos o setor da construção civil vem passando por severa desaceleração, a economia brasileira começou a apresentar sinais de colapso, afetando toda a cadeia produtiva do país. A construção civil viveu anos de glória, alcançou índices nunca imaginados, mas, fraquejou e vem passando por alguns apuros, com tudo, vem se reerguendo a passos lentos, apesar da taxa de juros pouco atrativa, crédito restrito, desemprego em todos os níveis, escândalos e recessão.

Não posso deixar de falar na crise econômica e política que levou o setor da construção civil a situação que vem passando, O setor da construção civil vive uma crise sem precedentes, de acordo com a pesquisa divulgada pela revista Melhores e Maiores<sup>2</sup> publicado no ano 2015, a rentabilidade do setor caiu de 11,2% em 2014 para 2,3% em 2015, os dados demonstram que o setor sofreu uma redução sobre os investimentos, ainda segundo a publicação, das 500 maiores empresas do país, 23 atuam no setor da construção civil, destas apenas três conseguiram crescer no referido ano. Esse panorama mostra a grande dificuldade econômica que o setor vive

Vários fatores contribuíram para esse desastroso cenário, como: Aumento dos juros, restrição no crédito, desemprego e tantos outros. Não bastando às crises política e econômica que atormenta o Brasil, surge outro elemento, o esquema enraizado de corrupção instalado nas mais diversas esferas do poder público e privado, que subsidiou a crise, vem agravando ainda mais a situação do setor.

Com isto, surgiram as diversas operações de investigação tanto na polícias civis de alguns estados como da Polícia Federal (PF), são várias as frentes de investigação e combate a corrupção no setor da construção civil no Brasil, como também em outros setores e segmentos da economia, porém, a que mais nos chama atenção devido à repercussão e magnitude do esquema construído é a conhecida “Operação Lava Jato<sup>3</sup>”, responsável pela prisão de diretores das

---

<sup>2</sup> A revista Melhores e Maiores, faz parte da Editora Abril, onde avalia o economia, mercados financeiros, tecnologia, marketing, gestão. Sua publicação é anuário, e tem como objetivo principal divulgar o ranking financeiro das grandes empresas no país. Tem grande prestígio na área empresarial e econômica do Brasil.

<sup>3</sup> Operação Lava Jato é um conjunto de investigações em andamento pela Polícia Federal do Brasil, iniciada em 17 de março de 2014, a operação recebeu esse nome devido ao uso de uma rede de lavanderias e postos de combustíveis para movimentar valores de origem ilícita. A investigação é tão grande que está sendo dividida em fases, atualmente existem 38, a operação já cumpriu mais de

principais empreiteiras do país e de personagens políticos, as investigações deram início devido às fraudes na Petrobras, que acabaram levando a descoberta de uma verdadeira teia de corrupção envolvendo agentes do poder público e privado, em prol de vantagens e benefício próprio e/ou para terceiros e/ou determinados grupos, essas confrarias criaram verdadeiros conchavos para o detrimento de crimes contra o patrimônio público, de corrupção ativa e passiva, gestão fraudulenta, lavagem de dinheiro, organização criminosa, obstrução da justiça, operação fraudulenta de câmbio e recebimento de vantagens indevidas.

Todo esse esquema chegou até o setor da construção civil e encontrou um ambiente favorável para se expandir e tomar proporções inimagináveis, envolvendo além da iniciativa privada, os poderes executivo e legislativo e talvez até o judiciário.

Pensando no cenário baiano temos um recente escândalo que envolve o setor da construção civil e agentes públicos, neste caso dois ministros que acabaram deixando os cargos após a publicização. Conhecido na mídia como “o caso Geddel x Calero”, deixou o Governo Federal de saia justa, já que Marcelo Calero ex-ministro da Cultura acusou o então ministro da Secretaria de Governo, Geddel Vieira Lima de assediá-lo.

O político Geddel é muito influente na Bahia, ele é dono de um dos apartamentos no prédio de luxo que estava sendo erguido na área histórica da capital baiana, o apartamento está avaliado em 2,6 milhões, e ficaria no 23º andar do prédio (neste caso não seria construído se o embargo da obra continuasse), o empreendimento em questão está localizado na Ladeira da Barra, batizado de “La Vue”, o edifício está sendo construído em meio a locais históricos da capital baiana, o prédio foi projetado para ter 30 andares, uma altura que destoaria do restante da região e descaracterizaria o local, já que a região tem grande valor histórico e cultural.

Por conta disso, em 2014 o projeto recebeu parecer contrário do Escritório Técnico de Licenciamento e Fiscalização de Salvador (ETELF). Porém, a superintendência do Iphan da Bahia, apesar do parecer contrário emitido pela equipe técnica, deu parecer favorável à obra, ou seja, autorizou o andamento da

---

mil mandados de busca e apreensão, de prisão temporária, de prisão preventiva e de condução coercitiva, segundo a PF o esquema de lavagem de dinheiro que movimentou de 10 a 20 bilhões de reais em propina. Os envolvidos na maioria são membros administrativos da empresa estatal Petrolífera Petrobras, políticos dos maiores partidos do Brasil, incluindo presidentes da Câmara e governadores de estados, além de empresários de grandes empresas brasileiras. De acordo com os relatórios divulgados pela PF, as operações financeiras investigadas correspondem a 8 trilhões de reais.

obra. O pesadelo começou quando o Iphan, que é uma autarquia vinculada e subordinada ao Ministério da Cultura, cassou o parecer favorável à obra concedido pelo Iphan baiano, determinando que a construção fosse suspensa e o projeto, readequado para ter 13 andares e não 30.

Com isso, formou-se o problema, Geddel que é um beneficiário do empreendimento sai em defesa de seus interesses, alegando que a obra gera emprego e renda para centenas de trabalhador@s baianos, justificativa que não ampara seus constantes pedidos junto ao Ministério da Cultura na pessoa de Calero, para que o mesmo encontrasse uma saída para o impasse, saída está que não prejudicasse seus interesses. Diante da constante pressão exercida e do mal está criado, Calero resolver pedir exoneração do cargo e denunciar, levando o caso para o âmbito judicial.

Esse escândalo surgiu durante o trabalho de campo, a construção do edifício “La Vue” apresenta algumas semelhanças com o lócus da pesquisa proposto neste trabalho, ambos os empreendimentos são direcionados para construção de edifícios residenciais de alto luxo, localizados em bairros nobres da capital baiana, a distância de um para outro é de aproximadamente 900 metros, ambos tiveram problemas com a autorização e elaboração dos projetos junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), ambos os empreendimentos provocaram polêmica, conseqüentemente, ganharam um espaço na mídia regional, nacional e internacional.

O caso Geddel x Calero, ajuda a refletir e questionar a existência de acordos obscuros e ocultos que envolvem agentes públicos e a iniciativa privada, com o intuito de satisfazer interesses pessoais e/ou de um pequeno grupo. Esses e outros fatos coloca em xeque a credibilidade tanto do setor da construção civil em solucionar seus próprios problemas sem interferência externa, como também, coloca em julgamento a idoneidade dos agentes públicos que representam o Governo.

Desta forma, relacionando o caso acima com a pesquisa, especialmente com a manutenção e sobrevivência do segmento construção civil, podemos apontar a péssima imagem que o setor transmite durante a fase de turbulência vivida nesse período de crise e escândalos, tanto para o público em geral, como principalmente para os investidores, colaboradores e empreendedores, o cenário criado afeta a entrada de novos investimentos, que reflete na abertura de novos canteiros de obra, que representam a contratação de trabalhador@s, ou seja, todos esses fatores estão

estritamente interligados e se comunicam entre si , quando essa engrenagem funciona plenamente significa que as oportunidades no mercado de trabalho crescem e abarcam uma maior multiplicidade de trabalhador@s, com isso, evidenciamos maiores oportunidade de inserção de mulheres no segmento da construção civil.

O setor da construção civil tem sido um dos motores para o desenvolvimento do país, exercendo um papel de protagonista no atual cenário de desenvolvimento econômico, este segmento também se destaca em diversos outros campos científicos, como nos estudos das relações de gênero, raça, masculinidade e tantos outros.

Apesar de um ambiente não tão favorável, indicadores apontam que a crise nacional e também no setor pode estar perto do fim. Com isso a confiança na recuperação da economia brasileira tem impulsionado o setor a desengavetar projetos, investir na qualificação profissional, criando oportunidades de trabalho e tantos outros benefícios.

### 1.1 Uma breve ambientação sobre o canteiro de obra

O canteiro de obras é o espaço da construção civil destinado à execução dos serviços construtivos, às áreas de vivência, e armazenamento dos materiais utilizados na obra (OLIVEIRA; SERRA, 2006). O ambiente é composto por um conjunto de instalações provisórias, áreas destinadas para execução e apoio dos trabalhos no canteiro, de acordo com as Normas Regulamentadoras<sup>4</sup> (NR -1) o canteiro de obra é “uma área de trabalho fixa e temporária, onde se desenvolvem as operações de apoio e execução de uma obra”.

O canteiro de obras é compreendido como uma composição de partes chamadas elementos, e cada uma dessas partes tem sua função colaborativa no sistema produtivo (FARIA, 2010).

---

<sup>4</sup> As Normas Regulamentadoras trata-se do conjunto de requisitos e procedimentos relativos à segurança e medicina do trabalho, são de observância obrigatória pelas empresas privadas e públicas e pelos órgãos públicos da administração direta e indireta, bem como pelos órgãos dos Poderes Legislativo e Judiciário, que possuam empregados regidos pela Consolidação das Leis do Trabalho - CLT. As disposições contidas nas Normas Regulamentadoras aplicam-se, no que couber, aos trabalhadores avulsos, às entidades ou empresas que lhes tomem o serviço e aos sindicatos representativos das respectivas categorias profissionais.

Conforme a NBR12284 (ABNT, 1991), canteiro de obras é a área destinada à execução e apoio dos trabalhos da indústria da construção, dividindo-se em: áreas operacionais<sup>5</sup> e áreas de vivência<sup>6</sup>. As atividades relacionadas à produção faz parte da área operacional, já as atividades ligadas ao bem estar dos funcionários, faz parte da área de vivências, que segundo a (NR 18.4), “são locais destinados a suprir as necessidades básicas humanas de alimentação, higiene, descanso, lazer, convivência e ambulatório, devendo ficar fisicamente separadas das áreas laborais” (BRASIL, 2013).

De acordo com Regina Maria Aguiar Noronha (2009), em sua dissertação a área de vivencia é:

Uma das mais importantes conquistas dos trabalhadores da indústria da construção foi à obrigatoriedade, prevista na NR-18, de implantação de áreas de vivência nos canteiros de obra. É nesses locais que o trabalhador faz suas refeições, toma banho, passa suas horas de folga e, muitos deles, moram, durante a construção. As exigências da norma vão desde a implantação de áreas de lazer e refeitórios até a instalação de ambulatório médico, banheiros, alojamentos, telefones comunitários e bebedouros com água filtrada. [...] sendo responsável por garantir as boas condições humanas para o trabalho, influenciando o bem-estar do trabalhador e, conseqüentemente, o número de acidentes. As condições de trabalho e os índices de acidentes estão fortemente ligados, na medida em que estas condições determinam as bases das relações sociais e o estado psicológico dos trabalhadores, elementos fundamentais segundo as Teorias Sociológicas e Psicológicas, respectivamente (NORONHA, 2009, p. 44).

De acordo com Carneiro (2010, p. 4), o canteiro de obra apresenta-se como “o ambiente onde é realizada a principal atividade da Construção Civil, além de ser o momento e local de maior interação entre a maioria dos elementos da cadeia produtiva”. Desta forma Souza (1997), defende que:

O canteiro é o local onde se materializam os projetos e recebe influência de todas as atividades da obra, sendo assim extremamente importante que sua concepção seja feita através de

---

<sup>5</sup> Abrange as seguintes dependências: Portaria, Escritório, Almoxarifado, Depósitos dos diferentes materiais, Central de concreto, Central de argamassa, Central de armação, Central de fôrmas, Central de montagem de instalações e esquadrias, Central de pré-moldados. São locais onde se realizam as atividades laborais.

<sup>6</sup> Abrange as seguintes dependências: Vestiário, Instalações sanitárias para ambos o sexos, Alojamento, Refeitório, Cozinha (se houver preparo de alimentos), Lavanderia, Área de lazer, Ambulatório (frentes de trabalho com 50 ou mais operários).

um processo sistemático e iterativo que busque gerar uma composição que aperfeiçoe os processos e esteja adaptada à realidade de cada empresa ou empreendimento (SOUZA, 1997 apud PEREIRA, 2015, p. 5).

Segundo Tamaki (2000), o canteiro de obra apresenta-se como uma estrutura dinâmica e flexível, pois durante o andamento da obra, acabam assumindo características diferentes em razão dos operários, das empresas, dos materiais e dos equipamentos ali presentes. Pensando desta forma o canteiro deve proporcionar a infraestrutura necessária para que as atividades laborais sejam realizadas, como também garantir a segurança dos seus trabalhadores de acordo com as normas reguladoras e as legislações vigentes.

Os canteiros tem com objetivos promover operações de forma eficiente e segura, garantir a segurança de todos, reduzir o tempo de deslocamento de materiais e equipamentos, além de organiza-lo, otimizar o tempo dos trabalhadores, com isso, o processo de trabalho na construção civil corresponde um “conjunto das operações realizadas pelos sujeitos trabalhadores, individual ou coletivamente, de forma organizada, com a finalidade de produção de mercadorias” (FARIA 2010, p. 44).

Gomes (2004) defende que a habilidade e a destreza do trabalhador da construção civil são fundamentais para a dinâmica e o processo de produção no canteiro de obra, onde o conjunto de atividades exercidas manualmente pelo operário compõe a “mola mestra” do processo produtivo do setor.

O canteiro deve oferecer a infraestrutura necessária para a realização do processo construtivo, sendo o mais eficiente que possível, não se esquecendo de garantir a segurança de seus trabalhadores, estando assim, em conformidade com as normas regulamentadoras e legislações vigentes.

Para isso é necessário um planejamento minuciosa, que envolva os arranjos físicos da obra, aspectos logísticos, o fluxo de pessoas e materiais, a localização da obra, especificações da obra, tudo isso deve ser levado em conta, para se chegar aos objetivos que são: promover processos construtivos eficientes e seguros, manter a alta motivação dos trabalhadores, minimizar as distâncias e tempo para movimentação de trabalhadores e material, aumentar o tempo produtivo, evitar a obstrução da movimentação de material e equipamentos.

Vale lembrar que o canteiro de obra como também o empreendimento, está em permanentes mudanças, já que é um ambiente em constante transformação, suas instalações vão se moldando de acordo a realidade e necessidades da obra, ou melhor, conforme as etapas e o cronograma. Para cada etapa da obra corresponderá uma forma específica de organização (OLIVEIRA; SERRA, 2006).

A montagem e organização de um canteiro são de fundamental importância para o empreendimento, é necessário uma análise prévia e criteriosa, que obedeça às normas estabelecidas, para isso deve seguir conceitos como: qualidade, produtividade e segurança durante e após a sua implantação.

Os canteiros de obras, por sua vez, se colocam como um importante instrumento na busca pela qualidade e aumento da produtividade principalmente nessa delicada situação política e econômica que o país vem passando. O aumento da competição no mercado aliado ao maior nível de exigência dos usuários ressalta a importância do planejamento e organização do canteiro, sendo assim, na busca pela otimização dos processos, é preciso deixar de lado as soluções amadoras (os quebra galhos) e pensar o canteiro como uma fábrica de produzir obras. Gomes (2004) defende que o canteiro é o espaço para transformar em realidade todo o trabalho de concepção de uma obra, e por isso uma melhor solução de canteiro resultará em um melhor resultado para a obra.

Essa tarefa deve ser realizada por uma equipe técnica qualificada, que conheça a realidade da construção civil, especificamente regras e critérios para instalação do canteiro (FRANCO, 1992). A instalação de um canteiro de obra está submetida a normas específicas, estabelecidas pela legislação vigente.

## 1.2 Percursos e percalços ate chegar ao *lócus* de pesquisa

Percebo a necessidade de deixar registrado como ocorreu à pesquisa, as muitas idas e vindas, as muitas barreiras que tive que ultrapassar, em busca dos objetivos propostos. Goldenberg (1998) afirma que o pesquisador deve comentar as dificuldades e os limites da pesquisa, possibilitando com isso que o leitor tenha uma visão ampla do estudo. Desta forma, exemplificar os percalços enfrentados, as muitas dúvidas que surge, os fracassos, as conquistas, as dificuldades, as “saídas

justas” que a pesquisa impõe, as mudanças de direção ao longo do processo de construção da pesquisa, ou seja, as situações que o pesquisador se vê obrigado a vivenciar para se chegar ao objetivo proposto, ajudando a entender e configurar a pesquisa, como também, faço uma descrição com o intuito de traçar o caminho metodológico percorrido pelo sujeito pesquisador.

O trabalho de campo é considerado uma etapa essencial para a pesquisa qualitativa, momento no qual acontece a interação mais estreita, envolvendo o pesquisador e os sujeitos pesquisados.

Realizar uma pesquisa no canteiro de obra tem lá suas dificuldades e limitações, durante essa caminhada acabei esbarando em alguns obstáculos, que pretendo descrever no decorrer da pesquisa, desta forma, mostrando os percalços e as soluções encontradas diante das dificuldades que surgiram no âmbito do trabalho de campo.

A primeira dificuldade ligada ao trabalho de campo foi encontrar um *lócus* para efetivação da pesquisa, ou seja, encontrar um canteiro de obra que permitisse a realização do estudo, foram varias idas e vindas, varias tentativas sem êxito, até encontrar um canteiro de obra que aceitasse a referida pesquisa. A peregrinação deu inicio em maio de 2015, ainda no primeiro semestre da pós-graduação, inicialmente pensei que a tarefa não era difícil, já que havia varias construções e a aceitação por parte dos responsáveis seria imediata.

Confiante que logo acharia o meu *lócus* de pesquisa, fui a busca do meu objetivo, encontrar um canteiro de obra que autorizasse a realização da pesquisa, a proposta inicial era encontrar um empreendimento que tivesse visibilidade na mídia, como por exemplo: obras do Programa de Aceleração do Crescimento, obras de infraestrutura, de moradia como o Programa Minha Casa, Minha Vida, mobilidade urbana como a construção e ampliação de metro, a construção de pontes, estradas e viadutos, dentre outras, que mantenha em seu quadro de funcionários a presença feminina, ou seja, mulheres pedreiras, serventes, carpinteiras, eletricitas, encanadoras, toda e qualquer trabalhadora.

Sabendo que a cidade de Salvador apresenta-se como um grande canteiro de obra, vários empreendimentos em curso outros estavam sendo lançados e a expectativa era grande para o surgimento de novas frentes de trabalho. Um exemplo

é a ampliação e construção do Sistema Metroviário de Salvador e Lauro de Freitas<sup>7</sup> (SMSL), obra ligada ao sistema de transporte de massa, uma Parceria Público-Privado (PPP) com investimentos na ordem de R\$ 4 bilhões, entre o Grupo CCR, uma das maiores companhias de infraestrutura da América Latina, e o Estado da Bahia. Este projeto de infraestrutura de mobilidade urbana mudou a paisagem, alterou a rotina dos soteropolitanos e transformou a cidade.

Outro exemplo, do grande momento que a capital baiana esta passando foi à construção, também no seguimento de infraestrutura, agora de rodovia, da Via Expressa Baía de Todos os Santos<sup>8</sup>, que vai ligar o Porto de Salvador à BR-324, atendendo a uma importante demanda por um novo acesso ao Porto de Salvador, está obra tem como objetivo melhorar a mobilidade urbana, obrigando os veículos de grande porte, principalmente carretas e caminhões que transportam contêineres e outras mercadorias para serem exportadas e importadas, a utilizar essa nova via. Abrir caminho para o escoamento da produção, a atualizar a Via Expressa, desafoga assim as outras vias, permitindo uma maior fluidez dos veículos menores. Porém, está fase de implantação trouxe grandes problemas para a cidade, a começar pelos inúmeros transtornos decorrentes das mudanças no trânsito, havia desvios, ruas bloqueadas, ruas interditadas, cada dia era uma aventura, além das desapropriações ao longo do trecho da Via Expressa.

---

<sup>7</sup> O Sistema Metroviário de Salvador e Lauro de Freitas, inaugurado em 11 de junho de 2014, será composto por duas linhas, com total de 41 km de extensão, 23 estações e 10 terminais de ônibus integrados. Atualmente, a Linha 1 é composta por 8 estações em operação, 12 km de extensão que vai da Estação Lapa à Estação Pirajá. A Linha 2, com 12 estações, está em ritmo acelerado de obras. O término da obra está previsto para 2017. O projeto do Sistema Metroviário de Salvador e Lauro de Freitas prevê ainda a expansão da Linha 1, de Pirajá até Cajazeiras/Águas Claras e, da Linha 2, da Estação Aeroporto até o município de Lauro de Freitas. O projeto contempla a geração de empregos de 7,5 mil colaboradores direto, indiretos e terceiros, depois de pronto o metrô irá atender milhões de pessoas em diversos bairros. <http://www.ccrmetrobahia.com.br>.

<sup>8</sup> A Via Expressa Baía de Todos os Santos com extensão de 4.3 km, ligando a BR-324 ao bairro do Comércio, a Via Expressa passa pelas regiões de Água de Meninos, Ladeira do Canto da Cruz, Estrada da Rainha, Largo Dois Leões, Avenida Heitor Dias, Rótula do Abacaxi, Ladeira do Cabula e Acesso Norte. A obra totaliza um investimento da ordem de R\$ 480 milhões, por meio da parceria entre o Governo da Bahia (Secretaria de Desenvolvimento Urbano/CONDER, Secretaria de Infraestrutura) e o Ministério dos Transportes, através do DNIT – Departamento Nacional de Infraestrutura de Transporte. A Via Expressa contempla a construção de três túneis, 14 viadutos e 10 faixas (quatro para veículos de carga, quatro para veículos leves e duas exclusivas para ônibus) e ainda quatro passarelas interligando os bairros, ciclovia com três metros de largura e 35,5 mil metros quadrados de passeio. <http://www.conder.ba.gov.br>



Figura 1 - Via Expressa Baía de Todos os Santos, Fonte: <http://www.conder.ba.gov.br>

Além desses dois grandes empreendimentos na capital baiana, havia outros tantos, fomentados pelo Governo do estado, pela prefeitura Municipal de Salvador, pelo setor privado ou através das PPP, configurando assim a cidade de Salvador e a região Metropolitana de Salvador (RMS), como um verdadeiro canteiro de obra a céu aberto, para todo lado que se olhava avistava-se um operário e/ou uma construção.

Porém, todo esse cenário favorável para o setor da construção civil, com uma diversidade de empreendimentos nos mais diversos segmentos (infraestrutura ou edificações), com objetivos, localizações, agentes financiadores diferenciados, evidenciava a “olhos nus” uma grande oferta de canteiros, porém, essa sensação não refletiu as primeiras impressões a cerca do campo, a procura por um local para realização da pesquisa não ocorreu de forma simples como havia imaginado, durante esta etapa passei por constrangimentos e aborrecimentos, por um momento cheguei a ficar frustrado por não conseguir alcançar meu objetivo, mas não desisti, continuei “correndo atrás”, comecei a intensificar a busca, munido de uma carta de encaminhamento, fornecido pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais e do comprovante de matrícula, além do mais importante, o espírito repleto de coragem e determinação, comecei a “bater perna”, sai por ai andando sem destino, batendo em cada canteiro que encontrava.

Comecei visitando alguns canteiros de obra em Salvador, porém, essa atividade vinha se apresentando como uma tarefa árdua, já que era obrigado a deslocar de Cachoeira, cidade na que resido, para chegar a Salvador, local proposto na pesquisa, a viagem dura em torno de duas horas, são aproximadamente 120 km de distancia entre os dois municípios, a distancia não impediu que continuasse a procura.

Diante das varias idas a capital baiana a procura de um canteiro de obra que consentisse a pesquisa, percebi a falta de interesse por parte dos responsáveis pelos empreendimentos. Acredito que o maior entrave durante a busca pelo lócus de pesquisa estava na ausência de um responsável no canteiro de obra, ou seja, durante as idas aos canteiros de obra era difícil encontrar um responsável que autorizasse a pesquisa, ou que pelo menos, mostrasse o caminho até chegar a essa pessoa, em alguns momentos percebi o desinteresse por parte dos respectivos responsáveis das empresas.

Por varias vezes fui informado que só poderia realizar a pesquisa com a autorização do dono da empresa ou com a autorização do dono da obra, o problema era encontrar o respectivo responsável, cheguei a conversar com engenheiros (as), arquitetos (as), administradores (as), engenheiros e técnicos de segurança do trabalho, mestres de obras, lideres de turma e operários, mas, todos eram unanimes em afirmar, só que pode liberar a entrada e a realização da pesquisa seriam os responsáveis, a dificuldade era grande para saber quem são estas pessoas, recebi muitas informações desencontradas, esperanças que não chegaram a lugar nenhum.

A dificuldade começa logo na entrada do canteiro de obra, entrar no canteiro não é tão fácil, por varias vezes fiquei do lado de fora, debaixo de sol e chuva, sentado na calçada, ou encostado nos tapumes erguidos para limitar a obra, aguardando ali, uma autorização para entrar ou um simples “não”, por algumas vezes foi autorizado à entrada, ainda na portaria da obra ou na guarita, era orientado a usar um capacete, em alguns casos um colete refletivo e até óculos de proteção, era acompanhado por um operário ou até o segurança ou porteiro da obra, sendo encaminhado para a administração ou para o escritório, chegando lá aguardava (teve momentos que aguardei por mais de 40 minutos) o preposto que iria me atender, chegava a hora, momentos de muita tensão e ansiedade, algumas vezes fui

conduzido para uma sala reservada, em outros momentos fui obrigado a conversar e expor a proposta do trabalho de campo ali, na frente de todos. Alguns manifestavam interesse e curiosidade na proposta, alimentando assim minhas esperanças, afirmando que iria levar ao conhecimento do responsável ou dos responsáveis e posteriormente entraríamos em contato para organizar as visitas, porém, nunca recebi uma ligação autorizando, já em alguns canteiros as respostas que justificavam a não autorização e/ou desinteresse pela pesquisa era sempre evasivas, como: a empresa não tem interesse na pesquisa, o que a empresa vai ganhar com isso, a empresa não está preparada, tenho que passar a proposta para o conselho administrativo, não tenho pessoal para acompanhar você, estou sem tempo para acompanhar as visitas, é muito ariscado sua permanência aqui, a presença do pesquisador e a pesquisa podem trazer problemas para a empresa, sintetizando uma infinidade de justificativas sem embasamentos.

A decisão de contar essa experiência no texto é uma forma de demonstrar os desafios, dificuldades e impasses que o campo de certa forma impõe o pesquisador, desta forma, fugindo um pouco do modelo formal que acaba mostrando uma falsa realidade no texto, passando a ideia que a pesquisa foi completamente guiada por acertos. Nesse momento da pesquisa me senti tal como Alba Zaluar em “A cidade de Deus” (1983). As dificuldades vividas na busca pelo campo alimentaram a vontade de escrever, de relatar todos os momentos que passei até alcançar meu objetivo.

De maio de 2015 até final de novembro do mesmo ano, já se passava aproximadamente seis meses sem uma resposta positiva, sem a tão esperada liberação, até aquele momento não havia encontrado nenhum canteiro que autorizasse a pesquisa, continuei esperançoso, já que havia algumas propostas em andamento. Em um desespero tentei até mudar o local da pesquisa, cheguei à visitar dois canteiros de obra na cidade de Feira de Santana, todos estes no seguimento de edificações, um localizado na entrada da cidade, na Rua Guilherme Azevedo, bairro Tomba, próximo a Avenida que liga Feira de Santana a cidade de São Gonçalo dos Campos, este empreendimento recebeu o nome de condomínio Parque Filipinas<sup>9</sup>, se refere à construção de prédios destinados à habitação, no

---

<sup>9</sup> Empreendimento realizado pela MRV Engenharia e Participação S.A, referente à construção de 10 blocos de apartamentos, totalizando a 336 unidades, tendo 15 mil metros quadrados a área total. Disponível em: <http://www.mrv.com.br> (acesso em 12 de julho de 2016).

momento da visita não encontrei nenhum responsável que pudesse conversar, percebi que a construção já estava bastante adiantada, segundo porteiro da obra, o empreendimento já estava na fase de acabamento, com varias unidades (apartamentos) já vendida, fiquei de retornar outra data para expor a proposta de pesquisa para o responsável, pude perceber uma presença maior de mulheres trabalhando, principalmente na lavagem dos azulejos e na área de limpeza.

O segundo empreendimento visitado estava localizado no centro da cidade, na Rua Barão do Rio Branco, vizinho ao Centro Medico Empresarial Augusto Freitas, segundo um dos engenheiros da obra, a autorização para a pesquisa deveria ser dada mediante liberação da construtora e dos donos da obra, neste caso ficou acertado que retornaria com um pedido por escrito, solicitando a autorização para realização da pesquisa, que deveria ser entregue tanto a construtora quanto aos donos da obra, neste caso o empreendimento tinha como finalidade a construção de uma Clínica<sup>10</sup>, na semana seguinte fui a esse empreendimento para entregar o pedido para a realização da pesquisa, procurei o engenheiro que havia atendido anteriormente, mas, o mesmo não se encontrava deixei a documentação na mão do porteiro da obra ate esse momento não obtive resposta.

Diante do impasse de não ter encontrado um campo para pesquisa, resolvi acionar a rede de amigos que ainda mantinha desde o tempo que trabalhei na construção civil, comecei a ligar para alguns ex-colegas de trabalho, alguns não trabalhavam mais no setor, outros estavam trabalhando em outras cidades até fora do estado como: São Paulo, Mato Grosso, Minas Gerais e Pará, neste ultimo estado estava uma grande turma de colegas, trabalhando na construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte<sup>11</sup>, por sinal o mestre que trabalhou comigo estava lá, como encarregado de obra, contratado por uma subempreiteira, conversei com mesmo sobre a proposta do trabalho de campo, se ele poderia ajudar, indicando alguns contatos aqui na Bahia, especificamente em Salvador, o mesmo não pode

---

<sup>10</sup> Segundo informações do engenheiro, aquela construção seria as futuras instalações da Clinica Cihon, um centro medico especializada em oftalmologia. Depois de uma pesquisa verifiquei que a referida clinica esta instalada no Edifício Medico Empresarial Augusto Freitas, ao lado do canteiro de obra.

<sup>11</sup> A usina hidrelétrica de Belo Monte, localizada no município de Altamira, sudoeste do Pará. Construída no rio Xingu, a usina é a maior hidrelétrica 100% nacional e a terceira maior do mundo. Com capacidade instalada de 11.233,1 Megawatts (MW). Isso significa carga suficiente para atender 60 milhões de pessoas em 17 Estados, o que representa cerca de 40% do consumo residencial de todo o País. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/governo/2016/05/dilma-inaugura-usina-hidreletrica-de-belo-monte>>.

ajudar, mas, convidou para realizar a atividade lá na empresa que ele estava, segundo ele o acesso seria mais fácil, era uma boa proposta, mas, recusei devido à escassez de tempo, dificuldade de logística além do grande custo da pesquisa. Teria sido muito interessante de fato. Quem sabe no Doutorado.

Boissevain (2010), afirma que durante o trabalho de campo alguns problemas podem ser solucionados valendo-se de identificações e indicações de amigos de amigos. Ao construir alianças temporárias estas relações interpessoais permitem com que certos espaços tornem-se mais acessíveis do que previamente se configuravam, porém esta tarefa não é tão simples como parece, até aquele momento não obtive êxito na autorização, a ideia de ir a campo é para observar de maneira espontânea, os fatos, prestando atenção, principalmente, aos sujeitos, ao cenário e ao objeto de análise em seu contexto. Utilizo essas redes sociais “via amigos e amigos de amigos”, apontadas por Boissevain para chegar até o objeto desta pesquisa.

Dentre as várias ligações que fiz para rede de amigos, em busca de alguma ajuda, localizei um ex-colega de trabalho, conhecido naquela época que trabalhava na construção civil como Pereira<sup>12</sup>, que se dispôs a ajudar a encontrar um canteiro de obra, sempre retornava o contato para o mesmo, no intuito da tão esperada autorização, depois de muitas ligações, após vários dias de espera, recebi a tão esperada sinal verde.

No dia 07 de janeiro de 2016 recebi uma ligação era Pereira informando que conseguiu um local, agradei muito a ele e peguei o número telefônico do contato (quem eu deveria procurar) no canteiro de obra. Na mesma hora liguei e conversei com um sujeito que se identificou como França<sup>13</sup>, a conversa foi rápida, ele foi logo dizendo “Você é amigo de Pereira, ele já falou da pesquisa, que dia você vem aqui”, diante da autorização, marquei logo uma visita.

Mais adiante descrevo as visitas a campo, é importante ressaltar que a escolha pelo canteiro de obra a ser pesquisado não ocorreu como imaginado,

---

<sup>12</sup> Ex- trabalhador da construção civil, negro, 36 anos, solteiro, formado em contabilidade, atualmente trabalha em um escritório na capital baiana, este é um nome fictício a fim de resguardar a identidade o apelido Pereira corresponde ao sobrenome do mesmo.

<sup>13</sup> Dono da empresa, 40 anos, casado, segundo grau completo, começou nesta obra em 2013, tem um filho, já trabalha na construção civil há 31 anos, começou no ramo fazendo serviços de pintura ainda quando era criança. O nome França corresponde ao sobrenome do entrevistado, além do mesmo ser conhecido no canteiro de obra como tal.

pensava-se que o trabalho de campo aconteceria sem dificuldades e/ou impedimentos, tendo uma grande aceitação e disponibilidade por parte das empresas, porém, a realidade foi outra, os obstáculos surgiram e não foram poucos, mas, conseguimos supera-los. Acabei subestimando o campo, imaginei uma coisa e foi outra, o trabalho de campo tem dessas coisas, por fim fui levado pela situação, não escolhi o canteiro para realizar a pesquisa, fui levado pelas circunstâncias.

### 1.3 Conhecendo o lócus de pesquisa e seu entorno.

A pesquisa foi realizada na capital baiana, no empreendimento aqui chamado de Mansão Baía de Todos os Santos<sup>14</sup>, localizado no bairro da Vitória, segundo um levantamento feito pela empresa Viva Real<sup>15</sup>, a referida localidade possui um dos metros quadrados mais caros da cidade, alcançando o maior índice em 2013, o equivalente a R\$ 6.786,00 reais o valor do metro quadrado, por coincidência ano que iniciou as obras para o empreendimento aqui apontado, no de 2015 o metro quadrado teve uma pequena redução sendo avaliado em R\$ 6.720,00 reais, por outro lado, a média do metro quadrado em Salvador no mesmo período alcançou R\$ 4.896,00 reais, os números nos ajuda a perceber a distorção de preços no mercado imobiliário.

A futura Mansão Baía de Todos os Santos, como também o canteiro de obra está situado nos fundos da Igreja de Nossa Senhora da Vitória, o santuário pertence à Arquidiocese de São Salvador da Bahia, foi construído pelos portugueses no século XVI e abriga uma grande quantidade de imagens barrocas, o templo católico como também seu acervo na integra conseguiu em 2014 o selo de imóvel tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

No local onde hoje está sendo erguido o imponente e arrojado prédio, no passado era residência de Emil Wildberger e sua família. Desde a década de 30 até

---

<sup>14</sup> A opção por não revelar o nome do empreendimento foi uma medida protetiva, a fim de preservar a identidade da Mansão, com o intuito de evitar qualquer informação que pudesse facilitar a identificação dos sujeitos aqui envolvidos.

<sup>15</sup> Empresa especializada no mercado imobiliário ([www.vivareal.com.br/](http://www.vivareal.com.br/)).

o começo dos anos 50 do século XX, a firma Wildberger foi à líder no mercado cacauero, sendo o maior exportador de cacau daquele período.

A antiga residência da família Wildberger possuía forte inspiração na arquitetura medieval alemã, apesar do grande valor histórico e arquitetônico, o imóvel foi demolido para dar lugar a um edifício multi-residencial de altíssimo padrão, o empreendimento está localizado em uma dos bairros mais nobres da capital baiana, próximo do Largo da Vitória e do Corredor da Vitória, regiões de beleza ímpar, de grande riqueza histórica, cultural e arquitetônica, apesar desta última ao longo do tempo perder um pouco do brilho, diversos imóveis históricos deram lugar a arranha céus e pequenos comércios, mudando assim a paisagem do local.

O projeto de edificação da Mansão Baía de Todos os Santos estabelece a construção de uma torre com 40 andares, onde comportará 74 unidades habitacionais, divididas em duas categorias: a primeira categoria corresponde ao apartamento pleno, situado do 1º ao 34º andar, constituídos de dois apartamentos por andar, no total de 451,08 ou 460,15 metros quadrados construídos por unidade, já a segunda categoria equivale ao apartamento linear, situado do 35º ao 40º andar, sendo um apartamento por andar, no total de 993 metros quadrados construídos por unidade.

Entre as diversas mansões e gigantescos condomínios construídos ao longo de todo o bairro da Vitória, a Mansão Baía de Todos os Santos idealizada como imóvel de alto luxo vem se destacando apesar de não está concluída, a obra chama atenção a todos que passam pelo local, devido à dimensão e grandiosidade do empreendimento.

O empreendimento como já foi citado, consiste no projeto de construção do edifício residencial, localizado em uma área nobre de Salvador, que tem como paisagem de fundo a Baía de Todos os Santos, de onde pode ser avistado o Yacht Club, um pouco mais adiante o Forte e a Igreja de São Pedro, já o outro lado à Bahia Marina.

#### 1.4 A trajetória para delimitação do objeto de estudo

Em 2003 concluí o segundo grau do ensino médio, sendo morador de Cachoeira, município do interior do Estado da Bahia, uma cidade pequena com poucas oportunidades de trabalho, sem nenhuma perspectiva de qualificação profissional, principalmente para jovens com pouca ou quase nenhuma experiência, após varias tentativas de conseguir um emprego ou ocupação, até então sem êxito, fui obrigado a procurar trabalho na construção civil um ramo que geralmente absorve jovens com esse perfil, esse setor permite a entrada de trabalhadores com ou sem experiência, principalmente para cargos/funções que requer basicamente atividades braçais, como ajudantes, função essa que ocupei por mais de três anos.

Comecei trabalhando como ajudante de pedreiro em pequenas obras, reformando casas, levantando alvenarias, erguendo pequenos imóveis, fazendo todo tipo de serviços ligado à construção civil, não só em Cachoeira, cidade que nasci e resido, mas, em diversas cidades como São Felix, Muritiba, Conceição da Feira, Governador Mangabeira, Cruz das Almas, São Gonçalo dos Campos, Salvador e Feira de Santana.

Com o passar do tempo fui ganhando experiência e comecei a pegar na colher, isto é, passei de ajudante comum também conhecido como “oreia seca<sup>16</sup>”, para ajudante prático conhecido como “meia colher<sup>17</sup>”, essa mudança refletia tanto nas tarefas quanto na remuneração, deixava um pouco as atividades braçais como: carregar bloco, areia, arenoso, brita, pedra e mexer o traço de massa, e passava para serviços que necessitavam de mais conhecimentos e/ou experiência como: assentamento de blocos, concretagem, confecção de estruturas metálicas, reboco de paredes e serviços de metragem e medições.

Essa mudança possibilitou a inserção em um canteiro de obra na cidade de Feira de Santana, a entrada se deu através de colegas que lá trabalhavam, surgiu à primeira experiência em um grande empreendimento, comecei como ajudante comum, mas, logo mudei de posto passei para ajudante prático, devido ao

---

<sup>16</sup> O termo derivado da construção civil, quer dizer operário de obra que realiza serviços braçais, sendo um trabalhador sem nenhuma ou pouca qualificação profissional, sem nenhum destaque perante os outros funcionários. Geralmente é contratado como: servente, serviços gerais, ajudante geral, ajudante de obras ou auxiliar de pedreiro, em alguns lugares podem receber o nome de: orelha seca, orea seca, Zé orelha, zorea e outros.

<sup>17</sup> O termo derivado da construção civil refere-se ao servente/ajudante (um trabalhador braçal) que já tem experiência para realizar determinadas tarefas inerentes à função de um pedreiro, podendo ser contratado como ajudante pratico ou servente pratico. O termo também pode ser usado para descrever um profissional que realiza serviços de pedreiro com pouca ou nenhuma técnica, nem condição, preparo e raciocino lógico para realizar tal tarefa.

conhecimento adquirido e comprovado pelo mestre de obra que coordenava e avaliava toda a equipe, classificando aqueles trabalhadores que dominavam a arte de pedreiro, a mudança de função ocorreu logo depois do período de experiência exigido por lei, a contratação se deu através de uma espécie de empresa conhecida popularmente como “gata” como aponta (COSTA, 2013), ou seja, uma empreiteira, neste caso uma empresa subcontratada para realizar determinadas etapas da obra, neste caso o assentamento de blocos cerâmicos e revestimentos de paredes e pisos.

Durante a permanência na indústria da construção civil pude perceber a ausência de mulheres trabalhadoras, em alguns casos havia funcionárias, porém ocupavam cargos ou funções ligados ao setor administrativo ou serviços gerais, além do mais, estas eram hostilizadas, havia uma atmosfera machista onde os colegas de trabalho, inclusive este pesquisador no momento trabalhador da construção, inserido em um determinado contexto, reproduziam a ideia de que mulher não podia trabalhar na construção civil, que o local era impróprio, talvez uma espécie de insalubridade e periculosidade ligada ao gênero.

Contudo segui outros caminhos, sai da construção e enveredei na carreira acadêmica, fiz a graduação em ciências sociais, chegando até o mestrado também em ciências sociais, o percurso acadêmico possibilitou uma melhor visão e mudança de concepção com relação às questões que pretendo abordar neste trabalho.

O interesse pela pesquisa, em especial com o recorte dado, a construção civil, aumentou após o ingresso na universidade, principalmente, por ter cursado Ciências Sociais, a entrada na academia possibilitou a compreensão de determinados fenômenos, mudando a forma de pensar, de ver, até de agir, conseqüentemente, obrigando um posicionamento diante de manifestações e fenômenos que acontecem em nossa sociedade.

A academia permitiu a aproximação com as discussões que envolvem a temática, principalmente as questões de gênero e raça, categoria estas que compõem alguns dos pilares da referida pesquisa, servindo de subsídio para compreensão dos fatos que proponho analisar.

A escolha pelo tema originou-se da percepção empírica apreendida durante a experiência enquanto operário da construção civil, onde percebi e/ou presenciei algumas questões que pretendo abordar neste trabalho, aliado a compreensão

teórica obtida através dos estudos sobre a temática, além do deslumbramento que tenho diante do lócus de pesquisa. Compartilhamos da ideia de que:

O próprio interesse pela temática já revela um compromisso político-ideológico com ela. Na verdade a história de vida de cada pessoa encontra-se com fenômenos a ela exteriores, fenômeno denominado sincronicidade por Jung, e que permite afirmar: ninguém escolhe seu tema de pesquisa; é escolhido por ele (Saffioti, 2004, p. 43)

Foi a partir da vivência no canteiro de obra e do conhecimento adquirido na academia que me aproximei das questões, logo depois, apresentou-se como meu objeto de pesquisa – uma análise sobre gênero e raça na construção civil, especificamente no canteiro de obra em Salvador – Ba.

A ideia de elaborar esta pesquisa surgiu de minhas inquietações em relação à experiência vivida no canteiro de obra, levando em conta as percepções e o conhecimento adquirido na academia.

### 1.5 Percebendo o canteiro de obra

No dia 12 de janeiro de 2015, realizei a primeira visita em um canteiro de obra, como pesquisador. Antes de falar como foi essa atividade deixo registrado que este trabalho de campo só foi possível graças a um amigo que serviu como intermediário. A inserção no lócus da pesquisa no primeiro momento aparentava ser fácil, no momento de montar o projeto de seleção de mestrado, pensei que a atividade de campo ocorreria facilmente, só era me apresentar em um canteiro, explicar a pesquisa suas relevâncias e objetivos e tudo estaria resolvido, mas me enganei, a entrada em um canteiro de obra se apresentou extremamente difícil.

No dia supracitado, dei início ao trabalho de campo, sai da minha residência na cidade da Cachoeira, Bahia, às 07h20min da manhã em direção a Salvador, o dia amanheceu ensolarado e assim permaneceu todo o dia, a viagem até a capital dura em média 2hs com um percurso de aproximadamente 120 quilômetros, a viagem foi tranquila, aproveitei para fazer uma revisão do material levado com: roteiros de entrevistas e o material levantado sobre o empreendimento. Chegando por volta das

09h35min na rodoviária de Salvador, ao chegar fui logo para estação de transbordo do Iguatemi, chegando lá percebi que a mesma havia sido desativada temporariamente para reforma e melhoria na infraestrutura além de ampliação, diante a situação fui obrigado a pedir informações aos agentes da SETPS que estavam nas passarelas de acesso aos pontos de ônibus construídos provisoriamente, até o fim das reformas. Onde o mesmo informou que a linha Barra R1 passaria pelo Largo do Campo Grande, onde saltaria e seguiria pelo Corredor da Vitória até o Largo da Vitória e lá encontraria meu destino.



Figura 2 - Corredor da Vitória, Fonte: [www.google.com.br](http://www.google.com.br), 2017

Fazendo uso dessas orientações e depois de muita espera devido ao caótico trânsito da capital baiana, desci do ônibus e fui caminhando pela Avenida Sete de Setembro, também conhecida com Corredor da Vitória, um dos aspectos que mais chama atenção para quem transita pelo local é a arborização da via, criando uma permanente sombra na rua, onde a maioria das calçadas é formada de pedras portuguesas, os imóveis também chamam atenção devido à beleza e modernidade contrastada com o que sobrou dos casarões com feições arquitetônicas distintas, que acaba evidenciando características únicas desta região de Salvador.

Chegando ao Largo da Vitoria, avistei logo a Igreja de Nossa Senhora da Vitoria, e por traz uma grande construção, ai me dei conta que havia encontrado o lócus de pesquisa, quando olhei para o relógio já se passava das 11h20min.



Figura 3 - Igreja de Nossa Senhora da Vitoria, ao fundo a construção na Mansão, Fonte: Zelivaldo Falcão, 2016.

Logo ao chegar percebi uma grande movimentação de trabalhadores, além de dois caminhões, um betoneira<sup>18</sup> e um caminhão de bombeamento<sup>19</sup> na entrada da obra, vendo isto, peguei o celular e logo fez contato com o França, que pediu para aguardar.

---

<sup>18</sup> Caminhão usado no transporte de materiais ligados a construção civil, ele também é utilizado para mistura de materiais, geralmente na preparação e transporte do concreto.

<sup>19</sup> É um equipamento acoplado a um caminhão, usado para impulsionar (bombear) o concreto usado na construção. Ela vem para auxiliar o caminhão betoneira em construções que requerem o bombeamento do concreto para grandes distancias ou em grandes alturas, esse equipamento ajuda bastante na obra, diminuindo o esforço e o tempo.



Figura 4 - Bombeamento do concreto para a obra, futura Mansão ao fundo. Fonte: Zelivaldo Falcão, 2016.

Fiquei apreensivo diante da movimentação dos operários, da preparação que estava sendo feita para bombear o concreto, da quantidade de mangueiras que estava sendo conectadas, além do barulho que os caminhões faziam, vendo aquilo tudo comecei a refletir sobre a dinâmica de trabalho que envolve o canteiro de obra e a inserção da tecnologia no ambiente que carrega o estigma do trabalho braçal, sobretudo masculino, e com o advento da tecnologia vem de certa forma modificando, abrindo caminho e criando perspectivas em todo o segmento. Questões estas que pretendo discutir melhor mais adiante.

Outra situação facilmente percebida na construção civil, principalmente nos canteiros de obras e que Silva (1997, p. 50) vem afirmando é que “são os afro-brasileiros que, historicamente, têm realizado tais ocupações – braçais – caracterizadas pelo esforço físico e rejeitadas por outros segmentos”.

Após essa breve reflexão, estava eu encostado na lateral da igreja, quando olhei para o relógio já se passava das 11h42min, momentos depois surge o meu contato, nos identificamos ele foi logo dizendo “vamos que vou liberar sua entrada”, então o seguimos, paramos na portaria da obra, recebi do segurança da obra um capacete de cor laranja, França digitou uma senha na catraca eletrônica, para liberar minha entrada, caminhamos mais um pouco e deparei com uma extensa e distorcida

escada de estrutura metálica e revestida de tábuas, desci as escadas e logo passei pelo refeitório, depois veio um estreito corredor com varias portas, em um delas entrei, cheguei então no barracão da empresa.

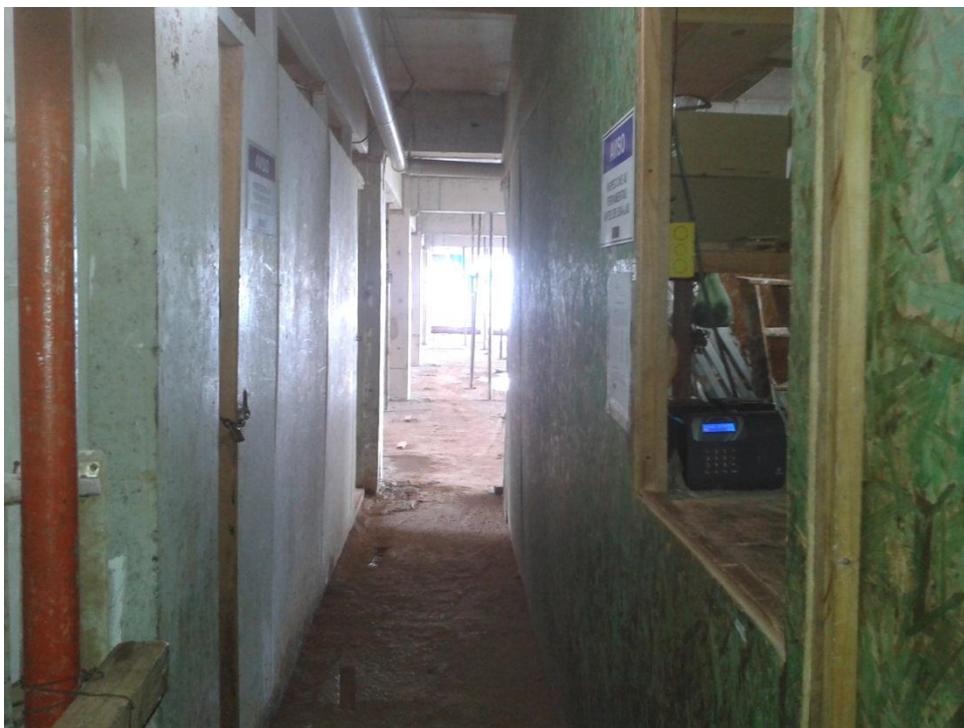


Figura 5 - Imagem do corredor que dá acesso aos barracões das empresas contratadas, Fonte: Zelivaldo Falcão, 2016.

Ao chegar dei de cara com Cris<sup>20</sup>, a secretária da empresa, a cumprimentei e ela foi logo saindo, já que era horário de almoço, ficando eu e França no barracão, depois de uma breve conversa sobre a relevância e os objetivos da pesquisa, além de expor qual era a proposta desse trabalho de campo, deixando claro como seriam as visitas, após essa exposição o mesmo estabeleceu algumas regras, como: 1 - as visitas teriam que ser programadas (avisadas com antecedência), e teria que ser feita com a presença dele (França) ou de algum funcionário, já que se tratava de um canteiro de obra, um local bastante perigoso e que segue normas (se referindo as normas estabelecidas para garantir a segurança do trabalho, a exemplo: o uso de capacete, óculos de proteção, protetor auricular), além do mais, as visitas só poderia ser feitas nas frentes de trabalho que a empresa estava atuando, ou seja, as visitas

---

<sup>20</sup> Cris - 29 anos, negra, casada, segundo grau completo, começou na obra em 2014, possui dois filhos, ocupa o cargo de secretaria (contratada como auxiliar de escritório), trabalha na construção civil há seis anos. Este é um nome fictício a fim de resguardar a identidade.

devem ser feita nos locais em que a empresa está trabalhando, vale ressaltar que havia outras empresas trabalhando no mesmo empreendimento, em diferentes atividades e em diferentes etapas na mesma construção. 2 - as entrevistas teriam que ocorrer no horário de almoço, segundo ele a retirada de um funcionário iria prejudicar o andamento do trabalho, além da possibilidade da empresa sofrer penalização por parte da empresa contratante<sup>21</sup>, já que a responsável pelo empreendimento fiscaliza as empresas contratadas e subcontratadas, exigindo a presença de todos os funcionários nos seus respectivos setores de trabalho, **a escolha dos entrevistados ficaria a cargo do mesmo** (França), de acordo com a desocupação do funcionário (ausência de trabalho que preceda o período do almoço) e o interesse do funcionário em ser entrevistado, depois dessa conversa, saímos do barracão e ele foi mostrando parte da obra (as duas garagens, o térreo), visitamos as fundações do empreendimento, neste local sua empresa aqui chamada de João de Barro<sup>22</sup>, realiza alguns serviços como escoramento e contenção, além de limpeza de terreno.



Figura 6 - Serviço de escoramento e contenção, realizados pela empresa João de Barro, fonte: Zelivaldo Falcão, 2016.

---

<sup>21</sup> As empresas contratantes são a João Fortes Engenharia e a MRM empreendimentos, a primeira possui mais de 65 anos de experiência no setor e mais de 500 edificações espalhada por todo o Brasil, sediada no Rio de Janeiro, a companhia tem escritórios em Niterói e Brasília (<http://www.joaofortes.com.br/>), a segunda possui mais 41 anos de atuação no mercado, já entregou mais de oito mil chaves de apartamentos, sediada na capital baiano (<http://www.mrm.com.br/>).

<sup>22</sup> João de Barro é um nome fictício a fim de resguardar a identidade da empresa, atua no seguimento da construção civil e serviços em geral, sendo uma empresa de pequeno porte com sede em Salvador.

Depois desse passeio por parte do canteiro de obra, França informou que iria se ausentar do canteiro para resolver alguns problemas pessoais, percebi então que era hora de finalizar o trabalho de campo. Antes de encerrar a visita combinamos que na semana seguinte retornaria ao canteiro, caminhamos até a portaria, agradeci a ela e nós despedimos. Naquele momento tive uma sensação de dever cumprido, encontrar um canteiro de obra e ter acesso para a realização da pesquisa.



Figura 7 - Imagem captada durante o passeio na obra, trabalhadores montando as colunas de sustentação. Fonte: Zelivaldo Falcão, 2016.



Figura 8 - Imagem captada durante o passeio na obra, trabalhadores preparando para concretar rampa de acesso a garagem. Fonte: Zelivaldo Falcão, 2016.

Para estudar a construção civil faz-se necessário adotar a observação direta, ela representa uma metodologia de pesquisa necessária para desvendar as estruturas profundas, com sentidos e significados múltiplos presentes nesse espaço, aqui descrito como o canteiro de obra. Essa narrativa segundo Bauer e Jovchelovitch (2008, p. 108) é para “captar não apenas como o desenrolar dos acontecimentos é descrito, mas também a rede de relações e sentidos que dá à narrativa sua estrutura como um todo”.

Na semana seguinte programei com França e retornei ao canteiro, era um dia de quarta feira (20 de janeiro de 2016), cheguei por volta das 11h38min no canteiro de obra, peguei o celular e liguei para França, ele atendeu e informou que não estava no canteiro, por motivo de saúde, segundo o mesmo durante a noite e até aquele momento estaria sentindo uma dor na barriga, acredita que foi algo que comeu. Pensei comigo mesmo, “perdi a viagem”, sai de Cachoeira até Salvador e não vou conseguir fazer campo, mas estava enganado, logo após sua explicação o mesmo passo o telefone de sua secretária, pediu para eu ligar conversar com ela, pôs a mesma já tinha conhecimento da pesquisa.

Sendo assim, fiz contato com sua secretária, liguei para a mesma e pedi que liberasse meu acesso no canteiro, fui então para frente da portaria da obra (aguarda a liberação para entrar), após alguns minutos o segurança liberou meu acesso, antes da liberação como é de praxe o mesmo entregou-me um capacete branco (o que remete a uma posição de destaque na obra, a exemplo: engenheiros, arquitetos, encarregados de obra, mestres de obras), coloquei o capacete, ele liberou minha passagem na catraca eletrônica, então seguir, assim que passei da portaria percebi uma mudança no trajeto, às escadas haviam sido retiradas e colocadas para outro lado, mudando assim o percurso até chegar ao escritório (barracão da empresa ou alojamento da empresa, como alguns chamam), desce as escadas, cheguei então em uma grande vão aberto, olhei para os lados procurando um ponto de referência, até que avistei o refeitório, do outro lado da obra, então caminhei, passei pelo estreito corredor e cheguei ao meu destino.

Ao chegar encontrei Cris e outra mulher, como já era horário de almoço, encontrei ambas sentadas na mesa de trabalho, uma de frente para outra com seus respectivos almoços (quentinhas). Percebi que a hora era importuna, isto é, não era

hora para conversa, minha reação foi imediatamente, pedir desculpas pelo incômodo e sair da sala, a mesma informou que era para aguardar que logo ela chamava, fiquei então no primeiro ambiente do barracão.

Fiquei aguardando nesse ambiente até que a mesma terminasse ou me chamasse, com isso percebi que o tom da conversa diminuiu, comecei a ouvir sussurros, diálogos baixos, como se não quisesse que eu ouvisse, até esse momento estava eu de pé, passou-se alguns minutos e elas continuavam a conversar baixinho, foi aí que decidi providenciar um local para sentar, olhei para todos os quatro cantos da sala e não encontrei uma cadeira, ou um banco, resolvi então empilhar três blocos de cerâmica e sentei, fiquei sentado por mais uns 15 minutos, ouvindo apenas sussurros.

Nesse momento era hora do almoço e o barulho era muito grande, vários e vários operários se dirigiam para o refeitório que ficava a poucos metros de onde estava, estes operários vinham andando e conversando, dando risada, com celulares nas mãos com uma infinidade de músicas de pagode, alguns gritavam “comida, comida, comida”, ouvia de “tudo e mais um pouco”, era uma verdadeira arruaça, como o refeitório era pequeno, alguns pegavam a quentinha de alumínio<sup>23</sup> e iam comer em outros espaços da obra. Como o refeitório é pequeno, em comparação com o grande número de operários, alguns saíam com suas marmitas e se instalavam em outras dependências da obra, como nas garagens (segundo informações o empreendimento vai contar com dois andares destinados para garagens) e o primeiro andar, os operários almoçavam de diversas formas, sentados no chão, escorados em uma viga, sentados na ruma de área, sentados no chão, sentados em blocos ou caixotes e madeira, ou seja, almoçando em qualquer lugar e/ou qualquer forma.

A fila foi crescendo e como à porta do barracão da empresa estava aberta, percebi que a fila ultrapassou a porta, como o corredor era estreito, havia um congestionamento de operários, alguns querendo chegar até o refeitório e pegar seu almoço, outros já estavam voltando porque já tinham almoçado ou não queriam almoçar ali, alguns brincavam, dançavam, davam risada, um empurrava o outro.

Decidi então levantar e ver o que sucedia, cheguei até a porta, o barulho aumentou ainda mais, eram muitos operários conversando ao mesmo tempo, tanto

---

<sup>23</sup> São recipientes feitos de alumínio ou isopor, utilizados para colocação de alimentos, também recebem o nome de marmita ou marmitex.

aqueles que estavam na fila para pegar o almoço, quanto aqueles que já haviam pego o almoço e estavam dentro do refeitório almoçando, decide então sair da sala, passei pelo corredor com certa dificuldade já que a fila estava desorganizada, quando ultrapassei o corredor percebi a dimensão de quantos operários estavam tentando entrar para almoçar, depois de muito custo conseguir chegar até a entrada do refeitório, quando percebi que para aqueles operários que quisessem ir ao banheiro também teriam de atravessar o refeitório, já que o banheiro ficava nos fundos do refeitório, então percebi que a dificuldade e a quantidade de operários também era para utilizar o banheiro, alguns saiam molhados, outros com uma toalha nas mão, alguns sentados em uma mesa de madeira com bancos em forma linear, também de madeira presos ao chão, cada mesa tinha duas fileiras de bancos, uma de frente para outra, outros sentados almoçando, havia uma grande rotatividade nas mesas e o fluxo de pessoas passando pelo refeitório era intenso.

Fiquei por certo tempo ao lado da entrada do refeitório, em uma posição estratégica, deste local dava para ver todos que chegavam tanto aqueles de desciam e subiam uma rampa (futuramente uma das rampas da garagem) e aqueles que viam do corredor que dá acesso a uma dos andares (andar reservado para uma das garagens), entre o refeitório e esse grande vão estão instalados os barracos das empresas contratadas. Desse local tinha uma visão privilegiada, nesse momento deu para perceber que a grande massa trabalhadora naquele empreendimento era o trabalhador negro. Silva (1997, p. 21) chama atenção para a necessidade de problematizar “o espaço de trabalho como um local onde também são feitas classificações de cor e onde se manifesta o racismo”.

O local reservado para o refeitório era pequeno em comparação com a quantidade de trabalhadores que usavam o espaço, nesse momento perguntei a um operário que estava ao meu lado, como eles ficavam ali, o mesmo respondeu, “se não fica perde o almoço ou quando vai comer só tem resto e osso”, entendi que, aqueles que chegam por ultimo não tem a mesma oferta e qualidade da refeição, o mesmo ainda informou que o almoço é dividido em 3 etapas ou melhor, em três momentos, o primeiro grupos de trabalhadores que utilizam o refeitório são os funcionários da empresa responsável pelo empreendimento, estes começavam a utilizar o espaço as 11:30, já a segunda e a terceira são divididos entre as empresas terceirizadas, um grupo almoça as 12:00 outro grupo as 12:30.

Naquele momento percebi que não havia mulheres operárias no ambiente, a não serem três mulheres que estavam servindo o almoço, todas elas estavam atrás do balcão servindo os alimentos, surgiu ai uma questão, onde estavam as mulheres? Lembrei que Cris e outra senhora estavam almoçando no escritório, um local reservado, escondido dos demais trabalhadores masculinos. Outra observação foi à presença da grande maioria de trabalhadores negros ou pardos, tanto dentro do refeitório quanto do lado de fora aguardando para almoçar ou para pegar o almoço.

De repente percebi que alguns estavam olhando para minha direção, daí percebi que a minha presença ali causava estranheza e muito provavelmente desconfiança, estava ali sem o fardamento padrão da obra, o que suscitava que não era peão como os demais, ainda mais utilizando um capacete branco, significava que eu não fazia parte daquele momento, não do ambiente, já que naquele local, momentos antes os engenheiros, a equipe técnica e administrativa da empresa já havia utilizado o espaço para o almoço. Compartilho de Silva (1997), quando a mesma sinaliza em sua pesquisa para:

esses pequenos signos – tais como as cores diversas dos capacetes, as tarjas de cores diferentes nos crachás, o estar sujo ou limpo, com ou sem farda – são importantes na construção das diferenças, simbolizando as posições diversas ocupadas pelos trabalhadores, e demarcando as fronteiras existentes (SILVA, 1997, p. 64).

Ainda na entrada do refeitório, percebi que o barulho diminuiu alguns operários que estavam mais descontraídos começaram a se conter. Diante da situação, decidir retornar ao barracão da empresa, assim fiz, logo após entrar na sala chegou Seu Zé<sup>24</sup> (um trabalhador sênior da empresa, que conheci na primeira visita de campo), assim que o avistei o cumprimentei, ele o mesmo, ele entrou na sala que é o escritório e cochichou algo com Cristiane.

Após esse momento, tanto Seu Zé quanto a colega de Cris saíram da sala, e a mesma me mandou entrar, fiquei apreensivo, será que minha observação criou algum mal-estar dentro do canteiro, pensei em perguntar, mas decidi ficar calado. Começamos então a conversar, entre uma conversa e outra, ela foi fornecendo algumas informações a respeito da divisão do trabalho entre as empresas

---

<sup>24</sup> Seu Zé - 71 anos, negro, solteiro (mais convive com parceira), analfabeto, começou nesta obra em 2013, teve oito filhos (alguns já faleceram), foi contratado como pedreiro, porém ocupa o cargo de encarregado, começou a trabalhar de carteira assinada na construção civil no ano de 1973.

contratadas, segundo ela cada empresa contratada exerce uma tarefa na obra, com isso as donas do empreendimento subdividiram as etapas da construção, de acordo com Cris, naquele momento a obra contava com oito empresas subcontratadas, cada uma tinha uma atividade específica sendo: duas na área de carpintaria, 03 para cuidar da ferragem e laje, outra para cuidar da parte hidráulica e elétrica e por fim duas na área de alvenaria, levante e acabamento (todo o serviço de pedreiro), área na qual João de Barro atua.

Nesse momento perguntei qual era as atribuições da João de Barro naquele momento, ela descreveu que a empresa realizava apenas escoramento e contenção com solo ensacado, ao ouvir fiquei logo curioso em saber do que se tratava, ela explicou que é uma mistura de barro (retirado do próprio local) e cimento que são colocados em um saco de náilon e servem para escorar o terreno, já que o local tem uma topografia irregular, o empilhamento desses sacos (com a mistura barro + cimento) tinha a função de estabilizar o solo, evitando assim o deslizamento de terra, fazendo o papel de uma alvenaria.

Essa técnica utiliza sedimentos do próprio local como material de construção, utilizando o próprio solo, não havendo a necessidade de trazer outros materiais para realizar aquela atividade. O local onde está sendo construída a mansão é uma encosta, e apresenta um terreno com declive, bastante íngreme e requer um projeto de escoramento e contenção eficiente.

Aproveitando a oportunidade e o envolvimento da depoente com a pesquisa, além da disponibilidade de tempo, apliquei o questionário à mesma. Logo após o término da entrevista, perguntei para Cris se ela sempre almoçava ali no escritório, a mesma respondeu dizendo que sempre almoçou no escritório, e disse mais, “nenhuma mulher que trabalha aqui almoça ai no refeitório, algumas vão ai pegar o almoço e come em qualquer lugar, eu mesmo almoço aqui, quando não é aqui eu almoço na rua”. Perguntei então por quê? Ela respondeu. “ai dentro sai de tudo, o pessoal brinca demais, fala muita ousadia, xinga muito, é uma falta de educação, um xinga a mãe do outro, manda para aquele lugar, é uma verdadeira bagunça, ai nenhuma mulher vai, não sei como as mulheres que trabalham ai aguentam, eu não ficaria”.

Convém assinalar que as entrevistas vêm ocorrendo sempre no mesmo local, no baração da empresa, no cômodo reservado para ser o escritório, um ambiente

improvisado com tapumes de madeira<sup>25</sup>, tabuas e caibro <sup>26</sup>, com prateleiras de madeira agreste, com paredes sem reboco, chão sem piso, apenas na laje (no concreto), em meio à poeira, sacos de náilon (malha), em um canto ferramentas como: pá, enxada, picarete, cavador, alavanca e tantas outras ferramentas para a realização do trabalho. Vale lembrar que também há equipamentos de proteção como cordas, cintos, coletes, capacetes, luvas além de tantos outros objetos que configuravam o ambiente de um canteiro de obra.

O escritório está dividido em três espaços, o primeiro cômodo uma pequena sala, que estava às roupas dos funcionários e seus pertences, em sua grande maioria mochilas penduradas nas paredes, que por sua vez eram de madeira (tapumes e madeirites), no chão alguns materiais de construção, equipamentos de segurança, roupas, calçados, latas de tinta, um pouco de cada coisa. Seguindo uma perspectiva comparativa entre o escritório e as disposições dentro do canteiro, percebemos que o ambiente da construção civil segue essa lógica, onde os equipamentos, ferramentas e insumos, ficam dispostos em diversos locais do canteiro de obra, algumas vezes de forma até organizada e estruturada para receber determinados materiais, a primeira vista temos uma ideia de bagunça, uma desorganização ou até falta de logística, já que alguns desses materiais ficam depositados de forma aleatória, porém, muitas das vezes estes são colocados estrategicamente em determinados locais, com o objetivo de facilitar e/ou melhorar o andamento da obra.

---

<sup>25</sup> Tapumes são painéis de madeira usados para fechar, proteger e/ou limitar determinados espaços, no caso específico acima, os tapumes de madeira foram utilizados para delimitar o ambiente da empresa João de Barro, servindo assim, como as paredes demarcam o espaço físico, foram usados dois tipos de tapumes o OSB e compensado. O OSB é uma sigla para Oriented Strand Board, que pode ser traduzido para Painel de Tiras de Madeira Orientadas, trata-se de uma placa de madeira com tiras dispostas sempre na mesma direção, este tipo de tapume é sustentável e reciclável. O compensado é produzido a partir de lâminas de madeira que são prensadas em alta pressão e temperatura, e apresenta qualidade inferior às placas de OSB, os tapumes e madeira apresentam tamanho padrão de 2,20 x 1,10, porém, existe no mercado tamanhos variados.

<sup>26</sup> Caibro é uma peça de madeira maciça, comprida e grossa, usada de forma estrutural na montagem de telhados, os caibros acima foram utilizados de forma vertical, era nele que os tapumes eram pregados, servindo como pilares, sustentando assim os tapumes.



Figura 9 - Imagem do primeiro cômodo do escritório, Fonte: Zelivaldo Falcão, 2016.



Figura 10 - Imagem do cômodo da empresa destinado para depósito, Fonte: Zelivaldo Falcão, 2016.

No segundo cômodo se encontrava o escritório, com prateleiras de madeira feitas de tabua de construção que era utilizada para colocar as pastes dos funcionários, todas as documentações estavam postas em três prateleiras, uma mesa feita de sobras de construção, tendo um tampão do madeirite e sobre ele uma folha de isopor, toda perfurada e riscada de caneta, é nessa mesa que ocorrem as entrevistas, em frente a essa sala estava o terceiro cômodo, um pequeno e estreito

ambiente que servia para estocar sacos de náilon, ferramentas, latas de tinta, cordas, cintos, cavaletes.



Figura 11 - Imagem do escritório da empresa no canteiro de obra, Fonte: Zelivaldo Falcão, 2016.

Durante as entrevistas o barulho é constante, além do fluxo de funcionários passando de um lado para outro, vindo dos seus setores de trabalho em direção ao refeitório ou ao banheiro, além dos sons gerados pelos outros escritórios vizinhos, vale lembrar que naquele mesmo local estavam instalados escritórios de outras empresas, a divisão era feita também por tapumes e madeirites, além das paredes de madeira não serem até o teto, as paredes eram da altura do tapume, havia uma vaga de aproximadamente 30 a 60 cm entre o topo do tapume e o teto, esse formato de divisão dos escritórios favorecia a propagação do som, dificultando assim as entrevistas.

Os depoimentos eram embalados pelo barulho emitido pelas máquinas, tratores, caminhões, batidas de martelo, diálogos externos, todo tipo de som, ruídos típicos de um canteiro de obra.

Não encontrei nenhuma resistência por parte dos trabalhador@s para a concessão das entrevistas. Porém, vale destacar que no referido empreendimento existe outras mulheres trabalhando, exercendo diversas atividades, contudo, o acesso às mesmas não é tão fácil, haja vista que os meus depoentes são definidos

pelo dono da empresa, é ele quem estabelece de acordo com o andamento da obra (ou da etapa), qual dos seus funcionários pode e tem interesse em participar da pesquisa.

De maneira geral, todas as etapas do trabalho de campo fizeram-me refletir sobre a pesquisa como fruto de uma negociação intensa do(a) pesquisador(a) com diferentes interlocutores, principalmente nesse caso específico da Empresa, que é um espaço social envolvido numa atmosfera bastante marcada pela hierarquização das relações e pela formalidade. A questão de poder está sempre presente, sendo necessário saber lidar com as várias situações que, muitas vezes, colocam em cheque a importância da pesquisa e o status do(a) pesquisador(a). (SILVA, 1997, p. 20-21).

Convém sinalizar que a partir da entrada no canteiro de obra, fui orientado pelo dono da empresa a realizar o trabalho de campo, nos espaços em que a empresa João de Barro estava atuando. Assim, observamos, de maneira espontânea, os fatos, prestando atenção, principalmente, aos sujeitos, ao cenário e ao objeto de análise em seu contexto, levando sempre em consideração a observação de França (dono da empresa), com relação à segurança e a prevenção de acidentes, o mesmo sempre lembrava a necessidade de utilizar o capacete em todos os espaços da obra.

## 1.6 Estratégias metodológicas de investigação

Estudar a inserção das mulheres na construção civil exige um olhar que supere a superficialidade deste problema, sendo necessário analisá-lo sob o ponto de vista das relações de gênero e suas repercussões sobre o mundo do trabalho como aponta Silva (2013). Essa atividade apresenta-se como uma tarefa árdua e requer uma metodologia que torne possível a apreensão do fato a ser investigado. De acordo com Bourdieu (2001), constituir um objeto científico é, antes de qualquer coisa e, sobretudo, romper com o senso comum, com representações partilhadas por todos.

A estratégia de pesquisa é fruto do amadurecimento metodológico durante a disciplina Metodologia de Pesquisa<sup>27</sup>, onde pude refletir sobre o exercício da pesquisa científica, compreendendo os diferentes procedimentos para coleta e análise de dados, para a partir daí escolher as ferramentas que melhor se adequam ao objetivo da pesquisa, possibilitando com isso, a absorção e análise de dado fenômeno. A pesquisa que será desenvolvida no presente trabalho será de natureza qualitativa, de acordo com Creswell (2007) a pesquisa qualitativa pretende compreender o contexto no qual determinado fenômeno se insere a partir da relação que tal fenômeno estabelece com o sujeito e por ele é interpretado.

Desta forma, Clifford Geertz (1989) aponta para necessidade de o pesquisador debruçar-se sobre os seus resultados e suas teorias, com um esforço para elaborar uma “descrição densa”, tendo como objetivo a análise da “hierarquia estratificada de estruturas significantes”, de tal modo, que as diversas situações e relações sociais devam ser percebidas e interpretadas.

Ainda de acordo com o antropólogo Geertz a pesquisa científica e social deve ser compreendida como uma experiência moral e neste aspecto o trabalho do antropólogo obriga uma combinação entre atitude engajada e analítica. Assim, olhar para os sujeitos pesquisados com um “olhar ao mesmo tempo frio e interessado é um dos sinais mais seguro de maturidade” (GEERTZ, 2001, p. 45).

Acredito que a pesquisa de natureza qualitativa apresenta-se como a mais adequada para o conhecimento da realidade que proponho estudar. No âmbito da perspectiva teórico-metodológica, o estudo foi operacionalizado a partir do levantamento de pesquisas bibliográficas e de dados secundários, assim como a observação direta, logo após a aplicação de entrevistas.

Desvendar a realidade, as situações da vida cotidiana no canteiro de obra em sua complexidade e múltiplas manifestações, apresenta-se como uma tarefa árdua e requer uma metodologia que torne possível a apreensão do fato a ser investigado. A inserção no canteiro de obra aqui pesquisado foi feita com estratégias que remonta o que Roberto Da Matta definiu como *anthropological blues*, a importância de se estranhar o familiar e tornar o exótico em familiar, desta forma, reside a importância

---

<sup>27</sup> Disciplina do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), ministrado pelo Prof. Dr. Wilson Penteadó.

da sensibilidade do pesquisador de saber o momento certo de se tornar familiar e o momento de ser exótico no campo (DA MATTA, 1978).

O trabalho de campo através da observação direta contribuirá para entender estas dinâmicas, pois é um grande aporte para entender os fenômenos complexos das cidades, assim a mesma também é importante na medida em que interpreta a realidade das grandes cidades, os códigos e os símbolos que estão postos, a referida pesquisa se propõe a entender entre outras coisas, as dinâmicas e desigualdades que se manifestam na contemporaneidade.

O trabalho de campo proporciona um retrato da realidade do objeto a ser estudado, neste caso faço uso da observação direta onde o pesquisador coleta os dados da pesquisa *in loco*, sistematizando e recodificando as informações para depois apresentar em forma de texto, transmitindo assim impressões do que foi captado, mais para tudo isso, é necessária a utilização de técnicas e métodos capazes de elaborar uma pesquisa científica, garantindo assim a cientificidade.

A proposta da observação direta é procurar observar e compreender as práticas além da lógica da vida dos envolvidos com as relações históricas e culturais que vivenciam em um dado contexto, em relação à dinâmica que envolve os trabalhadores da construção civil. Estudar como o corpo é construído e/ou reconfigurado no dado contexto, faz-se necessário adotar a observação direta, ainda mais, tendo como lócus de pesquisa um canteiro de obra, espaço com sentidos e significados múltiplos.

Adotaremos como estratégia a aplicação de entrevistas como subsídio, uma forma de apoio, com o intuito de auxiliar a observação direta, além de conectar o pesquisador ao objeto de pesquisa, uma forma de aproximar o observador e os sujeitos pesquisados, visto que o local da pesquisa (o referido canteiro de obra) não proporcionou um convívio estreito entre os envolvidos (pesquisador e pesquisad@s), por vários motivos como: as regras de segurança do trabalho, que exigem a utilização de equipamentos de segurança, o barulho constante, a dinâmica do trabalho, a fiscalização por parte dos empregadores para conclusão das etapas. Apesar das adversidades que o campo proporciona e que o pesquisador já deve prever, foi possível entrevistar oito trabalhador@s da construção civil, sendo cinco homens e três mulheres, além, de diversas conversas informais que contribuíram bastante e renderam indagações e inquietudes.

Desta forma, o contato “tête-à-tête” entre os envolvidos ocorreu na maioria das vezes no escritório da empresa João de Barro, local onde o pesquisador tem maiores chances de entrosamento com os sujeitos pesquisado. Teve momentos que esse contato informal ocorreu em outras dependências, porém, era visível a sensação de embaraço e/ou constrangimento de alguns, diante disto, percebi que o fato do entrevistado está dialogando com o pesquisador em lugares aberto, que possibilitasse a visualização por terceiros causava para este entrevistado um pouco de vergonha. Sendo assim, resolvi limitar as entrevistas no ambiente do escritório e as conversas informais ocorriam sempre que percebia abertura por parte do entrevistado.

As entrevistas tem como base um roteiro semi-estruturado, que tem como característica abordar as “questões mais ou menos abertas que sejam levadas à situação de entrevista na forma de um guia pelo pesquisador e espera-se que essas questões sejam respondidas livremente pelo entrevistado” (FLICK, 2004, p. 106), desta forma, proporcionando uma melhor condução das entrevistas, usando para isso as perguntas como uma espécie de roteiro, um percurso a ser percorrido pelo pesquisador, com o proposito de captar e absorver dados e/ou informações fornecidas pelo sujeito pesquisado, não deixando de lado a qualidade e intensidades dos resultados.

Compartilho do principio de que, “toda pesquisa com entrevista é um processo social, uma interação ou um empreendimento cooperativo em que as palavras são o meio principal de troca” (GASKELL, 2008, p. 73), entre entrevistado e entrevistador, ou seja, é a partir dela que o pesquisador é capaz de criar esquemas interpretativos para compreender as narrativas dos atores.

Adotamos um modelo de questionários, para os trabalhadores e as trabalhadoras, ambos tinham como critérios para escolha dos entrevistados, serem operários e atuarem no referido canteiro, em qualquer tipo de ocupação/função. A efetivação dessa etapa esteve condicionada ao agenciamento do responsável pela empresa, neste caso o dono da empresa prestadora de serviço, junto a seus funcionários, era ele quem orientava os colaboradores para a realização das entrevistas, além de organizar a ordem das entrevistas. Tivemos o cuidado de consulta o interesse dos informantes em participar da entrevista, com isso todos os envolvidos com o estudo sinalizavam interesse em participar da pesquisa.

Após a coleta dos dados, dedicaremos ao tratamento dos dados, ou seja, “imediatamente após o término da entrevista, o entrevistador deve anotar suas impressões a respeito da comunicação, do entrevistado enquanto pessoa, dele mesmo e do seu comportamento na situação, das influências externas, da sala na qual a entrevista ocorreu” (FLICK, 2004, p. 102), essas e outras questões serão abordadas no diário de campo, instrumento que estará presente em todas as visitas.

Durante todo o trabalho empírico utilizaremos o diário de campo, ele servirá para descrições, observações e impressões que não puderem ser captadas pelo gravador de voz e pela câmera fotográfica, instrumentos usados para registro dos momentos vivenciados e armazenar os diálogos estabelecidos durante as entrevistas sem que ocorresse a perda de detalhes contidos nas falas dos depoentes. O que nos possibilitará captar fenômenos, ler códigos simbólicos que estão postos em dada sociedade e refletidos em determinado indivíduo, assim parafraseando Roberto Cardoso de Oliveira (2000), o olhar, o ouvir nos permite escrever de forma mais aprofundada sobre a trajetória de vida de um sujeito inserido no dado contexto.

O método escolhido se mostrar um meio adequado para captar as informações e o intercruzamento dos temas abordados, além de alcançar os objetivos propostos. Geertz aponta que, a observação permite ao pesquisador um contato direto com o objeto de estudo, desta forma, “estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante” (GEERTZ, 1989, p.15).

Neste sentido, esta metodologia foi conduzida com um vínculo de aproximação com os trabalhadores, tanto nos momentos formais e informais nos quais permitiu um estreitamento entre o pesquisador e o pesquisado, surgindo assim alguns momentos de descontração e interação, desta forma, estes operári@s se sentiam mais a vontade para responder aos questionamentos e indagações.

As experiências particulares captadas durante os momentos de convívio manifestam-se de forma imbricada, assumindo significados bem específicos que estão relacionados com o ambiente e os sujeitos que ocupam este espaço.

## **CAPÍTULO II - EDIFICAÇÃO DO CAMPO: conhecendo o canteiro de obra e os alicerces teóricos**

Embora, os temas aqui abordados estejam constantemente em discussão nas mídias regionais quanto nacional, poucos estudos científicos dão conta dessa questão, principalmente tendo como recorte de pesquisa o ambiente da construção civil, em especial o canteiro de obra enquanto locus de investigação, de certa forma, existe uma escassez de trabalhos científicos voltados para essa realidade.

O setor é prioritariamente ocupado por trabalhadores, porém, esse cenário vem mudando, com a chegada de mulheres neste ramo, diversos fatores contribuíram e vem contribuindo para a mudança de perspectiva, isto é, o setor que era tido tradicionalmente como espaço masculinizado e restrito para entrada do sexo feminino, foi aos poucos abrindo as portas para entrada dessas trabalhadoras, contudo, essa abertura não é tão amigável, o que acaba gerando tensões, fato que torna evidente a importância desta pesquisa para os estudos relacionados.

São poucas e limitadas até certo ponto, as pesquisas que envolvem as questões aqui levantadas, através de um trabalho árduo de levantamento bibliográfico, descobri e identifiquei dois trabalhos acadêmicos que apresentam algumas aproximações com esta pesquisa, a começar pelo recorte dado, os mesmos elegeram o setor da construção civil, ambos os trabalhos são voltados para discute à questão de gênero e mercado de trabalho, é claro que as pesquisas não se resumem a esses dois aspectos, existem questões outras correlacionadas, os trabalhos identificados foram: “Canteiro de obras, lugar de mulher? Um estudo sobre as relações de gênero e trabalho no âmbito da construção civil de Fortaleza- CE”, de Mayra Rachel da Silva o outro intitulado “Mulheres em ambientes masculinizados: análise da inserção de mulheres nos canteiros de obras da construção civil em duas empresas de Belo Horizonte”, de Maria Cristina Rodrigues Resende, ambos são dissertações de mestrado, estes trabalhos se caracterizam por serem originais, pois, apresentam particularidades.

O trabalho apresentado por Silva (2013) aborda “quais aspectos das relações de gênero e trabalho permeiam o desempenho das atividades de homens e mulheres na construção civil de Fortaleza”, a pesquisa também faz uma reflexão das seguintes categorias: gênero, divisão sexual do trabalho na construção civil, uma

das conclusões é que “a maioria das mulheres busca inserção neste segmento em função da possibilidade de ingresso no setor formal da economia e uma melhor remuneração”. Um dos principais interesses da pesquisa é compreender quais motivos às mulheres apresentam para justificar a entrada no setor da construção civil, além de perceber como se dá a divisão sexual do trabalho. Silva discute a divisão sexual do trabalho pensando de que forma ela repercute na entrada, e também na permanência no mercado de trabalho da construção civil.

Já a pesquisa realizada por Resende (2012), discute a inserção e atuação de mulheres no mercado de trabalho, tentando “Identificar e analisar as percepções de mulheres do setor operacional de duas construtoras de Belo Horizonte quanto à inserção e atuação no mercado de trabalho da Construção Civil”, a pesquisadora também analisa os motivos que levaram essas mulheres a trabalharem neste setor, desvendando as facilidades e dificuldades. Os dois trabalhos citados tem como foco discutir e analisar a questão de gênero e o mercado de trabalho da construção civil, ou seja, há algumas semelhanças entre as obras.

O trabalho apresentado aqui se aproxima e ao mesmo tempo se distancia dos textos acima no sentido de também discutir as questões de gênero e mercado de trabalho, este último, voltado para uma divisão sexual do trabalho, onde as mulheres na maioria dos casos ocupam cargos subalternos aos dos homens, apesar de terem qualificação profissional compatível. Porém, já a questão de gênero, vem estreitamente interligada com raça, acredito ser difícil não estabelecer uma relação entre ambas às categorias, ou isentar-se de uma análise discursiva que envolva as questões, além do mais, como não abordar na pesquisa a questão raça, sabendo que todo o setor produtivo da construção civil marcado majoritariamente pela presença do negro na base da pirâmide, essa análise é facilmente percebida ao entrar em um canteiro de obra, e o lócus de pesquisa escolhido não foge dessa realidade.

O trabalho também aborda outras questões, não menos relevantes que servem como sustentáculo para a concretização da pesquisa. Não posso deixar de ressaltar que essa dissertação tenta fazer uma descrição espacial e da dinâmica do canteiro, contando um pouco sobre a rotina deste ambiente, até certo ponto desconhecido e misterioso. A reflexão só foi possível graças a uma observação direta e densa, acredito que essa descrição vem ajudar a contextualizar o dia a dia

desses trabalhador@s, mostrando em que realidade os operários e o canteiro estão inseridos.

Este trabalho justifica-se pela possibilidade de oferecer contribuições para estudos em geral nas áreas de gênero, raça, divisão sexual, mercado de trabalho, discriminação, além é claro, de tantas outras questões correlatas. Como também evidenciando a recente participação feminina em um setor economicamente produtivo ainda pouco estudado. Ainda são poucas as produções acadêmicas que dão conta dessa realidade, principalmente no campo das ciências sociais, há uma considerável gama de trabalhos e pesquisas em temas correlatos, nos campos de engenharia, urbanização, administração, logística, serviço social, porém, estes trabalhos não atendem perfeitamente e não dão conta de toda a problemática.

## **2.1 Um breve relato sobre o canteiro de obra**

No dia 12 de janeiro de 2015, sucedeu a primeira visita no canteiro de obra do empreendimento Mansão Baía de Todos os Santos, lócus da referida pesquisa, é claro que essa não foi à única visita, ocorreram diversas outras. O terreno onde o empreendimento esta sendo realizado apresenta alto índice de ocupação, já que fica em um bairro populoso, com vários imóveis residenciais, sendo assim, classificado como um canteiro restrito, por não possui uma área adjacente para construção do canteiro. Conforme Saurin (2000) é necessário um cuidado especial para esse tipo de canteiro, devido ao seu planejamento, já que o mesmo não possui um espaço para as diversas instalações provisórias que o empreendimento exige, além de ambientes adequados para depósito e guarda de materiais e equipamentos, ainda segundo o autor, o acesso e locomoção são sempre problemas dentro de um canteiro com esse perfil.

Se de um lado a locação das instalações do canteiro precisa cuidado especial para garantir a eficiência de funcionamento da construção, também é necessário, pensar na remoção das instalações provisórias posteriormente à execução da obra, ou até durante a obra para dar espaço às novas etapas, sendo assim, as instalações improvisadas estão em constantes mudanças, dando lugar aos cômodos definitivos.

Com o passar do tempo às visitas ao lócus de pesquisa, possibilitaram estreitar os laços com os entrevistados, e de certa forma ser percebido, ou seja, ser

visto pelos operários não como uma pessoa que está ali para fiscalizar, punir, controlar, mas, para ser visto como um pesquisador e/ou como uma pessoa neutra. Em alguns momentos percebi que essa sensação de neutralidade foi transmitida para os entrevistados, como também para os outros operários, porém, existiram momentos durante as entrevistas (formais e informais) que a preocupação aliado ao sentimento de desconfiança se instalou, nesses casos tentei por diversas vezes reverter à situação.

Durante essas visitas fui entendendo e percebendo como é a realidade em um canteiro de obra por uma nova perspectiva, agora não como um operário da construção civil, mas, como um pesquisador/ex-operário que retorna a campo com outra visão, trazendo consigo entendimentos e interpretações de dada realidade. Vale destacar que a experiência que tive como operário da construção civil há alguns anos atrás, contribuiu bastante para a efetivação deste trabalho, graças ao conhecimento adquirido no canteiro pude estabelecer um elo suficientemente estreito para dar seguimento à pesquisa, além do mais, o fato de já ter vivido neste ambiente permitiu uma maior e melhor adaptação.

Ao longo do tempo fui descobrindo como era o local, as muitas entradas e saídas, os caminhos, corredores, vãos, pavimentos, por um instante imaginei um labirinto, com o passar do tempo fui acostumando, em cada visita ao lócus da pesquisa o trajeto da portaria até o escritório da empresa João de Barro era modificado.

O caminho na maioria das vezes era guiado por um corrimão e uma cobertura ambos de madeira, além de uma tela que revestia ambos os lados, evitando assim, que qualquer pessoa erre o caminho e/ou venham sofrer algum acidente, já que a delimitação ajudava os transeuntes a não invadir uma área de risco.



Figura 12 - Passarela delimitada dá acesso ao interior da obra. Fonte: Zelivaldo Falcão, 2016.

A imagem acima revela o caminho até chegar aos escritórios das empresas terceirizadas, como também ao escritório da detentora do empreendimento, a foto ajuda a destacar a importância que a construção civil tem e deve ter com relação à segurança de seus funcionários, toda essa delimitação com ajuda de tela, corrimão e cobertura são para evitar que pessoas que transitem ali acabem invadindo um espaço inapropriado.

Segundo Saurin e Formoso (2006), a entrada de funcionários e visitantes dentro do canteiro deve ter uma estrutura de cobertura, e ser separada do acesso de veículos, além disso, é necessária uma delimitação lateralmente tendo no final às áreas de vivência, escritório e escada. As obras da Mansão Baía de Todos os Santos tenta seguir essa orientação, logo após a passarela (descrita e ilustrada neste trabalho), chegamos à rampa que dá acesso ao refeitório, às instalações sanitárias, com também, aos escritórios das empresas contratadas (empreiteiras), logo depois, a um cômodo aberto geralmente utilizado para descanso, conversas e também como depósitos de materiais, a utilização vai depender da necessidade da obra. Ainda de acordo com os autores essas medidas busca-se segurança, menor fluxo de pessoas por áreas de movimentação de veículos e materiais além de reduzir a incerteza relacionada ao direcionamento ao entrar no canteiro de obras por parte de quem não conhece o empreendimento, outro ponto descrito pelos pesquisadores acima e percebido durante o trabalho de campo, é a preocupação da

dona do empreendimento em deixar as vias pavimentadas dando condições de locomoção de trabalhadores, visitantes, além é claro, para circulação de materiais e equipamentos como paletes e carrinhos de mão.

Fora dessa passarela, especificamente do lado direito da imagem, é um local de embarque e desembarque de produtos (matéria prima, exemplo: areia, arenoso, bloco, cimento, argamassa, ferragem, tubulação todo e qualquer material utilizado na construção do edifício residencial) e/ou entulho<sup>28</sup> (sobra de material que não está sendo usada nesse momento ou não vai ser usada mais na obra), na imagem acima dá para perceber um carregamento de cimento que aguardava para ser encaminhado tanto para o almoxarifado, quanto distribuído nas frentes de trabalho.

Esse fluxo de material ocorre graças à inserção de um equipamento de elevação, transporte e movimentação vertical e horizontal de materiais, esse equipamento é muito importante dentro da construção civil, chamado no canteiro de obra de grua<sup>29</sup>, além desse equipamento o empreendimento conta com a ajuda de duas empilhadeiras que fazem o transporte de materiais e equipamentos, na área reservada para carga e descarga, e também na parte plana da obra. A utilização desses e outros equipamentos responsáveis por transporte e elevação de grandes e pesadas cargas é cada vez maior no setor da construção civil.

A introdução de estratégias tecnológicas chama atenção, para um cenário em que as construtoras e incorporadoras pensam na tecnologia como ferramenta para acelerar a produção, e como competitividade, segundo Souza (2014) as diversas empresas estão investindo na modernização dos meios de produção e na crescente industrialização dos canteiros de obras, com constante introdução de variedade de materiais, equipamentos, processos construtivos e administrativos voltados à construção civil. Contribuindo assim, para a melhoria dos aspectos organizacionais, maior competitividade e conduzindo o setor a uma maior qualidade construtiva e redução de desperdícios.

---

<sup>28</sup> Conjunto de fragmentos ou restos de tijolo, concreto, argamassa, aço, madeira, todo e qualquer material utilizado na obra que por ventura foi utilizado, ou foi utilizado parcialmente e acabou sendo desprezado. O entulho é proveniente da sobra e/ou desperdício na construção civil, ele também pode ser produzido através da reforma e/ou demolição de estruturas.

<sup>29</sup> Equipamento utilizado para elevação e a movimentação de cargas e materiais pesados, também é chamado de guindaste universal de torre, o transporte ou movimentação ocorre por vários metros e/ou níveis e em todas as direções. Esse equipamento é bastante utilizado em portos, aeroportos e principalmente na construção de grandes edifícios, devido à possibilidade de elevação e deslocamento de carga.

“é importante ressaltar que cada vez mais as construtoras brasileiras estão inserindo em seus canteiros de obras inovações que aumentam sua produtividade e reduzem o consumo de materiais, fazendo com que seus produtos sejam feitos mais rapidamente e a mão-de-obra do setor tenha melhores condições de trabalho. Em suma a inclusão de novas tecnologias faz com que o setor da construção civil cresça com meios apropriados, gerando um produto de maior qualidade e com custo reduzido. Por fim destaca-se o fato que a utilização de inovações tecnológicas no processo construtivo aparece como uma importante ferramenta para que as construtoras obtenham vantagens competitivas e diferenciação frente a seus concorrentes, agregando também maior eficiência às atividades de produção”. (SOUZA, 2014, p. 5)

O uso de novas tecnologias promove o crescimento de todo o setor da construção civil, Saurin (1997, p. 23) aponta que o crescimento pode ocorrer “pela industrialização dos meios necessários à sua execução ou por meio de ferramentas e equipamentos apropriados às atividades, que como consequência gere um produto final de melhor qualidade e menor custo”.

Na construção civil a introdução de novas técnicas e ferramentas pode trazer uma grande melhoria em diversas áreas de atuação das empresas construtoras, para Moro (2015), diante de vários meios de inovações tecnológicas e modernizações no processo construtivo é possível mencionar as inovações tecnológicas simples dentro do canteiro de obras, como por exemplo, o uso de máquinas, ferramentas como também a manipulação dos materiais. Pensando desta forma, o empreendimento Mansão Baía de Todos os Santos, conta com um equipamento que contribui bastante para o avanço das obras, refiro-me a grua que auxilia o transporte de materiais e equipamentos, também não posso deixar de citar alguns equipamentos que favorecem o empreendimento a exemplo: o emprego de elevador, que serve para levar e trazer os trabalhadores para os andares superiores que estão em construção, à utilização de equipamentos elétricos que facilitam determinados trabalhos além de tantos outros.

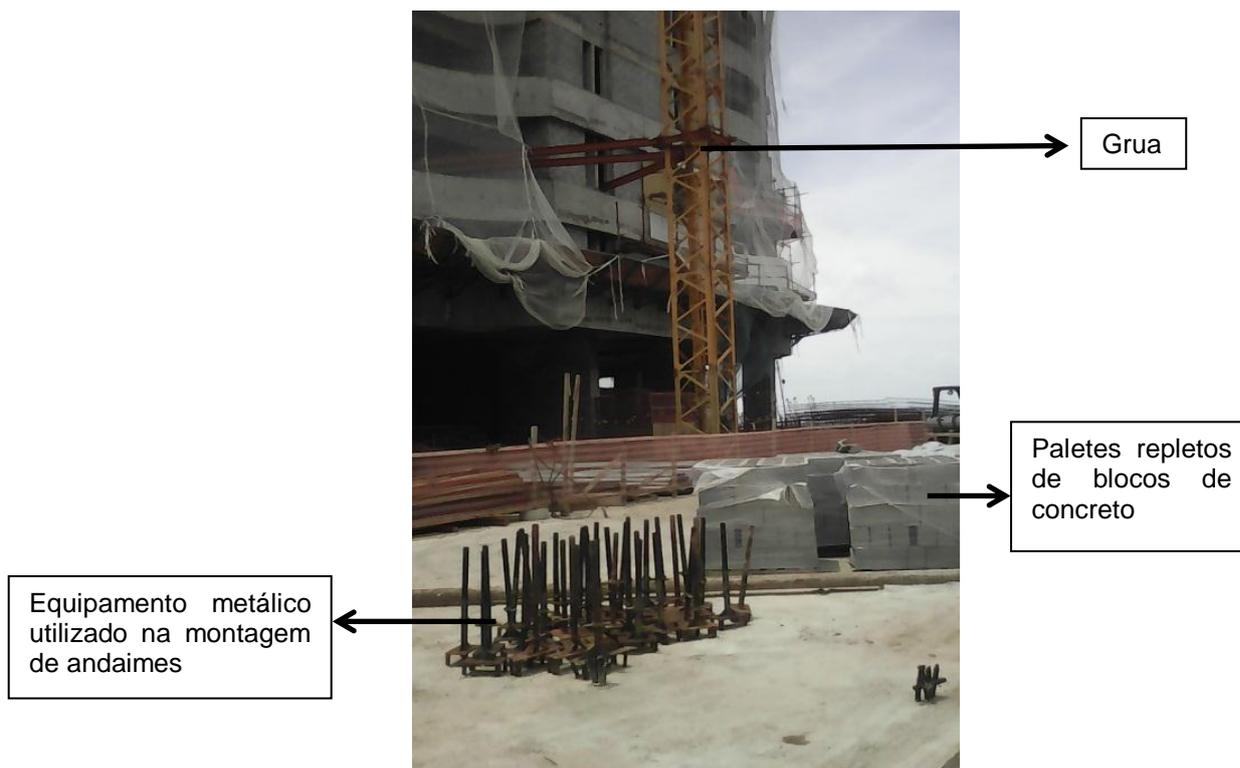


Figura 13 - Área destinada para carga e descarga de materiais e equipamentos. Fonte: Zelivaldo Falcão, 2016.

A foto mostra um agrupamento de blocos de concreto, formando diversos outros blocos de tamanho maior, dispostos em paletes, como também, equipamentos para serem transportados para andares superiores do empreendimento, a imagem não mostra, mais, havia naquele momento, diversos outros equipamentos e materiais (bloco de vedação, cimento, areia) aguardando para serem erguidos e encaminhados, esperando assim, para ser levados para diversos outros níveis da construção.

A grua na construção civil é um equipamento importantíssimo para o desenvolvimento da obra, já que diminui o tempo da entrada e saída de materiais nos diversos andares da construção, imaginemos o tempo que era gasto para levar esses materiais do “pé da obra<sup>30</sup>” até os andares superiores, chegando até o último andar, além do tempo, pensemos no esforço e desgaste que os operários teriam que passar, e não se esquecendo do contingente de trabalhadores direcionados para essa atividade.

---

<sup>30</sup> Termo bastante utilizado dentro da construção civil para se referir à base do canteiro, ou seja, o perímetro em volta do empreendimento, local onde geralmente se encontra a fundação, ou espaço reservado para carga e descarga de material, equipamentos e suprimentos.

Conforme Souza (2000), determinados empreendimentos, faz-se necessário à utilização de uma grua para suprir as necessidades de transporte, à medida que a obra vai ganhando altura, não tem alternativa se não utilizar elevadores de carga, elevadores para os trabalhadores, em alguns casos guinchos e até mesmo a utilização de guias para tornar o processo produtivo mais eficiente sem que ocorra processo ocioso de mão de obra devido à falta de materiais. A utilização desses e outros equipamentos e ferramentas contribui para o desenvolvimento do processo construtivo.

O desenvolvimento da grua, assim como o desenvolvimento de diversos outros equipamentos, ferramentas, matérias no campo da construção civil possibilitou um crescimento do setor.

Segundo França nas muitas conversas informais que tivemos, o mesmo relatou que um dos entraves da obra é a grua, o problema ocorre porque todas as empresas terceirizadas inclusive a empresa dona da obra faz uso do equipamento, para levar o material, ferramentas e suprimento para as suas frentes de trabalho, ou seja, o equipamento é crucial para o andamento da obra, pois além de diminuir o tempo do traslado de suprimentos, reduz bastante a força de trabalho empregada.

Cada empresa realiza determinada tarefa dentro do canteiro de obra, já que o edifício tem vários andares, é necessário levar suprimentos para realizar essas atividades em diversos locais, como o empreendimento é grande e bastante complexo e possuem diversas empreiteiras envolvidas a demanda pela utilização da grua é grande, existindo até uma lista de espera, onde existe prioridade, além dos empreiteiros que gozam de privilégios na utilização de equipamento, tudo isso acaba congestionando o fluxo do trabalho para as empresas menos favorecidas o que acaba causando descontentamento por parte de alguns, um deles é França, que constantemente reclamava da demora da grua em levar o material necessário para seus funcionários trabalharem, acarretando assim, atraso na entrega e conclusão de etapas, para ele essa demora acabava gerando prejuízo para a empresa, já que os funcionários estão parados aguardando o material para começa a trabalhar, logo, a ausência do material trazia um grande problema para a empresa que vivia atrelada a prazos de entrega das etapas e/ou tarefas.

Segundo França as empreiteiras eram obrigadas a seguir prazos e metas estabelecidas pela dona do empreendimento, e muitas vezes, esses prazos eram

bastante apertados, não deixando folga para imprevistos e/ou falhas, além do mais, a empresa detentora do imóvel através de seu corpo técnico (engenheiros civis, engenheiros de qualidade, engenheiros de produção, arquitetos, técnicos em edificações) realizava vistorias para saber se a empreiteira estava realizando a atividade contratada a contento e seguindo o cronograma estipulado.

O mesmo acaba desabafando, dizendo que a cobrança é muito grande, e caso a empresa não consiga dar conta do combinado, ela é substituída por outra que consiga suprir a exigência e a necessidade da empresa contratante.

As exigências em alcançar as metas e seguir os prazos da entrega das atividades, aliado ao desgaste físico e mental, já que França andava para cima e para baixo, subindo e descendo escada, constantemente com celular, ligando para solicitar material, cobrando agilidade dos seus funcionários, além dos constantes aborrecimentos tanto com seus colaboradores, quanto com outras empresas por disputa de trabalho (novos contratos, ou novas e melhores frentes de trabalho), tudo isso acabava deixando-o bastante agitado e ansioso por resolver as pendências que surgiam durante todo o dia.

Logo nos primeiros meses de visita no canteiro de obra deu para ter uma noção de quanto é grande e complexo o empreendimento, dos muitos andares e pavimentos que estavam sendo erguido, cada um acompanha um cronograma.

O canteiro de obra é indispensável para a construção civil, pois o canteiro está presente em toda e qualquer obra, cada um apresenta singularidades, com relação à dimensão, finalidade, praticidade além de elementos técnicos específicos de cada canteiro, ou seja, não existem dois canteiros iguais, existem semelhanças, é possível encontrar projetos ou até canteiros similares, porém, cada um tem uma dinâmica própria, específica criada de acordo com cada empreendimento, que leva em consideração a necessidade da obra.

Desta forma, compreendemos que o canteiro de obra do empreendimento Mansão Baía de Todos os Santos, apresenta algumas singularidades a começar pela localização e topografia, a área onde está sendo erguido o edifício fica no topo de uma encosta tendo ao fundo a Baía de Todos os Santos, o terreno apresenta uma acentuada inclinação, que obriga o canteiro a adaptar-se aos desnivelamentos e irregularidades do terreno, isso obriga a dona do empreendimento a erguer e construir vários pavimentos até alcançar o nível da rua, existe uma gigantesca

estrutura que sustenta o edifício e suas dependências, algumas dessas estruturas foram erguidas para abrigar o canteiro e logo após o término da obra serão isoladas e inutilizadas, ou seja, construídas apenas com uma finalidade e para atender a demanda do canteiro, esse simples fato torna o empreendimento único, porque o canteiro vem se adaptando a necessidade, as demandas da construção.

Já com relação a dimensão segundo França, “cada canteiro tem seu tamanho, o canteiro acompanha o tamanho da área construída”, o entrevistado quer dizer que a dimensão do canteiro corresponde ao tamanho da área do empreendimento, no caso do canteiro aqui estudado, posso afirmar que toda a construção é delimitada com o uso de tapumes, inclusive a parte que dá acesso a Baía de Todos os Santos, as construtoras cercam todo o canteiro, evitando assim que curiosos ou intrusos invada o local. De certa forma, a empresa está se resguardando caso alguma pessoa sofra algum acidente dentro deste espaço, a dona do empreendimento corre o risco de sofrer ações judiciais, além é claro, proteger o patrimônio privado da empresa. Com relação à dinâmica dentro do canteiro podemos dizer que a construção da mansão segue um cronograma próprio, onde segundo o dono da empresa João de Barro, as tarefas, as etapas e/ou serviços estão em constantes alternâncias, apesar da construção de um edifício residencial seguir regras e normas pré-estabelecidas no campo de engenharia segundo França cada canteiro acaba se moldando de acordo com sua necessidade e/ou conveniência.

Ferreira (1998, p. 4), define que o bom planejamento de um canteiro permite uma visão privilegiada:

“do tamanho, forma e localização das áreas de trabalho, fixas e temporárias, e das vias de circulação, necessárias ao desenvolvimento das operações de apoio e execução, durante cada fase da obra, de forma integrada e evolutiva, de acordo com o projeto de produção do empreendimento, oferecendo condições de segurança, saúde e motivação aos trabalhadores e, execução racionalizada dos serviços.”

Desta forma, um bom planejamento evita futuros imprevistos no decorrer da obra, a organização previa ajuda a entendê-lo, com também dimensioná-lo, diminuindo assim problemas posteriores, evitando, de tal forma, surpresas e decisões desacertadas com o decorrer da construção.

Sendo assim, podemos deduzir que o setor da construção civil, configurado pelo canteiro de obra, representa uma fábrica, com isso, as atividades de produção realizadas neste ambiente, acabam transformando algo em bens e/ou serviços, isso ocorre devido ao processo de transformação.

No canteiro de obra há diversas atividades para serem executadas, diante de tantas, algumas chamaram atenção, que foram: os trabalhos ligados às escavações já que o terreno onde está sendo erguido o empreendimento está localizado em uma encosta que nos fundos é a Baía de Todos os Santos, devido à topografia do local, se faz necessário um processo de escavação e imediatamente um sistema de contenção, o objetivo é montar uma barreira com a utilização do solo ensacado, protegendo assim os grandes pilares de sustentação do imóvel, evitando assim qualquer prejuízo para a fundação, essa etapa do empreendimento estava sendo realizada pela empresa João de Barro, o que possibilitou o pesquisador conhecer e se aprofundar, algumas vezes fui acompanhado por França ou por algum dos seus funcionários visitar o local onde estava sendo feita essas atividades, estive *in loco* nos alicerces do empreendimento, conhece as gigantes colunas de puro concreto que dão sustentação a obra.

Além dessas atividades, percebi diversas outras na área de montagens de fundações, que envolvem as equipes que cuidam da ferragem, da carpintaria e da concretagem, cada uma dessas equipes tem atividades bastante definidas, exemplo: para se construir uma viga, ou pilar, ou corrente, é necessários diversos operários e cada um tem uma atribuição, ou melhor, cada um dá sua parcela de contribuição para que o serviço seja feito. Desta forma, o armador<sup>31</sup> que faz farte de equipe da ferragem, monta toda a estrutura metálica, nesse meio tempo o carpinteiro começa a medir a dimensão (altura, largura, comprimento, espessura, profundidade) da peça, criando assim uma forma e/ou molde, depois de prontos ambos apresentam seus produtos, o armador vem com a ferragem já montada e geralmente no lugar e o carpinteiro surge com sua forma, geralmente de madeira, que é colocada em volta de ferragem, nesse momento é comum ver ambos os profissionais trabalharem juntos, um auxilia o outro, ajustando e corrigindo alguma irregularidade que esteja fugindo do projeto. Após essa etapa a peça é vistoriada por um responsável

---

<sup>31</sup> Trabalhador especializado da construção civil, responsável por toda ferragem utilizada durante o processo da obra, este profissional executa desde a armação de sapatas e caixas até armações para pilares, vigas e lajes. Para atuar nessa área é necessário ter conhecimento das dimensões e tipos de ferragens e bitolas, e saber qual material utilizar, de acordo com as especificações do projeto.

(podendo ser um engenheiro, técnico em edificação, mestre de obra ou encarregado), por fim é liberada para a concretagem.

A ordem no processo de construção de uma peça pode seguir uma sequência diferente, vai depender de cada empresa e/ou técnica adotada e/ou necessidade da obra, há diferentes maneiras de proceder em relação à ordem de execução dos serviços, a descrição acima serve como exemplo, baseado na observação direta e explicação técnica fornecida pelo dono da empresa João de Barro.

O exemplo acima descreve muito bem a dinâmica que envolve a construção civil, a relação existente no canteiro de obra, durante todo o trabalho de campo. Neste sentido Costa (2013), sustenta a ideia de que o canteiro de obra é mais do que um espaço produtivo onde se materializa a produção e se concretizam as relações de trabalho, a citação abaixo é de 1981 e faz uma análise bastante oportuna sobre os canteiros, vale ressaltar que o trecho tem mais de 35 anos, e apresenta uma reflexão bastante contemporânea.

“No canteiro, a força de trabalho não só produz, mas também se reproduz. O espaço é construído e reconstruído a partir das necessidades da produção. O espaço exprime um movimento cuja relação com as tarefas produtivas é tão estreita que só por observar sua dinâmica podemos ‘adivinhar’ as atividades que aí se desenrolam (...) a distribuição das atividades e indivíduos no espaço produtivo não segue os moldes rígidos e fixos que regem a divisão e a distribuição espacial dos operários em uma fábrica: com seus corredores centrais, suas repartições fixas por setores de produção. Vale ressaltar inclusive que na obra, contrariamente à fábrica, os operários não têm postos fixos de trabalho. A distribuição espacial das atividades e dos operários de construção, no espaço do canteiro, é submetida a múltiplas modificações em suas etapas (...), bem como no interior de uma destas, em decorrência da própria especificidade do seu processo produtivo e da mercadoria (...) a ser produzida (...). No canteiro de obras, o próprio espaço produtivo é, ele mesmo, um espaço em permanente processo de produção, sujeito a sucessivas modificações. Ao contrário da fábrica, oficinas, escritórios etc., que possuem instalações fixas onde se desenvolvem e distribuem as diferentes atividades produtivas, assim como os indivíduos encarregados de executá-las, o espaço produtivo do canteiro de obras é produzido pelo próprio operário que aí trabalha, nele imbricando-se estreitamente espaço vital, processo de produção e produto final ou mercadoria (...) No canteiro praticamente inexistem espaços ociosos ou desocupados. A utilização cada vez mais exaustiva do espaço articula-se com o próprio ritmo da produção. (...) Esse utilitarismo do espaço resulta da especificidade do processo produtivo no setor da Construção Civil. Produzindo uma mercadoria específica, a habitação (que se constitui num bem imóvel, num espaço fixo), a Construção Civil tem como traço fundamental a

mudança permanente do seu espaço produtivo, ou seja, o seu espaço produtivo é basicamente dinâmico e mutável. O canteiro tem, assim, naquilo que virá a ser o seu produto final, a sua mercadoria (o prédio), o próprio espaço de sua produção. Embora essa mercadoria – a habitação – circule dentro do mercado capitalista através de seus circuitos de financiamento, compra, venda e revenda etc., a sua marca é constituir-se de uma ‘imobilidade espacial’, enquanto o processo de produção deste mesmo espaço é basicamente dinâmico”. (VALADARES, 1981 apud COSTA, p. 34-35).

O fragmento acima descreve muito bem as relações que envolvem o setor da construção civil, em especial o canteiro de obra, como também, uma análise sobre a espacialidade e as relações de trabalho, pensando nisto, comecei a perceber o grande número de funcionários que trabalhavam no canteiro, essa é uma das principais características do setor, absorver um grande número de profissionais, a depender da etapa esse número pode aumentar ou diminuir. Desta forma, diversos pesquisadores como: Silva (2013), Costa (2013), Resende (2012), Tomasi (1991), aponta que o setor da construção civil tem como característica a contratação de grande contingente de trabalhadores para suprir as particularidades desse mercado, Resende (2012, p. 12) afirma que, “A cadeia da Construção Civil absorve grande quantidade de mão de obra qualificada e não qualificada produz e distribui renda”.

Durante todo o trabalho de campo o canteiro de obra se mostrou um ambiente dinâmico e agitado, um fato que torna esse local frenético é a constante ida e vinda de materiais, equipamentos e matérias primas, algumas vezes com o intuito de relocar e/ou abrir espaço para novas etapas.

Dentro do canteiro da Mansão Baía de Todos os Santos estão instaladas as instalações provisórias, instalações de movimentação, armazenamento de materiais e instalações de segurança. Para um empreendimento desse porte se faz necessário um bom planejamento, Souza (2000) aponta para necessidade de remanejar as instalações provisórias que atendam as demandas dos funcionários, da empresa e também para definir um local para recebimento de materiais que não interfira no andamento da obra, pois cada etapa construtiva requer materiais, e métodos produtivos específicos.

“[...] que impliquem em alterações substantivas na alocação de espaço do canteiro devido ao início de novos serviços, alterações nos processos de produção, chegada ou utilização de novos materiais e equipamentos, implantação de novas instalações, ou á necessidade de liberação de espaços para novas frentes de serviço entre outros.” (MORO, 2015, p. 24).

Com o passar do tempo fui percebendo que a estrutura do edifício, ou melhor, o esqueleto da obra estava sendo preenchido. Os andares começava a ganhar as paredes e divisórias, o fluxo de blocos tanto de concreto quanto de cerâmica era constante, no pé da obra havia diversos paletes abarrotados de blocos, formando uma grande fileira, aguardando para serem erguidos e distribuídos nos andares, principalmente os superiores.

Diante dessas observações acabei deduzindo e logo depois acabei confirmado com Seu Zé e França, que o empreendimento estava avançando para uma nova etapa, nesse caso uma etapa comumente chamada de “levantar de blocos” ou “assentamento de blocos”, que se tratava da sobreposição de blocos (de cerâmica ou de concreto), em outras palavras o ato de levantar paredes, fechando assim os cômodos e delimitando os espaços dentro do canteiro.

Este momento era bastante esperado para a empresa João de Barro, que ansiava pela chegada desta etapa, já que a empresa pleiteava novas frentes de trabalho e nessa nova fase da obra a quantidade de serviços é muito grande. Neste empreendimento segundo França havia apenas duas empreiteiras que ofereciam esse serviço de levantar, e uma delas era a João de Barro, sendo assim, a perspectiva de aumento de trabalho era grande, durante conversas o mesmo relatou se caso a sua empresa conseguisse arrebatar um grande lote de serviços, seria necessário contratar mais trabalhadores, neste caso pedreiros e ajudantes práticos, tudo isso para dar conta do serviço, alcançando a meta e os prazos determinados.

É importante ressaltar que essa nova etapa, como as diversas outras que surgiram ou que por ventura viessem a ocorrer dentro do canteiro da obra, não ocultava nem encerrava as demais etapas e atividades, pelo contrário o que ocorre é uma sincronia, no mesmo tempo que estava sendo levantadas as paredes, ocorriam outras atividades, simultaneamente ao “levantar” estava sendo erguidas diversas outras estruturas de concreto, sendo assim, Costa (2013, p. 36) descreve que “o canteiro de obras é e continuará a ser, durante muito tempo, um espaço onde a sucessão e a simultaneidade das tarefas e/ou etapas do processo produtivo constituem atributos de um “fazer” que internaliza uma infinidade de gestos produtivos, inviáveis de serem desempenhados predominantemente pela máquina”.

O trabalho de observação direta mostrou a existência de uma movimentação constante de trabalhadores de um lado para outro, trazendo e levando armações metálicas e ferragens estruturais, formadas por vergalhões<sup>32</sup> de varias espessuras, o objetivo dessas estruturas é oferecer sustentação, fixação e amarração, dando maior rigidez aos alicerces, as colunas, vigas, correntes, ou seja, a todo o sistema estruturante da obra.

A ferragem que era entregue no canteiro, tanto vinha dobrada, ou seja, pronto para ser montada, quanto, de forma inteira, isto é, os vergalhões chegavam inteiros medindo doze metros e eram cortados e montados de acordo com as especificações técnicas e a utilização do material.

Ao ser questionado sobre a utilização e o grande uso dessas ferragens, obtive uma breve explicação sobre a questão acima, Seu Zé explicou de forma bastante simples, dizendo que o ferro dentro da construção civil é como se fosse os nossos ossos, “ninguém conseguiria ficar de pé se não tivesse ossos, aqui é a mesma coisa, o ferro sustenta todo o concreto, se não fosse ele o concreto acabava quebrando”, pensando desta forma, as estruturas metálicas têm um papel semelhante ao esqueleto, estruturando o corpo humano, o ferro acaba servindo dentre tantas outras coisas para dar equilíbrio e sustentação a todo o empreendimento.

Para todos os cantos que olhasse, havia operários realizando as mais diversas atividades inerentes ao canteiro de obra, o corre-corre é constante, os operários circulam para um lado e para outro levando insumos, havia pequenos ou grandes aglomerados de trabalhadores realizando determinada tarefa, nesses grupos a depender da necessidade havia profissionais nas mais diversas áreas ou apenas de uma categoria.

---

<sup>32</sup> Vergalhão é uma barra de aço de superfície lisa ou nervurada, de bitolas variáveis, utilizado em estrutura para concreto armado, esse material tem um perfil arredondado de aço, maciço e longo utilizado entre outras coisas, na execução de armaduras para peças estruturais, que serve para estruturar vigas, lajes, colunas e pilares de sustentação, também pode receber o nome de varão.



Figura 14 - Trabalho em equipe, envolvendo vários profissionais. Fonte: Zelivaldo Falcão, 2016.

A imagem acima descreve muito bem essa relação de cooperação que os funcionários mantem, estes operários se juntaram para desenvolver uma determinada atividade, neste caso a concretagem de vigas, pilares, colunas de sustentação, além da pavimentação das rampas que dão acesso às garagens, na ilustração, é facilmente percebido que estão envolvidos nessa etapa profissionais como: o carpinteiro que finalizava a fase de montagens das formas, para a chegada do concreto, já os armadores faziam as ultimas amarrações e checava toda a ferragem para ver se estava tudo de acordo com o projeto, e por fim o concreteiro<sup>33</sup> que faz o trabalho de concretagem, ou seja, derrama e espalha o concreto de acordo com as especificações técnicas escritas no projeto.

As especificidades dentro do canteiro de obra são apontadas por Costa (2013), esclarecendo que:

“embora a estrutura produtiva no canteiro de obra se organize em torno das especializações, fruto de uma transformação dos ofícios ligados à Construção artesanal, [...] as especialidades atuais se diferenciam essencialmente pelo fato de não abrangerem a totalidade do produto, mas sim as partes do processo. Apesar de toda a segmentação, o setor apresenta, como uma característica de sua especificidade, a dependência do domínio de um *saber-fazer* sobre o processo de trabalho, adquirido somente através do envolvimento direto do trabalhador. O que se percebe, portanto, é que a especificidade do setor é um elemento inerente às atividades,

<sup>33</sup> Trabalhador da construção civil responsável por cuidar da parte da concretagem trabalha diretamente com concreto, tem o auxílio da betoneira (equipamento utilizado em obras para a mistura de materiais do concreto ou argamassa) ou em alguns casos quando o concreto é fornecido através de bombeamento tem a função de espalhar e compactar o material.

e que funciona como um propulsor da criatividade dos trabalhadores, [...] É todo este conjunto de conhecimentos e de *saber-fazer*, o qual envolve diversas habilidades na ação do trabalhador [...], ou seja, fatores que interferem decisivamente na sua maneira de executar a tarefa, que definem o trabalhador da Construção”. (COSTA, 2013, p. 34).

O trabalho dentro do canteiro de obra apresenta-se de forma segmentada, pois, cada trabalhador contribui para o trabalho final, ou seja, cada colaborador dá sua parcela de contribuição para a realização de determinadas tarefas, essa junção de colaborações permite à conclusão do trabalho, Menezes e Serra (2003) chama atenção para outro fator importante dentro do ambiente da construção civil que é a forte dependência dos saberes de ofícios.

Além de todos estes operários, se juntam a eles profissionais que fazem o papel de fiscalização (mestres de obra e encarregados), como também, aqueles responsáveis técnicos (engenheiros, arquitetos e técnicos em edificações) que além de cumprir a função de fiscalização se responsabilizam pela etapa.

A partir do mês de setembro, comecei a perceber o aparecimento de novas etapas como: a chegada de tubulações e conexões referentes à instalação hidráulica, a chegada de fiações e insumos da instalação elétrica, reboco, contra piso, revestimento interno e externo, colocação de esquadrias, pintura tanto interna quanto externa, são exemplos de algumas etapas que começavam a aparecer, ou seja, a tão esperada fase de acabamento despontou.

No mês de outubro fui informado que a empresa João de Barro, conseguindo mais uma frente de trabalho, nesse caso, um lote de serviço na área de pintura, segundo França a dona do empreendimento fechou contrato com sua empresa para fazer a pintura de paredes, teto, e outros cômodos tanto de alguns apartamentos quanto de outras áreas comuns.

Durante a etapa da pintura o escritório da empresa andava bastante amontoado, devido à presença de latas de tintas já utilizadas, além é claro, de ferramentas, equipamentos de segurança e sobras de material, era difícil circular neste ambiente, tínhamos que tomar bastante cuidado, já que o local é confinado, com pouca iluminação e representava um ambiente propício para acidentes.



Figura 15 - Reorganização espacial do escritório, Fonte: Zelivaldo Falcão, 2016.

Nesse momento o escritório se resumia a um quadrado de aproximadamente 3 metros por 3 metros, no total de 9 metros quadrados, tendo apenas uma divisória (parede de madeira, feita de tapumes e sustentada por caibro), o primeiro cômodo estava sendo utilizado como depósito, ali havia todo tipo de material e equipamento, além de guardar os pertences dos trabalhadores da empresa (roupas, sacolas, mochilas, sacos e outros), já no segundo cômodo estava instalado provisoriamente, como todo o local, o escritório, o ambiente já era bagunçado, com a diminuição do local agravou a situação, já que o escritório acabou perdendo um local reservado como depósito.

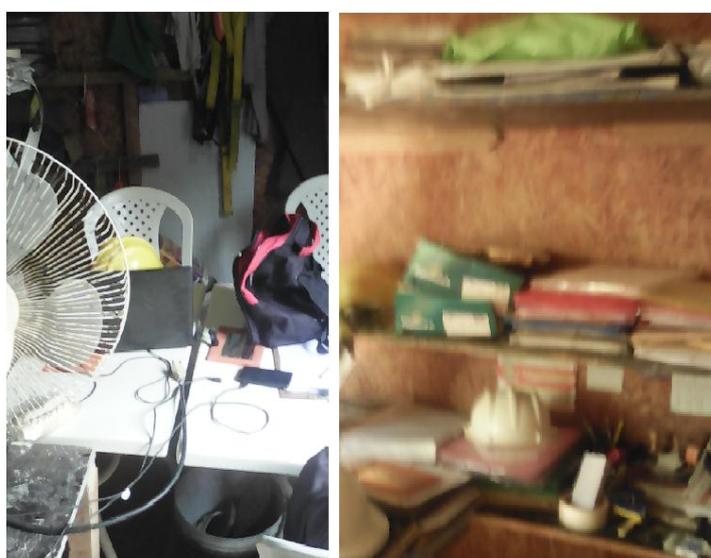


Figura 16 - A precária situação do escritório, Fonte: Zelivaldo Falcão, 2016.

No começo do trabalho de campo o escritório possuía três cômodos, segundo relato do primeiro capítulo, mas, nesse momento existia apenas dois ambientes (deposito e escritório), com isso o local que já era inapropriado se tornou ainda mais difícil à circulação e movimentação.

Havia uma quantidade muito grande de papeis, pastas, classificadores, pranchetas e outros objetos dentro do escritório, a falta de espaço e estrutura para alocar todo esse material, criava um ambiente desorganizado e assustador.

Diante disto questioneei a Cris a necessidade de todo este material dentro do escritório, segundo ela a permanência de todo esse material se faz necessário devido a eventuais fiscalizações tanto da Delegacia Regional do Trabalho (DRT), do Sindicato dos Trabalhadores da Construção civil (SINDUSCON), da Receita Federal (RF), da Secretaria da Fazenda (SEFAZ), além é claro, da possível fiscalização da dona do empreendimento, de acordo com ela a fiscalização pode ocorrer a qualquer momento e a empresa é obrigada a fornecer as informações solicitadas pelos órgãos e entidades fiscalizadoras, caso ela se recuse a fornecer as informações ou ela não tenha essas informações em seus arquivos ela pode sofrer penalidades, como: multa, interdição, apreensão, segundo a mesma, a empresa é obrigada a ter todas essas documentações em seu escritório.

Esse espaço perdido pelo escritório da empresa João de Barro, e outras empreiteiras ali instaladas, foi direcionado para o refeitório, o antigo espaço estava passando por serviços de pavimentação e reestruturação, já que fica no topo da encosta.

Isso ajuda a refletir que o ambiente do canteiro de obra está em constante transformação, onde hoje se realiza uma atividade amanhã já é realizada outra, onde hoje o espaço é direcionado para tal finalidade amanhã é reservado para outro fim, o espaço dentro do canteiro de obra é bastante dinâmico.

Durante o mês de dezembro percebi através do exercício de observação direta a chegada de diversos carregamentos de argamassa<sup>34</sup> e alguns poucos

---

<sup>34</sup> Segundo a Norma Brasileira NBR 13529 da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas), a argamassa é uma mistura homogênea de agregado(s) miúdo, aglomerante(s) inorgânica e água, contendo ou não aditiva ou adições, com propriedades de aderência e endurecimento, em outras palavras, é a mistura de cimento, areia, cal e água, e sua principal utilização é ter a função de cola para unir os materiais na construção civil, porém, pode ser utilizada para outras finalidades, dependendo da necessidade, além do mais, existem diversos tipos de argamassa. Uma das principais utilidades dentro da construção civil é a utilização desse material no assentamento de

carregamentos de revestimentos cerâmicos (pisos de cerâmica e/ou porcelanato), essa constatação leva a deduzir que o empreendimento estava realmente chegando à fase do acabamento, é claro que há diversas outras etapas acontecendo simultaneamente, os andares superiores estavam erguendo suas estruturas. Vale lembrar que o empreendimento foi projetado para ter 40 andares, mais dois andares térreos destinados para estacionamento, além de diversas outras benfeitorias, ou seja, o acabamento estava sendo feito nos andares inferiores, aqueles que já havia passado por outras etapas iniciais e intermediárias como: a construção das estruturas e das superestrutura, a construção de paredes (levante), o sistema de vedações, e com não esquecer das etapas de instalações hidrossanitárias, instalações elétricas e tantas outras que são pré-requisitos para se chegar até a colocação dos pisos.

Durante o trabalho de observação no canteiro de obra, presenciei a chegada diária de matérias e equipamentos, como por exemplo: ferragens, blocos, cimentos, argamassas, concreto dentre outros materiais, havia momentos que se formava uma fila de caminhões aguardando para descarregar os mais diversos insumos, durante essas visitas testemunhei alguns congestionamentos de veículos pesados no Largo da Vitória, o engarrafamento ocorria por falta de espaço, o empreendimento fica localizado em uma rua sem saída para veículos, tendo apenas uma estreita rua que dá acesso a uma comunidade, que não tem saída, neste caso, todos os veículos que entram na rua que dá acesso ao empreendimento são obrigados a retornar pelo mesmo caminho, sendo assim, os veículos de carga são obrigados a aguardar para descarregar suas mercadorias, nesse caso, o concreto se destaca, os caminhões carregados desse material eram logo atendidos, já que o concreto já vem pronto do depósito, ou seja, precisando apenas agita-lo e direciona-lo para seu destino, além desse problema, havia a falta de espaço para que esses veículos longos pudessem manobrar.

---

pisos, tanto no chão, quanto nas paredes e até no teto, é importante esclarecer que para cada tipo de piso existe uma argamassa apropriada.

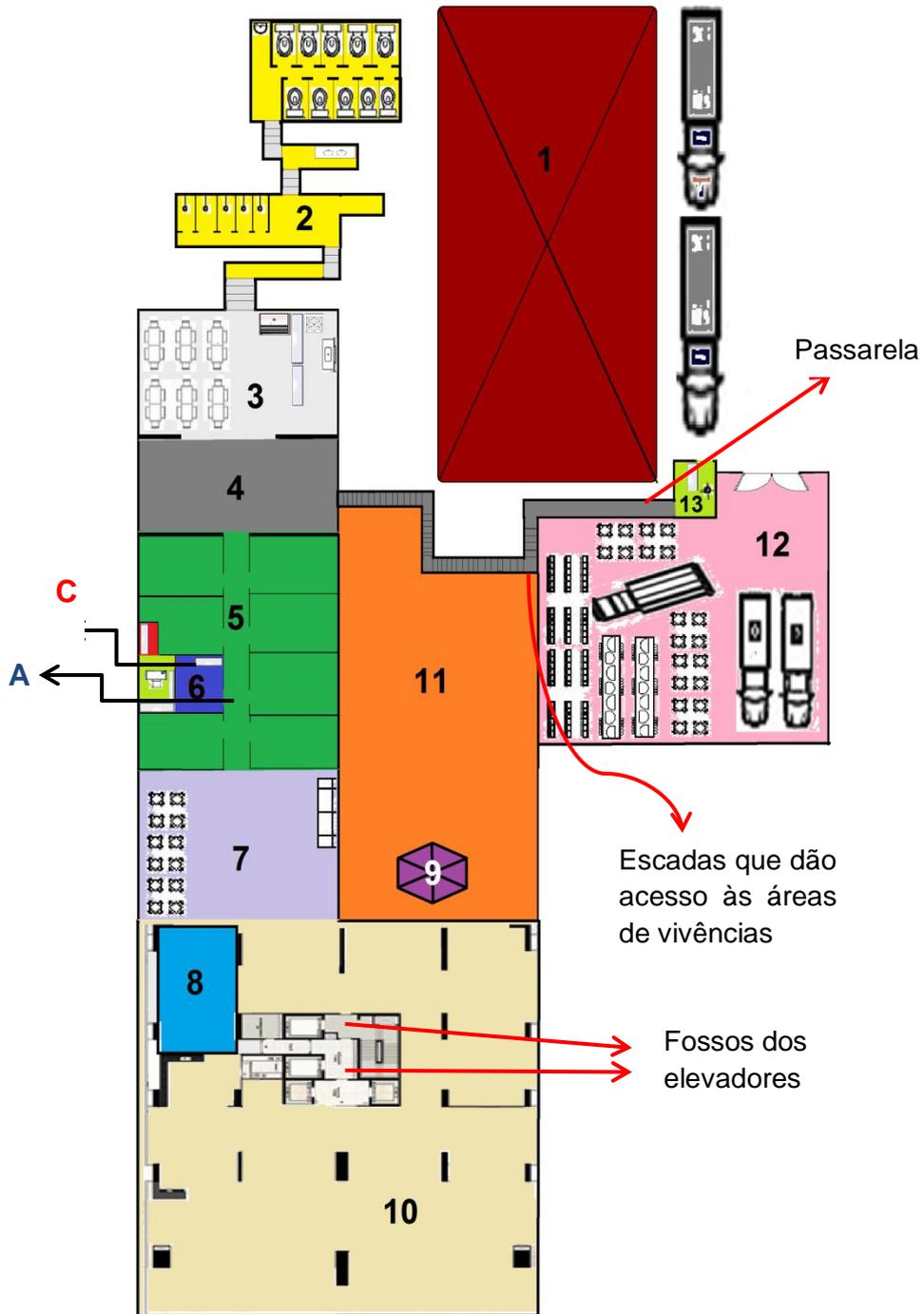


Figura 17 - Mapa do empreendimento Mansão Baía de Todos os Santos.

- 1- Igreja Nossa Senhora da Vitória
- 2- Banheiros, vestuários e armários. O local possui esse formato devido à topografia do terreno, as instalações foram construídas no topo da encosta, que apresenta algumas formações rochosas, com isso, as edificações acompanharam o espaço disponível.

- 3- Refeitório, o local possui algumas mesas e cadeiras de madeira, fixas no chão, além de, alguns utensílios de cozinha, com: um fogão quatro bocas, uma pia, um lavabo e duas mesas compridas porém estreitas, que serviam para colocação dos isopores utilizados para acondicionar as marmitas, o espaço não comportava todos os trabalhadores no horário de almoço, vale lembrar, que havia três turnos de almoço e assim mesmo o lugar não dava conta de todos os operários.
- 4- Área de vivência, primeiro local após passar pela portaria, caminhar pela passarela e descer as escadas, ambiente amplo, utilizado durante os horários de almoço, como uma espécie de sala de espera (os trabalhadores aguardavam neste local para poder almoçar, já que o refeitório tinha pouca capacidade), durante o horário de almoço e durante o horário de saída (final de expediente) o lugar servia como ponto de encontro e bate papo.
- 5- Espaço reservado para os escritórios das empresas contratadas pela dona do empreendimento existia oito escritórios. O local possuía um corredor estreito que dava acesso às áreas operacionais.
- 6- Escritório da empresa João de Barro, local apertado e com pouca infraestrutura, no começo possuía três cômodos (A – sala que servia para guardar equipamentos, ferramentas, materiais de construção e objetos pessoais dos trabalhadores da empresa, B – o escritório da empresa, um pequeno cômodo destinado para serviços administrativos, fiscais, contábil, financeiros, neste local existia algumas prateleiras de madeira que serviam para colocar diversas pastas, classificadores, fichários e diversos materiais de escritório, C – depósito da empresa, lugar bastante apertado, reservado para acomodar materiais de construção, como também, ferramentas e equipamentos que não tem serventia nesse momento), depois de um tempo, acabou perdendo um pequeno espaço reservado para depósito, esse espaço deu lugar ao refeitório que foi deslocado para a área de vivência.
- 7- Área operacional era utilizada para guardar materiais de construção civil, após o almoço servia como local de descanso.
- 8- Escritório da dona do empreendimento, ambiente climatizado bem diferente dos outros escritórios, havia instalações sanitárias.
- 9- Grua, equipamento bastante utilizado dentro do canteiro, também chamado de guindaste.

- 10-Área operacional, espaço onde havia diversas colunas, estas estruturas de concreto apresentava-se bastante espessa, isso se fazia necessário já que servia como sustentação para o empreendimento, ou seja, neste local estava sendo erguido o edifício, o ambiente era amplo e bastante arejado.
- 11-Área operacional, local projetado para construção das rampas de acesso das garagens (que ficam no subsolo, o empreendimento está projetado para dois níveis de estacionamento), ainda com pouca movimentação de trabalhadores e serviços.
- 12-Espaço reservado para carga e descarga de mercadorias e equipamentos, o local na maioria das vezes estava abarrotado desses insumos.
- 13-Portaria do canteiro de obra, local coberto e monitorado por um segurança que fazia o controle de acesso, tanto de colaboradores, quanto de visitantes, todos os trabalhadores tinham um senha de acesso na obra, esse controle era feito através de uma catraca eletrônica, para os visitantes esse controle era feito através da ficha de entrada.

## 2.2 Dialogando com as Categorias Gênero e Raça

As discussões a cerca de gênero e raça se inserem neste debate, pois, a construção civil no Brasil vem se demonstrando um ambiente marcado pela existência de uma estreita relação, construção e reconstrução de gênero e raça, que acabam problematizando os diversos estudos acerca do tema. As análises se faz necessária, para evidenciar de que forma as relações compreendem e estabelecem o trabalho dentro do canteiro de obra, além de, respaldar as discursões referentes ao tema. Como a raça e o gênero são construídos na construção civil.

A intenção não é uma reconstrução histórica conceitual da teoria de gênero nem de raça, os principais objetivos aqui, é fazer uma discussão junto a algumas abordagens relevantes para definição e compreensão desses conceitos, o que irá nos ajudar a analisar os dados empíricos e entender determinadas realidades. Com isso, Verena Stolcke (1991) mostra como as interseções envolvendo gênero e raça

acaba evidenciando as diversas formas de dominação entre homens e mulheres, como também, entre brancos e negros, a autora acredita que “em culturas estratificadas tanto por gênero quanto por raça, o gênero é também uma categoria racial e a raça, uma categoria de gênero” (p. 105).

Pensar raça é buscar refletir sobre a condição do negro na sociedade, bem como a condição do mesmo nos diferenciados contextos, assim refletir sobre raça é buscar interpretar as condições hierárquicas de raça no Brasil. Como a categoria vem sendo construída e interpretada ao longo da história, bem como sua inter-relação com outras categorias.

A origem do termo raça tem raízes na palavra latina *ratio*, que significa, entre outras coisas, “ordem cronológica”; quando reportado a uma realidade biológica, esse sentido lógico tende a persistir. A raça é, então, entendida como um conjunto de traços biológicos e psicológicos que interligam ascendentes e descendentes numa mesma linhagem. Inicialmente, o termo estava ligado ao mundo animal, mas, a partir do século XVI, a sua aplicação estendeu-se ao ser humano (ENCYCLOPEDIA UNIVERSALIS, 1992, p. 438). Na língua francesa, e na sua gênese, a palavra “raça” significava a diferenciação das espécies, mas igualmente a das classes sociais ou das grandes famílias, uma vez que cada dinastia real constituía uma raça única. A utilização desse termo tornou-se mais frequente no século XVIII, sendo invocado para dar conta das diferenças entre humanos (por exemplo, relacionado à cor da pele). Às vezes, era ainda utilizado para designar um grupo de pessoas ou como um dos muitos sinônimos das palavras latinas *gens* e *genus*. A partir de 1750, o questionamento em torno da “raça” evoluiu de forma gradual e sistemática até 1850. Por essa altura, discutia-se a posição da espécie humana no contexto da criação animal e procuravam-se respostas para a variabilidade entre seres humanos. (MENDES, 2012, P.101)

Acerca do tema, Wieviorka (2007) aponta para “As doutrinas e ideologias racistas que evoluíram segundo o autor consideravelmente no decorrer da era moderna. [...] em um primeiro tempo, durante os séculos XVII e XVIII”. O outro era sempre visto como inferior, a diferença era marcada pelo corpo, pelos atributos físicos e estaria nos Africanos, nos indígenas da América, uma suposta inferioridade também estaria na cultura, na civilização na qual faziam parte. Ainda segundo o autor, raça vem “associada a atributos biológicos e naturais, pode ser objeto de teorização científica” (p. 20). O autor ainda aponta para a colonização, imperialismo, nacionalismo e para as nações europeias.

As classificações raciais eram elaboradas na expansão europeia e no ímpeto da manifestação das identidades nacionais que falavam pela raça, e eram definidas pela cor. A noção de raça biológica surge para distinguir brancos de não brancos, neste caso os europeus seriam os seres humanos supremos enquanto os outros seriam os racializados.

Guimarães (1999) acrescenta que a Biologia e a Antropologia Física acabaram criando a ideia de raças humanas, ou seja, a ideia de que a espécie humana poderia ser dividida em subespécie, para isso segundo o autor, utilizou-se particularidades físicas, características morais, psicológicas e intelectuais que, supostamente, definiam o potencial das raças para a civilização.

Tal divisão estaria associada ao desenvolvimento diferenciado de aspectos morais, intelectuais e psíquicos, porém, a categoria ganha novos contornos e acaba sendo ressignificada. Com isso, torna-se um conceito importante para pensar relações de desigualdades, uma categoria sócio construída, ou seja, uma construção social.

Desta forma, estudar raça requer examinar como a mesma pode ser apropriada e pensada, em especial, a partir da sociologia e da antropologia. Desta forma é importante ressaltarmos como o conceito de raça foi desenvolvido na América Latina e conseqüentemente no Brasil, de acordo com Valle (1999), a definição racial latina está pautada em categorias, distinguindo-se diversas gradações de cor, tonalidade e forma de aparência física das pessoas.

O que nos faz perceber como a gradação da cor, a construção fenotípica está ligada à construção de raça, logo à categoria raça, desta forma, a partir da gradação da cor é construída uma percepção do outro. A raça acaba assumindo um papel de instrumento para estudos de relações desiguais de hierarquias sociais, pensar raça é refletir sobre a condição de desigualdade de determinado grupo, assumindo ainda o papel de observar as hierarquias forjadas na intersecção de raça e gênero relevantes na construção desta dissertação. Entendemos que é de suma importância esta relação porque pode desvelar situações diferenciadas de desigualdades que ocorrem dentro do canteiro de obra, como também mostrar determinadas lógicas a cerca das representações envolvendo trabalhador@s da construção civil. De acordo com Scott.

“a ênfase colocada sobre o gênero não é explícita, mas constitui, no entanto, uma dimensão decisiva da organização, da igualdade e desigualdade. As estruturas hierárquicas baseiam-se em compreensões generalizadas da relação pretensamente natural entre o masculino e o feminino”. (SCOTT, 1995, p. 26)

A socióloga Avtar Brah (2006) defende a necessidade de observar o processo de racialização para além dos grupos em desvantagem no quadro de hierarquias raciais, com isso, refletindo que existem pressões diferenciadas a partir das identidades dos sujeitos, segundo a socióloga, é importante salientar que tanto negros quanto brancos experimentam seu gênero, classe, sexualidade através da raça, “a racialização da subjetividade branca não é muitas vezes manifestadamente clara para os grupos brancos, porque branco é um significado de dominância” (p. 345). A autora chama atenção ao analisar e propor uma desconstrução do que é ser mulher branca ou mulher negra, como também o que é ser homem branco ou homem negro, sendo necessário para entender como o significado das palavras passa de simples descrição para uma hierarquização organizada.

Desta forma, a questão racial traz em si, marcas permeada de hierarquia e desigualdades que acabam incidindo no campo da política trazendo com isso marcas de desigualdades de raça e de gênero.

Sendo assim, é importante pensar na afirmação da identidade a partir do contexto cultural, entendendo que ser “mulher branca” é diferente de ser “mulher negra”, que a raça e a cor trazem em si marcas permeadas de desigualdades e hierarquias.

Considerando como o corpo negro foi construído de maneira estereotipada e hierarquizada, com base numa suposta animalização, inferimos que gênero se correlaciona com raça de modo preponderante. Nesse mesmo contexto, o conceito de gênero é apreendido por pesquisadoras como, Joan Scott (1995), Miriam Grossi (1998), Verena Stolcke (1991), e Sandra Azeredo (1994), como categoria analítica, que tem como interesse lançar luz sobre as relações sociais que envolvem homens e mulheres, evidenciando o modo como às diferenças são construídas socialmente, que acabam resultando em hierarquias e desigualdades, compondo assim, critérios de distribuição de poder.

Começo falando, do texto de Joan Scott (2005) que traz uma importante contribuição para as discussões de gênero, destaca-se nessa obra, importantes

aspectos que norteiam as relações de gênero, observando que as relações de gênero apresentam-se com uma dinâmica própria, como também, se articulam com outras formas de dominação e de desigualdades sociais.

Ainda segunda a autora, a perspectiva de gênero ajuda a entender as relações envolvendo homens e mulheres, pressupondo mudanças e permanências, desconstruções além de reconstruções de práticas, símbolos, comportamentos, normas, representações e valores, a análise da categoria gênero, como também, a categoria raça reforça o estudo da história social. Scott aponta que os homens e as mulheres acabam elaborando combinações e arranjos de acordo com suas necessidades concretas da vida. As relações que envolvem a questão de gênero enquanto relações de poder são permeadas por obediências, submissões, hierarquias e desigualdade. Neste contexto estão presentes negociações, conflitos, alianças e tensões, tanto pela manutenção dos poderes masculinos, ou também pela luta pela ampliação e busca do poder (FISCHER; MARQUES, 2001).

Joan Scott (1995) discute as relações de poder constituídas a partir do gênero, com relação à cultura, ou seja, como questões e dinâmicas sócio-históricas ajudam a criar condições desiguais entre homens e mulheres, e mais que isso, a autora apresenta gênero como uma categoria de análise que possibilita entender as dinâmicas de desigualdades entre homens e mulheres, apontando para a necessidade de se entender a história das mulheres para compreender como a partir dos diferentes contextos históricos, a desigualdade de gênero foi sendo elaborada.

O gênero se torna uma categoria de análise das desigualdades entre homens e mulheres como aborda Stolcke (1991):

O conceito analítico de “gênero” se destina a desafiar a máxima essencialista e universalista de que “a biologia é o destino”. Ele transcende o reducionismo biológico interpretando as relações entre homens e mulheres como formulações culturais resultantes da imposição de significados sociais, culturais e psicológicos sobre identidades sexuais. Em consequência, tornou-se necessário distinguir entre gênero como criação simbólica, “sexo” que se refere ao fato biológico de a pessoa ser fêmea ou macho, e “sexualidade” que tem a ver com preferências e comportamentos sexuais. (STOLCKE, 1991, p.103)

Desta forma, Figueiredo (2008) acrescenta que é importante entender os vários contextos sociais e as diferenças nas experiências das mulheres. Por isso,

faz-se necessário investigar como as diferenças raciais interagem com o gênero, como a partir da raça as desigualdades se intensificam.

As identidades de gênero são construídas a partir das relações culturais e simbólicas e por sua vez, as relações de gênero se expressam materialmente nos corpos. A cultura tem um papel fundamental na construção das identidades do sujeito e dos diferentes grupos (ROMERO & PEREIRA, 2008).

A noção de gênero também vai sendo construído através do entrecruzamento das categorias gênero e raça, que intensificam as desigualdades de gênero, como nos mostram Stolcke, segundo ele, “O modo como a diferença racial se constrói através do gênero, como o racismo divide identidade e a experiência de gênero e como a classe é moldada por gênero e raça” (1991, p.102).

Com isso, Saffioti (1992, p. 198) descreve que “o gênero é uma maneira contemporânea de organizar normas passadas e futuras, um modo de a pessoa situar-se em e através destas normas, um estilo ativo de viver o nosso corpo no mundo”, segundo a autora o preconceito existente é acompanhado de uma concepção hierárquica de dominação, que envolve o gênero masculino sobre o gênero feminino, se perpetuando ao longo do tempo pelas crenças e valores, desta forma, sendo reproduzida pela educação, religião, sociedade e também pelo imaginário popular. A obra de Huntley e Guimarães (2000) aponta para a relação de desigualdade que envolve homens e mulheres, nessa lógica os homens são superestimados e valorizados, já no caso das mulheres o que acontece é a desvalorização e sub posição, ficando a cargo delas tarefas ligadas a maternidade, família, afazeres domésticos e outros.

As capacidades específicas das fêmeas têm a ver com atividades consideradas de segunda ordem para o funcionamento e desenvolvimento da sociedade, precisamente à produção da vida. As atividades específicas dos machos, relativas à produção e administração das coisas consideram-se fundamentais e de primeira ordem. (HUNTLEY e GUIMARÃES, 2000, p. 131).

A sociedade ao diferenciar homens e mulheres atribui a estes papéis específicos, sendo que cada um ocupa uma determinada função, onde exercem determinadas atividades e se comportam de maneiras pré-estabelecidas. Butler (2003) traz para a discussão que tanto o gênero quanto o sexo, seriam uma construção social discursiva que acabam gerando efeitos sobre uma dada realidade.

Com isso, através do gênero que a mulher é colocada numa posição inferiorizada com relação ao homem, é evidente e conhecido por todos que as sociedades fazem uso do sexo biológico para atribuições de gênero, isso ocorre de diversas maneiras nas sociedades, desta forma Stolcke (1991) aponta que, naturalizam-se as representações e as desigualdades.

Vimos até agora, reflexões mais gerais direcionadas para uma análise de gênero, a partir desse momento tentaremos discutir a partir de uma articulação entre a teoria de gênero e a racial, Verena Stolcke (1991) sinaliza para:

Teorizar as relações de gênero como formulações culturais impõem pelo menos dois conjuntos de questões analíticas. A teoria do gênero, por desafiar essencialismos biológicos anteriores, problematiza e permite uma nova discussão sobre a maneira pela qual os fatos naturais das diferenças entre os sexos são relacionadas a formulações de gênero. Simultaneamente, o conceito de gênero como forma sócio-histórica da desigualdade entre mulheres e homens chama a atenção para outras categorias de diferença que se traduzem em desigualdade, tais como raça e classe, e coloca a questão de como elas se cruzam (STOLCKE 1991 p. 104).

Para a autora as desigualdades entre os diversos grupos humanos são justificadas por naturalizações que asseguram a ordem natural das sociedades. Segundo Cruz (2012), “as representações de gênero e raça que estruturam a sociedade são naturalizados para abonar a subalternização de certos grupos”. Stolcke (1991) evidencia outras formas de opressão, para a autora gênero, raça e classe se cruzam e criam maneiras específicas de explorações. Através do debate sobre os cruzamentos entre gênero e raça, percebendo o peso desta “interseção” na vida da cada pessoa.

Pensando a partir das mulheres trabalhadoras da construção civil, podemos entender que:

a experiência da opressão sexista e dada pela posição que ocupamos numa matriz de dominação de raça, gênero e classe social interceptam-se em diferentes pontos. Assim, a mulher negra trabalhadora [...] experimenta a opressão a partir de um lugar, que proporciona um ponto de vista diferente sobre o que é ser mulher numa sociedade desigual, racista e sexista (BAIROS, 1995 p. 461).

Desta forma, compreendemos que raça, gênero e também classe “configuram uma multidimensionalidade opressiva da experiência da mulher negra. De acordo

com essa teoria não existe uma identidade única de ser mulher, essa experiência se dá por intermédio de elementos social e historicamente definidos.” (CRUZ, 2012, p. 36).

De acordo Collins (2005 apud FIGUEIREDO, 2012), desde o período da escravidão temos visto que o corpo e a sexualidade do negro, especialmente na mulher negra, vêm sendo construído pelo olhar alheio, como também, pelo discurso do outro.

Pensando assim Bocayuva (2001) aponta para os excessos nas obras de Gilberto Freyre que teve grande importância para a construção do discurso voltado para a igualdade racial no Brasil, segundo Bocayuva, o “pensamento freyriano entrelaça os atributos de negro e mulher, caracterizando-os como destinos biológicos”. Tendo o homem branco como o verdadeiro “representante da totalidade de gênero masculino, revestido de qualidades inerentes ao seu sexo e à sua raça”, por outro lado a mulher surge de forma a favorecer “a passividade, o conformismo e o coletivismo, similarmente à população negra” (BOCAYUVA, 2001 p.103).

Podemos evidenciar que dentro do mercado de trabalho a mulher ainda é vista e posta em cargos que remetem a imagem da empregada doméstica e/ou secretária do lar, o setor da construção civil vem demonstrando algumas semelhanças com este fato. Pensando assim, fomos procurar respostas e constatamos com o decorrer do trabalho de campo e com a literatura (COSTA, 2013, SILVA, 2013; RESENDE, 2012; BRUSCHINI, 1998; BRUSCHINI e LOMBARDI, 2002) sobre o tema, que operárias da construção são direcionadas muitas das vezes para atividades relacionadas estreitamente com as atividades domésticas, esse questão iremos discutir melhor no decorrer deste trabalho.

Sendo assim, Carneiro (2004) afirma em sua obra que ser mulher negra no Brasil opera uma síntese que agrega as contradições de raça e gênero e não menos importante, de classe. Essas estruturas de dominação históricas e culturais determinam o lugar social, desprestigiado assim a mulher negra, como também, as suas atividades. A discriminação no mercado de trabalho, os salários desiguais, acabam levando a quase exclusão política presentes no cotidiano da mulher negra.

A construção civil além de reproduzir as estruturas da sociedade, também reproduz o racismo, como ideologia e como prática de relações sociais que invisibiliza e imobiliza as pessoas, inferiorizando-as e as desqualificando em relação

a sua raça ou cor. Desta forma, as dimensões de raça e gênero encontram-se lutando por um lugar de reconhecimento no contexto das lutas contra hegemônicas.

Pensando assim, trago para o campo da discussão a questão de gênero no ambiente da construção civil, como também, a relação da raça em uma atmosfera onde a maioria da mão de obra trabalhadora é formada por negros, ao chegar ao canteiro de obra percebi a olhos nus, que a maioria dos trabalhadores é negro, essa constatação também foi observada por outros pesquisadores (SANTOS et al, 2012, SOUZA; 2014, COSTA; 2013).

### 2.3 Divisão sexual do trabalho

Procuramos verificar por meio de nossas análises quais os aspectos das relações de gênero permeiam as atividades desenvolvidas por homens e mulheres no setor da construção civil de Salvador. Durante o trabalho de campo e também através da bibliografia utilizada, verificamos a presença da divisão sexual do trabalho no canteiro de obra pesquisado. Desta forma, e conveniente discutir mais a fundo, essa realidade vivida por tantos trabalhador@s, não só da construção como em diversos outros segmentos.

Ao longo da história os significados atribuídos ao trabalho variam de acordo com a época, com a cultura além é claro de como o indivíduo se relaciona e compreende o mundo onde está inserido. Pensando assim, podemos dizer que o significado da divisão sexual do trabalho logo vai depender da história e do contexto no qual está inserido. De acordo com Silva (2013) a noção do termo divisão sexual do trabalho teve início através dos etnólogos, utilizando assim, como forma de “repartição complementar” das atividades envolvendo os homens e as mulheres nas sociedades, porém, a autora aponta que as antropólogas feministas acrescentaram outro significado a essa noção, agora não apenas como caráter de complementariedade das tarefas, mais, como uma relação de poder e superioridades dos homens sobre as mulheres.

Segundo Hirata e Kergoat (2008) a divisão sexual do trabalho apresenta distintos aspectos de acordo com o tempo e espaço em todas as sociedades, ainda de acordo com as autoras as condições que estão colocados homens e mulheres não dizem respeito a aspectos biológicos, mas, antes de qualquer coisa a aspectos

construídos socialmente e culturalmente. Sendo assim, a divisão sexual do trabalho não se apresenta como um dado rígido e imutável, apesar de suas modalidades variarem de acordo com tempo e espaço, “para que se compreendam o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade observou-se que a construção de gênero é uma construção social. É um conjunto de implicações que entre elas envolve a dominação” (LOURO, 1998, p. 21).

Pensando nisso, Bourdieu (2001) defende a existência de um poder simbólico, onde os sujeitos dominantes são beneficiados por um capital simbólico, trata-se neste caso na teoria da dominação simbólica, podemos pensar, por exemplo, na sobreposição do sexo masculino ao feminino. Ainda de acordo com Bourdieu, a dominação masculina caracteriza-se como uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente, e como que por magia, sem qualquer coação física, mas essa magia só atua com o apoio de predisposições colocadas, como molas propulsoras, na zona mais profunda dos corpos.

Ainda de acordo com Bourdieu (2007), a divisão entre os sexos aparenta esta na ordem das coisas, sendo percebida como algo natural, chegando a ser até inevitável, ela afirma que, “aquilo que, na história, aparece como eterno não é mais que o produto de um trabalho de eternização que compete a instituições interligadas” (p. 8).

Neste sentido, Cacouault (2003) descreve que a divisão sexual, também chamada, a divisão das atividades, dos ofícios atualmente das profissões, compõem uma rivalidade entre o poder feminino e o poder masculino, estando em permanente conflito em nossa sociedade, principalmente nos dias atuais, de acordo com a autora, qualquer atividade pode ser caracterizada como masculina ou feminina em diferentes momentos da nossa história, tomando como base os parâmetros culturais e sociais. Ainda conforme o autor, o que vai determinar se uma profissão é masculina ou feminina é a taxa de feminização ou a taxa de masculinização existente em cada profissão.

A autora Kergoat em uma de suas obras afirma que.

A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais de sexo; essa forma é adaptada historicamente e a cada sociedade. Ela tem por características a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apreensão pelos homens

das funções de forte valor social agregado (políticas, religiosas, militares, etc.) [...] Esses princípios podem ser aplicados graças a um processo específico de legitimação, a ideologia naturalista, que empurra o gênero para o sexo biológico, reduz as práticas sociais a “papéis sociais” sexuados, os quais remetem ao destino natural da espécie. No sentido oposto, a teorização em termos de divisão sexual do trabalho afirma que as práticas sexuadas são construções sociais, elas próprias resultado de relações sociais. (KERGOAT, 2009, p.55 e 56).

Conforme Neves (2001), a discursão sobre divisão sexual do trabalho esta pautada no campo das construções históricas, culturais e também no campo das representações do masculino e do feminino, levando em consideração as relações de gênero e trabalho, as representações de gênero são construídas socialmente e culturalmente, influenciando a entrada de homens e mulheres no mundo do trabalho e se construindo como fator fundamental da segmentação ocupacional e da divisão sexual do trabalho.

As autoras Hirata e Kergoat (2008) descrevem em sua obra que a divisão sexual do trabalho é resultante das relações sociais, que destinam aos homens o serviço produtivo e às mulheres o reprodutivo. Com isso, Hirata (1995, p. 43) sinaliza que a mulher está “associada ao trabalho leve, fácil, limpo, que exige paciência e minúcia”, já por outro lado, Resende (2012, p. 44) aponta que cabe ao trabalhador masculino, “as profissões que demandam força e trabalhos pesados, realizados em ambientes inóspitos, sujos e insalubres e em revezamento de turnos, geralmente são associadas a estereótipos masculinos”. Desta forma, o trabalho compelido à mulher geralmente está associado a atividades com pouca ou nenhuma relevância, enquanto que a atividade atribuída ao homem ocupa maior representatividade dentro da sociedade.

Através da análise de gênero no mundo do trabalho podemos perceber as relações hierárquicas de poder estabelecidas em uma sociedade entre homens e mulheres, além de identificar as relações de desigualdade e discriminação que envolve o trabalho realizado por mulheres.

Bourdieu (2007) aponta que a sociedade acaba construindo o corpo feminino já o corpo masculino é construído com base na oposição do feminino.

A primazia universalmente concedida aos homens se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas em uma divisão sexual do trabalho de

produção e de reprodução biológica e social, que confere aos homens a melhor parte, bem como nos esquemas imanentes a todos os habitus; moldados por tais condições, (...), eles funcionam como matrizes das percepções, dos pensamentos e das ações de todos os membros da sociedade, como transcendentais históricos que, sendo universalmente partilhados, impõem-se a cada agente como transcendentais (BOURDIEU, 2007, p. 45).

Ao longo do tempo o trabalho realizado pelo homem sempre foi mais valorizado do que o trabalho realizado pela mulher, com isso, percebemos a existência de disparidades com relação a oportunidades e ganhos salariais envolvendo homens e mulheres que exercem o mesmo cargo. Desta forma, Cambota e Pontes (2007) apontam para a existência de duas formas: por meio da discriminação salarial ou através da segregação ocupacional, a primeira ocorre quando dois trabalhadores (homem e mulher) que exercem o mesmo cargo e recebem remunerações diferentes, já a segregação ocupacional ocorre quando estes trabalhadores exercem a mesma função ou tem a mesma produção, mas, não conseguem alcançar cargos melhores, não tendo a mesma chance de galgar cargos ou posições de destaque na cadeia de trabalho, os autores acima evidenciam que apesar de toda essa problemática as mulheres têm ocupado espaços sociais, profissionais, culturais e políticos que tradicionalmente eram destinados apenas aos homens.

Pensando assim, podemos apontar o setor da construção civil como um ambiente historicamente atribuído ao homem, porém, vem com o passar do tempo sofrendo mudanças, se abrindo para entrada de mulheres. Diversos pesquisadores (SILVA, 2013; RESENDE, 2012; COSTA, 2012; HIRATA e KERGOAT, 2008; BRUSCHINI, 2002, 1999 e 1998; BRUSCHINI e LOMBARDI, 2002; HIRATA, 1995; SADEK, 2003) apontam para essa nova abertura, para a maior entrada de mulheres em territórios masculinizados.

Na construção civil tanto a discriminação salarial quanto a segregação ocupacional expressam-se de forma muito intensa. Percebemos que existe uma diferenciação dos trabalhos em função do sexo, sendo assim, na maioria dos casos as mulheres encontra-se no desempenho de funções e/ou atividades que requerem atributos vinculados à construção social do feminino, tais como a limpeza, o acabamento das obras e os serviços que requerem delicadeza, cuidado e destreza.

Desta forma, existe também uma hierarquização no segmento da construção civil, envolvendo homens e mulheres, onde acaba predominando a supremacia masculina em relação à condição feminina. Segundo Silva (2013) essa condição é “legitimada, principalmente, pelo poder decorrente do saber”, a autora revela que o poder exercido pelo trabalhador da construção civil diante do público feminino está diretamente ligado ao saber.

Devemos ficar atento e pensar nas novas configurações envolvendo o mundo do trabalho, com relação às mulheres. Desta forma, é necessário um olhar especial para as reconfigurações em torno da mulher no espaço cultural, histórico e tradicionalmente associados aos homens, que é o ramo da construção civil, é impossível separar as expressões divisão sexual do trabalho de relações sociais de sexo (KERGOAT, 2009).

Apesar da maior presença da mão de obra feminina e áreas majoritariamente masculinas, não significa a extinção de preconceitos e discriminação, Sadek (2003, p 127) evidencia que “o ingresso feminino em arenas anteriormente monopolizadas por homens não significa que tenha havido a extinção de preconceitos, mas que muitos sulcos foram abertos, abalando antigas fortalezas”. Desta forma, Bruschini (2007) afirma que a mulher vem ocupando cada vez mais espaços sociais, culturais, profissionais e políticos que tradicionalmente eram reservados aos homens. Por fim, concluímos que a sociedade continua rotulando trabalhos tidos como adequados para homens e trabalhos adequados para mulheres, levando em consideração aspectos históricos, sociais, culturais, temporal e espacial, baseados na construção natural relativa ao sexo biológico e à representação de gênero.

### **CAPÍTULO III - CANTEIRO DE OBRA, LUGAR PARA MULHER? Análise das entrevistas**

No caso das mulheres entrevistadas, o contato com o canteiro de obra é recente, como já relatado neste trabalho, a inserção destas vem ocorrendo gradativamente nos últimos anos. Diversas estudiosas como Silva (2013), Resende (2012), Kergoat (2009) e Brushini (2002 e 1998) apontam para os obstáculos e complicações para essa chegada, as trabalhadoras entrevistadas declararam que começaram a trabalhar na construção civil após completar a maioridade, Cris começou a trabalhar no setor com 23 anos, hoje ela tem 29 anos é a mais nova das entrevistadas, as demais são mais velhas na idade, porém, tem menos de dois anos de construção, um fato interessante, é que estas que tem menos tempo de atuação apresentam maior idade, ou seja, são mais velhas e possuem menos tempo na construção civil, Mere<sup>35</sup> por exemplo, tem 42 anos, estava desempregada e conseguiu um trabalho na construção, tem apenas um ano de atuação no setor. Já Ana com 35 anos, foi trabalhar no segmento por falta de emprego, tem aproximadamente dois anos de trabalho.

Diante dos depoimentos, percebo que estas duas depoentes ingressaram no canteiro por falta de opção, isto é, não acharam empregos em outras áreas como na prestação de serviços e no comércio. Apesar das dificuldades no mercado de trabalho Bruschini (2012, p. 11), revela que “As trabalhadoras continuam tendo na prestação de serviços e comércio as maiores possibilidades de trabalho [...] Apesar dos deslocamentos, a presença das mulheres continua sendo marcante nos setores de serviços e social, além do agrícola”, Ambas as entrevistadas, já haviam trabalhado anteriormente nessas áreas, sendo assim, pela falta de oportunidade em outros setores da economia, essas mulheres migraram para o canteiro de obra.

Acredito que as mulheres mais jovens tem maior propensão para entrada no mercado de trabalho da construção civil, visto que, estas vêm de uma geração não tão rígida, aonde o preconceito e discriminação vem perdendo espaço para a igualdade de gênero e maior oferta de oportunidades, esse cenário um pouco mais favorável para as jovens, não foi o mesmo encontrado pelas mulheres mais velhas.

---

<sup>35</sup> Trabalhadora negra, 42 anos, casada, estudou até a 8ª série, começou a trabalhar a menos de um ano na construção civil, foi contratada para o cargo de servente, mas, atua em serviços gerais, já trabalhou como recepcionista, atendente, revendedora e repositora, tem três filhos.

Os operários entrevistados foram questionados quais os motivos que os levam a trabalhar nesse setor, diante dos argumentos, resolveram selecionar alguma resposta que suscitam uma reflexão, a começar por Sales<sup>36</sup>.

Porque a gente tem que trabalhar, não dá pra fica sem trabalhar não, infelizmente, agente que na juventude não procura terminar nossos estudos, fica bem difícil encontrar um trabalho. Eu estava trabalhando aí, de atendente numa loja de celular, mais, porém, não era de carteira assinada, eu acho que nós precisamos ter uma assinatura na carteira pra a gente ganhar alguma coisa lá na frente. Melhor do que nada. (Sales, 22 anos, servente).

A fala de Sales demonstra o quanto para as classes mais populares é necessário se conseguir um emprego, a urgência em conquista um atividade laboral para os jovens que fazem parte das classes menos favorecidas obriga muitos a abandonaram os estudos para trabalharem, gerando ai diversos efeitos, um deles é o pouco ou quase nenhum nível de instrução relacionada aos estudos, o entrevistado é um exemplo, atualmente frequenta a 5° e 6° serie do ensino fundamental, nesse formato de aprendizagem é compactado, ou seja, o individuo faz em um ano duas series, é obvio que o ensino não é o mesmo em comparação com quem cursa uma serie por ano, porém, essa concepção de ensino vem para compensar o atraso de jovens. Em sua fala quando diz, “a gente que na juventude não procura terminar nossos estudos, fica bem difícil encontrar um trabalho.”, ele exalta a importância da conclusão dos estudos (se referindo ao segundo grau), para almejar um bom trabalho, com isso o próprio entrevistado se coloca em evidência.

Para reforçar essa concepção trago a fala de Seu Zé, um trabalhador da construção civil com mais de 40 anos, e que ajuda a entender essa relação, segundo ele: “*a construção foi o meio que eu achei mais fácil né, quem não estuda não tem nada, então foi o meio que achei pra trabalhar pra conseguir viver*”, esse trabalhador sênior não chegou a frequentar a escola (segundo seu relato), porém, tem a mesma percepção de Sales, que nesse momento é o caçula da empresa, ambos acreditam que o estudo proporciona uma melhor qualidade de emprego. Costa (2013) e Tomasi (1999) apontam que o setor da construção civil sempre representou para os jovens, com “baixa escolaridade e vindos de regiões mais

---

<sup>36</sup>Trabalhador negro, 22 anos, solteiro, esta estudando fazendo a 5° e 6° do ensino fundamental, trabalha há três meses na empresa. Sendo este o primeiro trabalho com carteira assinada, já trabalha da construção civil a seis anos de forma informal.

pobres, [...] a oportunidade do primeiro emprego, a inserção em setores urbanos e a ascensão social”.

As portas dos canteiros de obras sempre estiveram abertas a estes jovens. Para o setor, eles significam uma mão-de-obra de baixo custo, habituada às dificuldades do trabalho pesado do campo e ainda motivada para enfrentar as adversidades da nova localidade e dos canteiros de obras. (COSTA, 2013, p. 13).

Não posso deixar de falar, que existe até certo ponto, uma pressão social para que os jovens entrem no mercado de trabalho cedo, no caso dos homens essa pressão é ainda maior.

O entrevistado aponta também em sua fala para a importância de ter a carteira assinada, que sua atividade laboral esteja amparada dentro das regras da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), em outras palavras, que seu trabalho seja regulamentado e oficializado. O mesmo revela uma preocupação com o futuro, percebo que a preocupação gira em torno de garantias trabalhistas que o operário possa vir a necessitar, a exemplo: o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), o Programa de Integração Social (PIS) e o seguro desemprego, vale ressaltar que o setor aqui estudado tem como uma das características a contratação por tempo determinado, ou seja, há um grande rodizio (admissão e demissão) de trabalhadores, tanto pelo término das atividades específicas que dada empresa está ali realizando (essas atividades podem ser chamados de: empreitadas, fases, etapas que estabelecem qual a tarefa que compete à empresa, logo após o término das atividades, boa parte dos trabalhadores são desligados da empresa), ou pelo final das obras, ou seja, as etapas de construção do empreendimento mais cedo ou mais tarde vão chegar ao fim, o que gera uma enxurrada de demissões, esse momento é natural e próprio do setor da construção civil, qualquer trabalhador que entrar no segmento da construção civil sabe que um dia ele vai deixar de trabalhar no empreendimento, alguns poderão ser relocados para outras obras ou desligados definitivamente.

Podemos perceber na fala de alguns entrevistados que o motivo que os levou a trabalhar na construção civil foi à falta de opção, ou seja, estes trabalhadores não encontraram outro trabalho ou fonte de renda a não ser o da construção civil, as

circunstâncias os obrigaram a seguir o caminho do canteiro de obra. Fernando<sup>37</sup> demonstra isso em sua fala, quando diz que, “só tinha esse, só tinha esse emprego pra mim”, esse trecho deixa bem claro que a entrada no canteiro de obra em alguns casos não ocorre devido a interesse em trabalhar nesse ramo, mas, por falta de opção, neste caso o trabalhador se vê obrigado a ingressar nesse setor, com receio de não ficar desempregado.

As respostas dadas pelas mulheres entrevistadas seguem a mesma lógica. Cris informa que, “na verdade, na época foi à oportunidade que eu tive no momento foi à construção civil, ai eu fui”. Ana por sua vez declara quando questionada o motivo que a levou ao setor a mesma responde, “Porque só tinha esse, quando aparece um trabalho tem que pegar logo”. As respostas de ambas as trabalhadoras, levantam a ideia de que o mercado de trabalho encontra-se retraído com relação geração de emprego, como também, no campo do desenvolvimento econômico, isso pode ser confirmado se analisarmos a situação econômica do país nesse momento.

A pouca oferta de emprego acaba obrigando a parcela da população desempregada a aceitarem o primeiro emprego que achar, com isso, alguns setores da economia servem como uma válvula de escape, ou seja, na ausência de trabalho em determinadas áreas o jeito é migrar para outra, que tenha maior oportunidade de ingresso. Na fala da auxiliar de serviços gerais Mere, percebemos muito bem essa situação. “Antes eu trabalhava numa loja de confecções, vendia cama, mesa, banho, roupa feminina e masculina, ai teve corte, eu saí, fiquei um tempo desempregada, depois o que apareceu foi esse trabalho, tive que pegar”, a narrativa demonstra a mudança de segmento econômico por parte da entrevistada, a mesma trabalhava no setor de comércio quando ficou desempregada, depois mudou para o setor da construção, segundo ela foi o que apareceu. Nessa fala dá para perceber que o trabalhador e/ou trabalhadora que atua no ramo da construção civil está ali não por desejo próprio, mas, pelas circunstâncias, que impele o cidadão desempregado a ocupar a primeira vaga de emprego que aparecer, é claro que esta fala e nem a análise, representam toda a realidade, existe sim, trabalhadora da construção que

---

<sup>37</sup> Trabalhador negro, 25 anos, solteiro, estudou até a 8ª série, começou a trabalhar na construção civil ainda adolescente, não tem filhos, trabalha há oito meses na empresa é o primeiro emprego de carteira assinada.

atual em suas áreas confortavelmente, sem esse conflito, exercendo uma atividade laboral em conformidade com seus anseios.

O setor da construção civil, apesar de ter perdido um pouco do folego, continua admitindo grande parte da população desempregada, uma importante característica é o fato da admissão de trabalhadores com pouca ou até nenhuma qualificação para a atividade contratada (ABRAMO, 2001; TOMASI, 1999), como é o caso de alguns entrevistados. Com relação às mulheres que trabalham na construção civil, Silva (2013, p. 76) destaca que, “às mulheres ficaram reservados os empregos menos qualificados, instáveis e pior remunerados, geralmente associados às empresas de subcontratação”.

Uma das falas de Seu Zé chamou atenção para uma questão pouco discutida, que é o êxodo para fins da construção civil, isto é, a migração de trabalhador@s de uma determinada região, para outra em busca de trabalho ou de melhores oportunidades, essa transferência de região para outra dentro da construção civil ocorre na maioria das vezes pela escassez de postos de trabalho na região de origem. “Trabalhei no campo, no canavial, com boi e como carreiro, depois não achei o que fazer, vim para Salvador trabalhar na construção de um prédio no comercio, tô ai ate hoje”. Em sua fala o entrevistado relata em quais locais já havia trabalhado e revela que em determinado período da vida foi conduzido pelo destino a ocupar uma vaga dentro da construção civil.

Pensando sobre a questão, especificamente, na saída desses trabalhadores para outras cidade em busca de melhores condições de vida, nos deparamos com o êxodo. Sena (2014, p. 16) descreve que “toda grande obra, esses projetos em execução mobilizam milhares de trabalhadores e migrantes para os locais de implantação, provocando um turbilhão de mudanças”, que atinge fortemente as cidades do interior, neste caso, a saída não ocorre necessariamente do meio rural para as grandes cidades, mas, também das pequenas e medias cidades para os grandes centros urbanos, geralmente para aqueles que apresentam maior crescimento, ou seja, maior oferta de emprego dentro da construção civil. Um exemplo atual e bastante discutido por alguns estudiosos (CAMPOS, 2016; SENA, 2014; LEITÃO, 2005) é a construção da Usina de Belo Monte, no Estado do Pará. A cidade de Altamira onde está instalado o gigantesco empreendimento, recebeu milhares de trabalhador@s vindos de diversas regiões do país, todos em busca de

emprego, o surgimento de grandes empreendimentos como a Mansão Baía de Todos os Santos acaba provocando o “rápido deslocamento de centenas de trabalhadores migrantes em busca de emprego nos canteiros de obras” (ALVES e THOMAZ JÚNIOR, 2012, p. 17).

Desta forma, podemos deduzir que a capital baiana também se enquadra nessa perspectiva, já que representa uma metrópole em constante transformação, sendo uma cidade que oferece um quantitativo maior de vagas de trabalho, possuindo assim, diversas fontes de emprego, posso aqui elencar diversos empreendimentos no setor da construção civil que sustentam essa ideia, porém, vale salientar que o cenário não é tão favorável, já houve dias melhores. Um exemplo atual da necessidade de grandes contingentes de trabalhador@s da construção é a construção do metro de Salvador (obra já evidenciada no primeiro capítulo), além de outros empreendimentos.

Pensando agora sobre o empreendimento no qual realizo a pesquisa, conseguir identificar através das conversas informais dentro do canteiro de obra, diversos trabalhadores que saíram de suas cidades natais em busca de trabalho em outras cidades, não só em Salvador, com também em outras cidades baianas e ate em outros estados. Naquele momento percebi que alguns trabalhadores estavam morando na capital baiana devido ao trabalho na Mansão, segundo eles, é inviável ir e voltar todos os dias, alguns moravam na região metropolitana de Salvador, outros eram de regiões mais distantes, contudo, identifiquei alguns que moravam na região do recôncavo, exatamente nas cidades de: Saubara, São Felipe, Governador Mangabeira, Castro Alves, Cruz das Almas e Santo Amaro, esta ultima é a cidade natal de França, segundo ele a sua estadia na capital é apenas a trabalho, ele relata que sempre que pode retorna (geralmente nos finais de semana), para ficar com a família, ele é casado e tem um filho que moram em Santo Amaro.

Os entrevistados são unânimes em afirmar que aprenderam a trabalhar na construção civil no próprio canteiro de obra, melhor dizendo, no próprio local de trabalho, para os mais novos:

Vou aprendendo com os mais velhos, já vinha trabalhando nessa área, eu tinha uma base dessas coisas de construção, mais aqui vou aprendendo com quem tem mais experiência, aqui foi é minha primeira assinatura na carteira, porque a próxima assinatura em nome de Jesus eu já quero entrar com alguma coisa diferente, como

pedreiro. Eu já trabalhei fazendo bloco de cimento, esses negócios tudo, isso é uma profissão boa. (Sales, negro, servente, 22 anos).

Eu estou aprendendo aqui, cheguei sabendo quase nada, agora já aprendi muitas coisas, não sou um pedreiro ainda, mas tô chegando lá, daqui a uns dias, já pego na colher, aqui o cara aprende, agora o interesse é de cada um. Tem cara que trabalha há anos na mesma coisa, não tenta aprender, sair de uma profissão para outra, depois daqui vou até comprar um terreno pra eu mesmo construir minha casa. (Fernando, negro, servente, 25 anos).

De acordo com Sales e Fernando, este é o primeiro emprego de carteira assinada, porém, já tiveram outras experiências no setor da construção, mais de maneira informal e sem regularidade, sendo assim, o canteiro da Mansão Baía de Todos os Santos acaba servindo como escola para os novatos, já que ambos entraram para trabalhar com pouca ou nenhuma experiência.

No caso dos mais velhos, segundo o relato, o aprendizado ocorreu na maioria das vezes nos pequenos empreendimentos em suas cidades natais, nas construções residenciais, nas reformas de casas, nas pequenas empreitadas entre o dono do imóvel e um único profissional que geralmente necessitava de pessoas para ajudá-lo, aí que entra esses jovens, eles eram chamados para auxiliar o profissional em determinadas atividades, conseqüentemente, acabavam aprendendo ou tendo uma noção das atividades laborais referentes à construção civil.

O interessante é que esse jovem acabava aprendendo para além de determinada profissão, ou seja, o profissional ali ocupava o lugar do mestre (professor que está ali para ensinar), que na maioria das vezes tinha conhecimento não só em sua área de atuação, mas, em diversas outras áreas, o que favorecia para que esse aprendiz tenha uma noção ampla de várias profissões da construção, isso ajudava na escolha da futura profissão, como também na formação do futuro profissional. Exemplificando, geralmente nas pequenas obras residenciais<sup>38</sup>, os profissionais são contratados para exercerem não apenas sua profissão, mas, uma determinada atividade ou tarefa, sendo assim, na maioria dos casos se faz necessário um conhecimento em diversas áreas por parte desse trabalhador, não só na área em que o profissional atua, quando contratamos um pedreiro para realizar uma obra em nossas casas, em alguns casos é necessário que essa pessoa tenha

---

<sup>38</sup>Empreitadas entre o dono do imóvel e o profissional da construção civil, estes acordos são feitos geralmente de forma verbalmente, sem necessidade de contratos, é muito comum em cidades do interior em que a comunidade já conhece o profissional.

conhecimento em outras áreas correlatas como: elétrica, hidráulica, pintura, carpintaria e tantas outras, isso se faz necessário para que a atividade contratada seja concluída.

Para França e Raimundo<sup>39</sup>, que começaram a trabalhar cedo, ainda menores de idade com 9 anos e 17 anos respectivamente, o canteiro de obra acabou sendo além do local de trabalho uma sala de aula, foi vendo e praticando que estes profissionais aprenderam o ofício. Nessa lógica, o próprio trabalho os ensinou a profissão, isto é, eles aprenderam a profissão trabalhando nela, não frequentaram a sala de aula para aprenderem o ofício. França declara na entrevista que aprendeu a trabalhar “porque eu comecei com nove anos, com um primo, indo trabalhar pra aprender”, essa fala reafirma a ideia de que a passagem de conhecimento se dava em alguns casos de forma precoce e através da prática. Isso ocorre muito na construção civil nos trabalhos chamados de bicos, que são uma espécie de trabalho informal e de curto prazo, onde o trabalhador da construção civil é contratado para determinada atividade, nesse momento, os jovens são chamados para ajuda ou são orientados a frequentar a obra, com o intuito de aprender um ofício. Alguns pais levam seus filhos para a obra com o objetivo de ensiná-los a profissão e também para poder monitorá-los, guiá-los, dar-lhes ensinamentos, essa prática é comum em cidades do interior.

As respostas demonstram que o aprendizado do ofício na construção civil, ainda é passado de geração para geração, nesse contexto, a arte geralmente é passada pelos mais velhos, que em alguns casos pode ser até, membro da família, como os avôs, os pais, os tios, os irmãos mais velhos, como também por pessoas externas, estes repassam o que aprenderam ao longo dos anos de aprendizagem e trabalho. É neste aspecto que através das experiências e ensinamentos, vindo das gerações mais velhas, que podemos perceber que os trabalhadores da construção civil transmitem seus ensinamentos, permitindo que haja uma continuação através das gerações que seguem. (BRITTO DA MOTTA, 1999). Vale destacar a autonomia por parte dos trabalhadores, principalmente dos mais jovens em continuar ou não no ramo da construção civil.

---

<sup>39</sup> Trabalhador negro, 47 anos, casado, estudou até o 1º ano do ensino médio, pai de quatro filhos, trabalha na construção civil a mais de 30 anos, foi contratado como pedreiro e esta na obra há aproximadamente três anos.

No caso das mulheres, ao serem questionadas como aprenderam a trabalhar e quais as suas atividades dentro do canteiro de obra, obtivemos respostas bastante esclarecedoras.

Eu aprendi trabalhando, não tive curso nenhum. Nesse momento eu trabalho na verdade no campo, fiscalizando o pessoal e também na parte da documentação, é no caso olhando se todos os funcionários chegaram, em relação à documentação, se precisa assinar alguma declaração, agente faz mensalmente vários tipos de documentação, e os funcionários tem que assinar, basicamente é isso mesmo. Eu aprendi isso, aqui na construção. (Cris, negra, secretária, 29 anos).

No meu caso eu trabalho na limpeza, então não tem curso. Faço tudo na área de limpeza, limpo os banheiros, o escritório e o faturamento, limpo também a parte do refeitório, faço tudo. Tudo que eu faço aqui eu já sabia, qual o segredo que tem em varrer uma sala, passa um pano, tudo isso a gente aprende em casa. (Mere, negra, auxiliar de serviços gerais, 42 anos).

Eu aprendi pouca coisa aqui, o que faço aqui eu já sabia, quando eu trabalhava como balconista, cada dia uma tinha que lavar o banheiro, o salão era a mesma coisa, aqui não muda muita coisa não, a diferença é que aqui tem mais sujeira, é uma poeira só, passa o pano agora, é só da às costas e a poeira volta, toda hora tem que passa o pano, varrendo [...], aqui o que manda fazer eu faço. (Ana, negra, auxiliar de serviços gerais, 35 anos).

As falas acima apontam para algumas questões importantes nessa discursão, a começar pela posição que estas trabalhadoras ocupam dentro do canteiro de obra, na primeira fala que é da entrevistada Cris, nos dá uma noção de quais trabalhos são reservados para o público feminino, a mesma ocupa a função de secretária da empresa João de Barro, ela tem como atribuições fiscalizar os funcionários e trabalhar dentro do escritório, realizando atividades internas, a sua ida a campo, é apenas para fiscalizar ver se tudo está em ordem, levar alguma documentação para algum colaborador. Sabemos então, que essa entrevistada trabalha no setor da construção civil, porém, não atua diretamente no campo, como um peão de obra, ou seja, ela trabalha na parte administrativa da empresa. Por outro lado, as demais entrevistadas Mere e Ana, respectivamente, atuam propriamente na parte da limpeza, elas foram contratadas como auxiliares de serviços gerais e exercem trabalhos atribuídos historicamente às mulheres, como varrer, passar pano, organizar o espaço, serviços ligados à limpeza e higiene do local. Um fato interessante é que estas trabalhadoras exercem suas atividades basicamente nas áreas de vivência, cuidando da limpeza dos banheiros, do refeitório, do escritório da dona do

empreendimento, das áreas comuns, ou seja, elas não trabalham na área operacional, onde o empreendimento é erguido, onde a atividade de construir é concebida.

É interessante evidenciar que todas as trabalhadoras entrevistadas tem contato com a rotina dos operários, com a dinâmica do trabalho dentro do canteiro de obra, porém, não atuam diretamente com os homens. Chama atenção, a posição, o cargo e a função que estas mulheres ocupam no canteiro, as três, exercem atividades naturalizadas para o gênero feminino, atividades celebradas ao longo dos tempos, quase que exclusivamente para as mulheres.

Uma curiosidade é que a empresa detentora do empreendimento que contratou diretamente as funcionaria, Mere e Ana, também possuem trabalhadores contratados de carteira assinada com o mesmo cargo, estes homens foram contratados como auxiliares de serviços gerais, o mesmo cargo das mulheres, contudo, exercem atividades diferenciadas, são direcionados para atuarem exclusivamente nas áreas operacionais, auxiliando os profissionais como: pedreiros, carpinteiros, armadores e tantos outros, estes operários trabalham propriamente na construção do empreendimento, fazendo parte da equipe que ergue e que constrói, enquanto que, as mulheres estão restritas as funções entendidas como feminilizadas.

Durante o trabalho de observação direta consegui identificar algumas mulheres que trabalhava exclusivamente na equipe técnica como: uma engenheira, um arquiteta, uma técnica em segurança do trabalho e uma estagiária, suas atribuições estavam ligadas a fiscalização, vistoria, monitoria, assessoria, trabalhos que requisitavam maior conhecimento técnico, um conhecimento especializado para a função que ocupava. Desta forma, podemos evidencia que a trabalhadora que possui uma formação universitária ou técnica acaba ocupando uma posição de melhor destaque dentro do canteiro, segundo Lombardi (2006, p.174) “no decorrer dos últimos trinta anos, o equilíbrio de forças entre os dois grupos em torno da divisão sexual do trabalho na engenharia vem se alterando a favor das mulheres”, de certa forma, estas mulheres conseguiram ultrapassar barreiras, galgaram novas perspectivas, em um campo predominantemente ocupado por homens. Porém a autora aponta que:

ser um homem engenheiro ou uma mulher engenheira não é a mesma coisa. Há áreas de trabalho mais resistentes à presença das engenheiras, a começar pela engenharia Civil no segmento obras, em que, de um modo geral, a presença das engenheiras ainda hoje causa certa estranheza, seja junto aos “peões” ou, principalmente, junto aos colegas engenheiros. [...] a maior parte dos argumentos segundo os quais as mulheres engenheiras não combinariam com canteiros de obras: ambiente abrutalhado, trabalho pesado e sujo e a falta de infra-estrutura de alojamentos e sanitários para recebê-las. (LOMBARDI, 2006 p. 184)

Apesar de tudo, a chegada da mulher engenheira na construção civil vem aumentando de forma gradual, contudo, está trabalhadora especializada não ocupa todos os espaços (BRUCHINI e LOMBARDI, 1999), durante o trabalho de campo pude perceber a ausência dessas profissionais, durante o período que realizei a pesquisa, só avistei a engenheira em dois momentos, a arquiteta não passou de cinco vezes, já a técnica de segurança e a estagiária via com maior frequência em dias pré-estabelecidos, diante deste mistério, a pouca frequência da equipe técnica feminina no canteiro de obra, resolvi investigar e indaguei a França qual o motivo da pouca estadia destas profissionais no canteiro de obra, segundo o mesmo, a engenheira e arquiteta vem à obra para fiscalizar e ver se está tudo em ordem,

“não são todos os dias que a engenheira mais a arquiteta aparece na obra, mas, quando vem dá as ordens e sai, quem fica são os outros engenheiros e os estagiários de engenharia, mais, os técnicos de edificação, junto com os mestres, também não demoram. [...] Chega pela manhã e sai antes do almoço, se elas chegarem a tarde, pode saber tem alguma coisa errada, elas ficam mais na parte de inspeção e vistoria, vendo a qualidade da obra (França, negro, dono da empresa, 40 anos).

Ainda segundo o entrevistado, tanto a engenheira quanto a arquiteta, está subordinada ao engenheiro chefe e ao engenheiro geral, outro fato interessante é que ambas as profissionais possui a cor da pele clara (são mulheres brancas), já a técnica de segurança, mais a estagiária apresenta uma cor de pele mais escura (são mulheres negras). A observação permite levantar uns questionamentos, como por exemplo: se existe uma hierarquia dentro do canteiro de obra, tendo como base cor/raça? Qual a relação estabelecida dentro do canteiro de obra que envolve trabalhadoras brancas e negras? Existe ou não discriminação racial dentro do canteiro de obra e como ela opera? É claro que estas indagações suscitam outras questões correlacionadas, que podem ser discutidas quem sabe no doutorado.

Devido a isso, as funcionárias técnicas acabavam tendo contato direto, porém, breve e superficial, com os demais trabalhadores operacionais, que faziam o trabalho duro, o trabalho braçal, segundo relato das trabalhadoras entrevistadas, essas funcionárias técnicas (engenheira, arquiteta e técnica de segurança), não permanecem na obra, estas realizavam visitas com certa regularidade, também não permanecem o dia todo no canteiro, as visitas demoravam em torno de metade do dia.

Durante o trabalho de campo percebi a presença feminina diariamente no canteiro, porém, essas mulheres trabalhavam quase que exclusivamente na área de vivência, ou em atividades que davam suporte a construção, como: serviços administrativos, limpeza e higiene, cozinha e refeitório, havia momentos que algumas dessas mulheres eram chamadas para realizar alguma atividade na área operacional, como: limpeza de determinado cômodo, ou de uma área, levar e trazer documentos, chamar um colega ou levar um visitante em determinada área. Ou seja, suas atribuições limitavam-se, a trabalhos não muito complexos, que não demandavam o trabalho braçal, resumidamente, atividades com pouca relevância social (BRUSCHINI e LOMBARDI, 2002; BRUSCHINI, 1998), ocupações que estão “associada ao trabalho leve, fácil, limpo, que exige paciência e minúcia”. (HIRATA, 1995, p. 43), atribuições julgadas típicas para o público feminino, com pouco destaque dentro da construção civil.

Durante as várias visitas que fiz no canteiro, conheci uma funcionária que trabalhava no almoxarifado e também como apontadora, o contato com a mesma ocorreu em dois momentos e durou pouco tempo, mas, revelou minúcias envolvendo a contratação de mulheres na construção civil. Chamarei a mesma de Dona Maria<sup>40</sup>, esse é um nome fictício com intuito de preservar sua identidade. Suas declarações ajudaram bastante na reflexão e compreensão de dadas questões, sendo suficiente para esclarecer algumas inquietações.

Segundo relato de Dona Maria, a mesma já vem trabalhando a mais de uma década no ramo da construção civil, passando por diversas funções, como: ajudante, auxiliar, servente, pintora, pedreira, inclusive a informante é classificada

---

<sup>40</sup> Trabalhadora de cor negra, com aproximadamente 40 anos, segundo a mesma já trabalha na construção a mais de 10 anos, aparentava conhecer bastante o trabalho dentro do canteiro de obra, era bastante conhecida na obra, um fato que ajudava era a função que ocupava, já que era apontadora e também trabalhava no almoxarifado, sempre que os funcionários precisavam de material e insumos, tinha que recorrer ao almoxarifado, isso acabava ajudando.

como pedreira, ou seja, já trabalhou de carteira assinada como pedreira em duas ocasiões. Percebendo o momento e a disponibilidade da informante, questionei o motivo da ausência das mulheres no canteiro, da falta destas no trabalho operacional, segundo a entrevistada, “as empresas não gostam de fichar mulher”, em outras palavras segundo a relatante, às empresas relutam em contratar mulheres para seu quadro de funcionários, questionei o motivo por essa resistência por parte dos contratantes, segundo ela, as empresas não gostam porque, acha que “a mulher é delicada, frágil, não vai produzir igual ao homem e que o trabalho não é adequado”. Essas informações foram captadas através do diário de campo e também através da captura de áudio pelo celular, em dois encontros, a informante autorizou a gravação da nossa conversa, apesar do dialogo ter ocorrido em curto tempo, em local inapropriado, não havendo uma constância nas perguntas e respostas, o saldo foi bastante positivo, a conversa foi bastante proveitosa.

Aproveitei também para perguntar, qual a posição que a mulher ocupa dentro do canteiro, segundo relato de Dona Maria, a mulher ainda não é bem vinda ao setor da construção civil, se for novinha e bonitinha serve pra fica no escritório, se não for serve para arruma estoque e trabalhar na limpeza. De acordo com ela, tem mulher que trabalha mais que homem, produz mais que certos peões. Ela conta, que começou trabalhando como serviços gerais, limpando os andares, tirando os entulhos no carro de mão, depois passou para a função de rejuntadeira<sup>41</sup>, trabalhou também como pintora, mas tudo isso, fora da carteira, ou seja, continuou contratada como serviços gerais, mas, realizava outras funções, que neste caso, deveriam ser acrescentadas na carteira de trabalho, além é claro, do ajuste no salario, já que, esta profissão recebe um pouco melhor do que o cargo serviço gerais, porém, isso não ocorreu segundo a informante.

Diante do relato acima, é possível evidenciar um processo de exploração no mercado de trabalho envolvendo operárias da construção civil, onde as trabalhadoras são contratadas para um cargo que tem a nomenclatura bastante generalista, que é o caso do cargo de serviços gerais, com isso, os trabalhador@s

---

<sup>41</sup>Trabalhador da construção civil responsável por preencher as juntas entre os pisos, em alguns casos o assentador do piso realiza essa tarefa de preencher as fendas entre as placas com um material chamado rejunte, essas placas podem ser de cerâmicas e/ou porcelanato, em grandes empreendimentos um profissional vai assentando os pisos e outro vai atrás (após o tempo de secagem, que vem diminuindo com o passar do tempo, acelerando assim todo o processo), realizando a vedação e preenchimento dessa fenda que é criada entre as placas.

ficam expostos a grande variação de atividades laborais, tendo o contratante o poder de manipular os colaboradores contratados para diversas outras funções, de acordo com suas necessidades, ocorrendo assim, um desvio de função ou até um acúmulo de função.

O desvio de função é facilmente percebido quando Dona Maria descreve que foi contratada para o cargo de serviços gerais, porém, acabou sendo conduzida para outra atividade, neste caso de rejuntadeira, logo após para a função de pintora, sendo assim, a trabalhadora acaba exercendo função distinta daquela definida em contrato e definida na carteira de trabalho. Além do mais, essa situação pode agravar se ocorrer o acúmulo de função, que nesse caso não foi explicitado pela entrevistada, mas, podemos imaginar que isso acontece quando a trabalhadora além de exercer as atividades para qual foi contratada, exerce outras funções de outros cargos, funções estas, que não foram previstas no contrato de trabalho. Neste caso específico, podemos supor que Dona Maria após realizar ou não suas atividades habituais ligadas ao cargo de serviços gerais, deveria ser requisitada para novas frentes de trabalho, ou tarefas distintas para qual foi contratada, ou simplesmente a funcionária realizava concomitantemente ou alternadamente duas funções, a exemplo: pinta e realizar a limpeza do local, rejuntar e fazer a retirada de sobras de material e tantas outras atividades.

Utilizando-se desta estratégia o contratante diminui o custo de produção, a partir do momento que contrata trabalhador@s para cargos de menor remuneração direcionando estes colaboradores para outras funções que legalmente são melhor remunerado, esse novo tipo de exploração é bastante empregado no campo da construção civil, tendo o canteiro de obra um ambiente favorável para o crescimento desta prática, já que as atividades e/ou funções estão estreitamente interligadas, ou seja, uma complementa a outra.

Diante da fala de Dona Maria e de uma profunda reflexão, resolvi perguntar o que levou a mesma a aceitar essa situação, o desvio de função e talvez o acúmulo de função, que de certa forma não foi enfatizado pela entrevistada. Segundo a informante, a empresa podia demitir qualquer funcionário, percebi então que Dona Maria receava perder o emprego, então acabava aceitando as irregularidades cometidas pela empresa contratante.

Ainda segundo Dona Maria, em outra obra a mesma entrou como servente, e foi logo trabalhar na limpeza, organizando o espaço, tirando sobra de massa que estava no chão, tudo isso para a colocação dos pisos, certo dia nessa mesma obra, faltou um servente, então ficou um pedreiro sem ajudante, então o encarregado chamou-a e perguntou se gostaria de trabalhar com a peãozada, prontamente a mesma aceitou, “eu já sabia o que tinha que fazer, não contei conversa fui logo pegando os blocos, colocando a massa, o pedreiro que estava comigo não parou, nesse dia nós fomos a dupla que mais produziu”, daí em diante a mesma continuou trabalhando auxiliando os pedreiros, “sempre fui elogiada, nunca fui encostada, se era para trabalhar vamos trabalhar”. Dona Maria relata que nessa mesma obra, devido a seu interesse e força de vontade aprendeu a profissão, e foi classificada passando para o cargo de pedreira, segundo ela essa obra durou mais de quatro anos, sua promoção ocorreu já no final da obra, ela não soube precisar quantos meses ficou sendo contatada como pedreira.

De acordo com Dona Maria, seu último trabalho de carteira assinada no canteiro de obra foi na função de pedreiro, segundo ela o que ajudou na contratação foi à amizade que adquiriu durante o tempo que trabalha na construção, um dos encarregados havia trabalhado com Dona Maria e sabia que a mesma trabalhava muito bem na profissão de pedreira, então pediu para coloca-la como pedreira. Ela fala que se não fossem os colegas e os encarregados que já a conheciam e sabiam o jeito dela trabalhar, em outras palavras sua competência, ela muito provavelmente seria contratada para trabalhar na limpeza ou em outra atividade típica para a mulher. Ela informa que levou mais de um ano trabalhando nessa empresa terceirizada na função de pedreira, e que todos no canteiro a respeitavam. De acordo com Costa (2013) as redes sociais criadas durante a construção civil são de grande ajuda.

Percebe-se que, ao lado dos recrutamentos institucionalizados, via agências de emprego, imprensa etc., o mercado tem convivido também com as indicações personalizadas e vinculadas a grupos familiares, religiosos, amigos etc. Esses fatos revelam, assim, as novas tramas que têm estruturado a vida social, a qual vem se constituindo independentemente das prescrições do funcionamento institucional. O que se tem questionado, sobretudo, é a forma como indivíduos e grupos sociais, inseridos à margem das institucionalidades, vêm se contrapondo a elas. Nesse caso particular, as redes sociais explicitam a importância das dimensões

sociais tanto em relação à gestão do processo de trabalho quanto aos fluxos de trabalhadores. (COSTA, 2013, p. 85-86).

Desta forma, a fala de Dona Maria, segue as falas das entrevistadas a respeito de como ocorreu o acesso à empresa, como estas conseguiram ingressar no canteiro de obra enquanto trabalhadoras de carteira assinada, como também se houve alguma dificuldade nesse processo.

Dificuldade em entrar não, agora sempre tem um e outro que pega no pé, fica toda hora falando, eu entrei aqui através de uma amizade. Na verdade meu cunhado trabalha aqui, como encarregado, ai tava precisando de uma pessoa para fica na limpeza ai ele mim colocou. (Ana, negra, auxiliar de serviços gerais, 35 anos).

Na verdade meu patrão, antes trabalhava em uma equipe que meu pai trabalhava, e eu também trabalhava depois de terminar essa obra eu vim trabalhar aqui na empresa, meu pai tem muita amizade com meu patrão, foi através de amizade, dessa forma, porque ele trabalhou com meu pai, depois abriu a empresa dele e eu fui trabalhar com ele. (Cris, negra, secretária, 29 anos).

Eu entrei aqui graças a Deus e a um vizinho que trabalha aqui, ele falou com minha irmão que aqui tava precisando de uma pessoa pra trabalhar, ai eu mandei meu curriculum, levou quase um mês, eu sempre perguntava a ela sobre o trabalho, um dia ela foi lá em casa, e mandou eu vim aqui conversar, ai comecei a trabalhar, [...] dificuldade não tive não, vim nesse dia e depois de dois dias já estava trabalhando. (Mere, negra, auxiliar de serviços gerais, 42 anos).

As falas acima, como também o relato de Dona Maria, seguem no mesmo sentido, quando revelam que a entrada da mulher no setor da construção civil está sob tutela ou foi concedida por intermédio de um sujeito masculino, de acordo com os relatos, a atuação destas trabalhadoras está atrelada a mediação de outro trabalhador, que geralmente é um operário, que conduz e orienta essa possível trabalhadora. Tomasi (1999) aponta que:

As incertezas do mercado da Construção Civil fazem com que a procura por um novo trabalho torne-se uma constante, viabilizada sempre pelas redes sociais instituídas ao longo da carreira profissional de cada um. A reputação, construída a partir do reconhecimento da qualidade dos serviços ou pelas relações de amizade com dirigentes dos canteiros, “abre as portas” para o mercado de trabalho, seja através de indicações para outras

Construtoras ou mesmo da realização de pequenos trabalhos particulares. (TOMASI, 1999, p. 95)

Essa rede de solidariedade é composta por: pais, irmão, tios, primos, companheiro, vizinhos, colegas e outros, quase que exclusivamente por homens, nesse contexto, essas trabalhadoras são encaminhadas para os canteiros através de um responsável, que na maioria das vezes é um homem que trabalha nesta obra, ou tem amizade com pessoas que atuam no empreendimento.

Neste sentido Michel Agier (1995), em seu trabalho faz uma análise a partir de vinte e cinco trajetórias profissionais de trabalhadores do Complexo Petroquímico de Camaçari e do Centro Industrial de Aratu (CIA) entre os anos de 1987 e 1988, todos moradores do bairro da Liberdade, na cidade de Salvador, onde o autor discute a trajetória profissional destes operários, apontando que:

[...] nos relatos que os sujeitos fazem (*hoje*) dos procedimentos (passados) do seu difícil acesso às empresas. Importância, reputação, influência (o “dai- uma força”) são qualidades de *status* em relação às quais os sujeitos se situam, de imediato [...] Amizade, familiaridade, apadrinhamento ou compadrio (de fato ou de “de consideração”) (p. 63)

As vias de acesso remetem aos meios familiares ou de residência: algumas vezes, na “empresa” da própria família nuclear ou de um parente (sete caso); outras vezes, em emprego arranjado, por um parente (sete casos) ou por um amigo do bairro (dois casos). A frequência com que operam essas vias de acesso é significativa (p. 79).

Refletindo sobre os comentários acima, podemos apontar uma semelhança entre a forma de ingresso apontada por Agier, em comparação com a entrada de trabalhadoras da construção civil, já que a inserção destas mulheres está condicionada a laços de parentesco ou laços de amizade. A fala abaixo ajuda a entender essa realidade.

Quando eu comecei a trabalhar na construção, eu comecei com meu pai e meu irmão, meu pai e meu irmão estava trabalhando nesse ramo, era uma equipe velha, meu pai conhecia todos da empresa, a maioria frequentava a minha casa, então eu já tinha certo conhecimento, todos já me conheciam, eu tinha certa aproximação, eu e meu irmão trabalhávamos sempre em parceria, isso ajudou muito, eu fui aprendendo trabalhando com meu pai, eu tive que

aprender na tora, aprende a fazer tudo, medição, tirar nota, fazer tudo. (Cris, negra, secretária, 29 anos).

Historicamente o mercado de trabalho sempre teve dessas coisas, para se conseguir um emprego aqui no Brasil, em alguns casos é necessário acionar as redes de parentesco e/ou amizade, que servem como carta de encaminhamento, também chamada de carta de recomendação. Costa (2013) evidencia, a importância dos laços de amizade e das relações de vizinhança como forma de solidariedade para a ampliação das possibilidades de inserção no mercado de trabalho, seja ele formal e informal. No nosso país é comum essa prática, principalmente quando analisamos a estrutura política instaurada, onde os agentes políticos usam do cargo que ocupam, para contratar parentes, amigos e apadrinhados para compor o quadro de funcionários. Diversas matérias midiáticas trazem essa problemática enquanto um problema a ser corrigido, em todas as instâncias (municipal, estadual e federal), temos conhecimentos tanto de denúncias quanto de processos instaurados para investigar o nepotismo, essa prática de favorecimento de parentes e/ou pessoas próximas está enraizada no nosso país.

Esse hábito transcende a atmosfera política e chega a alcançar toda a cadeia do mercado de trabalho. Neste caso específico e tomando como base o contexto discutido, percebemos algumas minúcias no mercado de trabalho da construção civil, um deles é o procedimento para que uma mulher consiga ingressar no canteiro de obra, para que ela consiga ingressar nesse espaço, se faz necessário um tipo de respaldo, ou uma espécie de encaminhamento por parte de outro trabalhador ligado diretamente a construção, servindo assim, como uma espécie de atestado e/ou comprovante de alguns requisitos como: competência e aptidão, aliado a isso, a trabalhadora da construção civil acaba assumindo um papel de coadjuvante e submissão, o que nos revela um sexismo e machismo, que demarca o lugar da operaria na construção, especificamente no canteiro de obra.

Não pude aprofundar a entrevista por alguns empecilhos como: a informante estava no horário de trabalho e em constante movimentação, a rotina no almoxarifado é de idas e vindas, entregando e recolhendo materiais, principalmente ferramentas e equipamentos, o que dificultava o fluxo da conversa, por varias vezes fomos interrompidos, para que ela desse baixa em um material ou ferramenta, essas interrupções atrapalhava bastante o diálogo.

Outro problema logo percebido foi certa preocupação de Cris e França com minha presença em locais que a empresa João de Barro não realizava atividades (o local onde o almoxarifado estava não fazia parte), isso poderia causar problema para a empresa de França ou para informante. Além do mais, Dona Maria, fazia parte do quadro de funcionários da dona do empreendimento, no acordo que fiz para poder realizar a pesquisa no canteiro, França deixou bem claro que as entrevistas podiam ser feita com seu pessoal, ou seja, com seus funcionários, então sua preocupação era para essa atitude não gerar um transtorno para ele e nem sua empresa, como também para a funcionária.

Tentei levar essa conversa para além do canteiro, sugeri a Dona Maria um possível encontro para podermos conversar mais a vontade, no primeiro momento a mesma concordou, porém, no segundo momento percebi certo esfriamento com relação ao encontro, a mesma de forma sutil deixou transparecer que não poderia ficar conversando e nem dando atenção, já que estava trabalhando e tinha muitas atividades a ser realizada.

Outro problema era a não autorização de pessoas estranhas dentro do almoxarifado, apenas Dona Maria e mais um funcionário, tinha autorização para entrar no almoxarifado, a porta andava trancada com cadeado, tudo isso é para evitar sumiço de insumos e ferramentas, desta forma, nossas conversas ocorreram do lado de fora da sala, em pé, as conversas foram curtas, mais pontuais. Diante da situação, decidi não insistir, agradei e dei como finalizada, é claro que continuei frequentando o local e conversando com Dona Maria durante as visitas a campo, mas, resolvi não forçar a barra em busca da entrevista.

A maioria dos trabalhadores entrevistados declarou que a renda obtida na construção civil é a principal fonte. Raimundo ao ser questionado sobre essa questão, passa uma ideia de insatisfação e descontentamento com a situação em que vive, o mesmo informa que, “o dinheiro que recebo daqui é o que me mantem, mora eu, a mulher e três filhos, pago aluguel, não tenho ajuda de ninguém, é difícil pra o cara pai de família ter as coisas, [...] tudo é com dificuldade”, a narrativa reflete a situação vivida por muitos brasileiros, levando em consideração a situação atual que o país vem passando, a dificuldade enfrentada por este trabalhador e obviamente por sua família, não é solitária, diversas outras famílias convivem com essa mesma situação.

Quando perguntado as trabalhadoras se a renda obtida na construção civil, corresponde a principal fonte de renda, apenas Cris informou que a renda obtida é a única, vale destacar que está entrevistada mora só com os filhos. As demais entrevistadas moram com seus companheiros e declararam que a principal renda provém de seus parceiros. Ainda de acordo com a fala da entrevistada:

Na verdade é a unida renda, só quem trabalha sou eu, atualmente mora eu e meus dois filhos, eu já fui casada, agora mais não, o menino daqui a uns dias vai morar com o pai ele tem 10 anos e a menina tem 13 vai fica comigo, [...] o pai dá a despesa dos meninos, mas, pelo que ele dá, não dá pra nada, quem bota tudo sou eu, a despesa quase toda é comigo, [...] quem me ajuda é meu pai, que mora na parte de baixo, ele fez uma cirurgia na perna, ele caiu de moto então tá em casa encostado, ai quem me ajuda é ele e minha madrasta, [...] minha filha estudava em uma escola integral agora é só meio turno, meu pai tá em casa olha ela. (Cris, negra, secretária, 29 anos).

No trecho acima, a entrevistada responde a pergunta e com certa serenidade e confiança comenta algumas questões da sua vida familiar, pontualmente, as complicações envolvendo seu casamento, seus filhos e seu pai. A fala acabou refletindo nas diversas dificuldades e privações passadas por uma jovem de 29 anos trabalhadora da construção civil, que passa grande parte do tempo trabalhando, quando chega vai cuidar dos filhos e da casa, e encontra na família (neste caso o pai e a madrasta) um auxílio para criar os filhos, essa é uma realidade vivida por diversas brasileiras.

Quando perguntado como é a relação de trabalho entre os colegas de trabalhos, todos os entrevistados sinalizaram haver uma boa relação, de acordo com Sales. “Um compreende o outro, da para brinca, um respeita o outro. Tem um britoneiro que tem 58 anos, mais é igual a um menino jovem, tá entendendo, brinca normal com a gente, ai todo mundo é mais velho que eu, eu sou o mais novo, mais graças a Deus todo mundo respeita o outro, eu sou o mais novo da turma”, percebe-se na fala uma relação de trabalho respeitosa e amigável entre os companheiros. Porém, quando perguntados como é a relação de trabalho com as colegas do sexo feminino, obtivemos respostas vagas, e com certo sentimento de afastamento, como:

“Não tem nada não, agente conversa normal, também não tem muita conversa não mais, o que é para agente resolver agente resolve, tranquilidade”. (Seu Zé, negro, pedreiro, 70 anos).

A relação é normal, é só manter o respeito. (Sales, negro, servente, 22 anos).

A relação é boa, elas fazem a parte delas, desde que faça a nossa e a convivência também é normal. [...] Rapaz, eu acho que todos os direitos são iguais, a mulher lutou tanto pra ter os direitos iguais, [...] agora tem que ter o espaço dela né? Banheiro, área de vivência totalmente diferente, não tem como ser tudo junto, é tudo separado, lógico. Mas, acho que é por isso que às vezes as empresas tem contratado menos mulher, com certeza. (França, negro, dono da empresa, 40 anos).

Tudo tranquilo, elas lá e eu cá. (Fernando, negro, servente, 25 anos).

A fala dos entrevistados acima acaba transmitindo respostas evasivas, além de uma ideia de distanciamento por parte dos trabalhadores, diante de suas colegas dentro do canteiro de obra, a conclusão após análise dessa sessão, é que os trabalhadores entrevistados não se sentem confortáveis ao verem mulheres ocupando um espaço antes exclusivamente deles, a sensação após examinar os depoimentos é o possível descontentamento por parte de alguns trabalhadores.

Algumas falas trazem em si uma representação das mulheres marcada por uma hierarquia de gênero, como também repleta de desigualdade, o que implica em uma relação com abalizada diferenciação de gênero. Vale destacar, que houve falas que apontam para o respeito, denotando que no espaço da construção civil existe certo respeito entre os gêneros, diante disto, me pergunto, que tipo de respeito é esse?

Ainda nesse bloco, França deixa escapar um possível motivo, pela falta de interesse das empresas em contratar mulheres para construção civil, o mesmo argumenta que algumas empresas relutam em admitir mulheres, por causa da obrigatoriedade de instalações provisórias separadas para homens e mulheres, ou seja, os contratantes são obrigados a montar estruturas provisórias (banheiro e vestuário), diferentes para trabalhadores e trabalhadoras. Pessoalmente, acredito que isso, é uma grande desculpa que acaba levando ao preconceito e discriminação de gênero, o entrevistado baseia uma possível resistência por parte das empresas contratantes, com a justificativa de construção de espaços provisórios destinados para as mulheres. É importante lembrar que França, é o dono da empresa João de Barro, e durante todo o tempo desta pesquisa, a única funcionária que a empresa tem é Cris, que ocupa o cargo de secretária.

Ceccetto (2004, p. 58) aponta que, “Os estudos [...] se colocam dentro de uma perspectiva relacional do gênero, em que a masculinidade assim como a feminilidade é construída socialmente; é histórica, mutável e relacional”. Sendo que a socialização de homens e de mulheres se dá de maneira distinta. Saffiotti (1987) argumenta, que construída a masculinidade socialmente exibida apresenta-se como um mundo desprovido de sentimentos.

O que nos faz perceber, que a socialização tem a ver com o cotidiano social, conseqüentemente, com as regras postas pela estrutura, porém, a construção da masculinidade, bem como da feminilidade, também é um fenômeno construído a partir da ação e de nossa interação, ou seja, a partir da biografia dos sujeitos e de sua experiência. Podemos interagir com a estrutura e modificar um pouco a condição social, isto acontece de certo modo, no canteiro de obra a partir da relação entre homens e mulheres na obra. Resende (2012, p. 34) revela que, “a investigação das relações de gênero possibilita perceber as vinculações hierárquicas de poder que se configuram na sociedade entre homens e mulheres e as desigualdades e discriminações do trabalho feminino”.

[...] as representações de gênero são construídas social e culturalmente influenciando a entrada de homens e mulheres no mundo do trabalho e se construindo como fator fundamental da segmentação ocupacional e da divisão sexual do trabalho. (NEVES, 2001, p. 4)

Voltando para as análises das entrevistas, França indiretamente propõe uma segregação de gênero, quando declara que, “não tem como ser tudo junto, é tudo separado”, sugerindo a construção de um provável ambiente segregado, de um lado homens de outro lado às mulheres, cada um com suas áreas de vivências separadas ou bastante delimitadas. Até certo ponto essa separação já é percebida durante o trabalho de campo, onde as mulheres ocupam lugares pré-estabelecidos baseados nas atividades profissionais tidas como femininas, exemplo: na área de limpeza/higiene e funções administrativas, enquanto que, os homens tem o direito de ocupar os espaços operacionais. A sensação é que os homens permanecerão com o papel de protagonista, já para a mulher enquanto trabalhadora da construção cabe o papel de coadjuvante. Ressalvado os casos em que as mulheres têm certo nível de qualificação, exemplo: engenheira, arquiteta, técnica em segurança e edificação. Nesse caso, estas conseguem bagunçar um pouco essa estrutura

machista e sexista, ainda arraigada de preconceito e discriminação. Porém, apesar de uma pequena parcela de mulheres conseguirem avançar no mercado de trabalho, Queiroz et al. (2010), aponta que a mulher continua sendo alvo de discriminação, não envolvendo apenas a qualidade das ocupações, como também, a desigualdade salarial entre homens e mulheres.

Diversos estudiosos (HIRATA; KERGOAT, 2008; KERGOAT, 2009; LOMBARDI, 2006; TOMASI, 1991) discutem a questão da desigualdade de gênero no mercado de trabalho, desta forma, procuramos entender como é a relação das mulheres com seus colegas, então, perguntamos as entrevistadas como é a relação dessas mulheres com os colegas no seu espaço de trabalho, obtivemos respostas bastante semelhantes a dos homens, como:

Eu acho tranquilo, porque graças a Deus eles não me dizem nada por ser mulher, nunca me maltrataram, nem me destrutaram, sempre me tratando bem, [...] conversa normal, tudo na forma correta, se desviar alguma coisa já corto logo. (Cris, negra, secretária, 29 anos)

Normal, cada um mantém o respeito, eu não me meto em nada. Tá tudo bem pra mim. (Mere, negra, auxiliar de serviços gerais, 42 anos).

As falas acima se aproximam das declarações dos trabalhadores, ambas as declarações tentam passar uma ideia de tranquilidade no ambiente de trabalho. O sentimento que os entrevistados desejam externar a concepção de que o canteiro de obra é um ambiente harmonioso e de certa forma igualitário, porém, percebemos nas entrelinhas que o discurso masculino tem traços machistas e sexistas, já o discurso feminino apresenta-se marcado pela submissão e subserviência.

A impressão que dá é de um sentimento de comodidade, onde estas trabalhadoras aceitam determinadas convenções com receio de não continuar trabalhando. No trecho da entrevista abaixo, a entrevistada foi indagada se o fato de ser mulher ajuda no desempenho de suas atividades dentro da construção civil, a resposta demonstra o grau de naturalização do trabalho doméstico na vida desta trabalhadora.

Eu acho que a mulher pra limpeza é mais cuidadosa, limpa direito, faz as coisas melhor do que o homem, eu mesmo limpo os banheiros e ninguém têm queixas, agora quando manda um homem ele joga uma água e diz que tá limpo. Tem que limpar direito, toda hora eu vejo se tá faltando papel, se tem sabão e o homem não, tá nem ai. (Mere, negra, auxiliar de serviços gerais, 42 anos).

O discurso acima remete a ideia da incorporação do trabalho no campo da limpeza e higiene, estreitamente ligado ao gênero feminino, onde as mulheres acabam internalizando esse tipo de trabalho como próprio e exclusivo. Pensando nisto, imaginamos, como se dá a divisão das tarefas domésticas dentro da casa dessas operárias, todas as entrevistadas informou que cabe a elas a responsabilidade pelas atividades domésticas, “quem cuida da casa sou eu, os meninos me ajudam, já meu marido não faz nada”. Conforme Ana, a obrigação pelo zelo da casa é quase que exclusivamente dela, recebendo ajuda dos filhos, porém, seu marido se isenta dessa responsabilidade. Autores como Bernardino-Costa, Figueiredo, Cruz (2011, p. 67) revela que “A menina desde cedo vai se conformando a condição de zeladora das crianças e do lar”, desta mesma forma o discurso de Cris, coaduna com da colega, quando diz que:

Durante a semana minha filha sempre ajeita a casa, final de semana é o dia que faço a faxina, trabalho de segunda a sexta, sábado é o dia que faço a faxina com mais precisão, roupa que ela não lava ai eu lavo sábado, porque ela faz a limpeza por cima. [...] Final de semana faço a comida também, ai durante a semana só faço descongelar. (Cris, negra, secretária, 29 anos).

O trecho acima reforça a ideia de que a mulher sempre foi socializada para cuidar dos afazeres domésticos, a entrevistada acima tem um casal de filhos, porém, em seu discurso a mesma deposita certa responsabilidade apenas a filha, excluindo o seu outro filho das tarefas de casa. A naturalização do trabalho doméstico começa desde cedo, ainda quando crianças e acaba se perdurando até a idade adulta. Neste caso, essa concepção é levada para outros ambientes, principalmente para dentro do mercado de trabalho, onde a mulher é rotulada com mão de obra apropriada para serviços ligados a limpeza, higiene, serviços administrativos e tantas outras áreas tidas como feminilizadas. Quando perguntado aos trabalhadores, como era a divisão das atividades domésticas dentro de casa, apenas Sales informou que é sua a responsabilidade por todas as tarefas de casa, vale lembrar que ele mora só, sendo assim não tem como fugir das tarefas do lar. Os demais responderam que ajuda sempre que pode, de acordo com um dos entrevistados.

Quando dá eu ajudo, pego uma vassoura e varro o quintal, coloco o lixo na porta todos os dias, tem final de semana que ajudo ela na cozinha, [...] agora não é sempre não, [...] eu trabalho de segunda a

sexta, tem vez que ate sábado, quando eu chego em casa já cansado, não dá pra fazer nada, é só tomar banho, jantar e cai na cama. [...] Tem final de semana que a gente sai e come fora. (Raimundo, negro, pedreiro, 47 anos).

Diante da resposta resolvi aprofundar a pergunta, em outro momento nessa mesma entrevista, perguntei ao mesmo sobre sua esposa, especificamente se ela trabalhava e como ela se organizava para realizar as tarefas domésticas. Segundo Raimundo, sua esposa trabalhava em uma pequena creche do bairro que morava, ela trabalhava das 7hs às 17hs, com duas horas de almoço, o trabalho é de carteira assinada, já com relação à organização do tempo, segundo Raimundo:

Minha mulher trabalha, mas, sempre vai pra casa e bota a comida dos meninos, [...] ela deixa pra fazer as coisas de casa quando chega do trabalho e nos dias de sábado e domingo, a comida ela adiante de noite, meio dia ela só faz esquentar, a roupa ela vai lavando durante a semana, final de semana não tem quase nada, [...] a casa ela limpa com minha filha, o caso é se suja limpa logo.

O relato acima deixa bem claro, como a esposa do entrevistado organiza seus horários para dar conta do trabalho e dos afazeres da casa, desta forma, Brushini aponta que:

Nunca é demais repetir que a manutenção de um modelo de família patriarcal, segundo o qual cabem às mulheres as responsabilidades domésticas e socializadoras, bem como a persistência de uma identidade construída em torno do mundo doméstico, condiciona a participação feminina no mercado de trabalho a outros fatores além daqueles que se referem à sua qualificação e à oferta de emprego, como no caso dos homens. A constante necessidade de articular papéis familiares e profissionais limita a disponibilidade das mulheres para o trabalho, que depende de uma complexa combinação de características pessoais e familiares, como o estado conjugal e a presença de filhos, associados à idade e à escolaridade da trabalhadora, assim como a características do grupo familiar, como o ciclo de vida e a estrutura familiar. [...] O importante a reter é que o trabalho das mulheres não depende apenas da demanda do mercado e das suas necessidades e qualificações para atendê-la, mas decorre também de uma articulação complexa, e em permanente transformação, dos fatores mencionados. (BRUSCHINI, 1998, p. 16).

Portanto, o relato mostra como a mulher apresenta-se com dupla jornada de trabalho, uma remunerada e institucionalizada já a outra informal e internalizada.

Antunes (1999) aponta que a mulher trabalha dentro e fora do lar; não sendo valorizados os serviços domésticos e nem no emprego remunerado.

A mulher trabalhadora, em geral, realiza sua atividade de trabalho duplamente, dentro e fora de casa, ou, se quisermos, dentro e fora da fábrica. E, ao fazê-lo, além da duplicidade do ato do trabalho, ela é duplamente explorada pelo capital: desde logo por exercer, no espaço público seu trabalho produtivo no âmbito fabril. (ANTUNES, 1999, p. 108).

Sendo assim, cabe à esposa o dever de arrumar a casa, preparar o almoço, lavar a roupa por fim fazer toda atividade doméstica. Nogueira (2010) em seu trabalho chama atenção para a necessidade dessas mulheres lutarem por, “salários iguais para trabalhos iguais, além da reivindicação de uma divisão mais justa no trabalho doméstico, na esfera reprodutiva, libertando, ao menos parcialmente, a mulher da dupla jornada” (NOGUEIRA, 2010, p. 59). Ainda segundo o autor, apesar do:

[...] emprego e o trabalho feminino remunerado crescem, mas, mesmo ampliando a participação feminina no mundo produtivo as tarefas domésticas continuavam reservadas exclusivamente à mulher, ou seja, a organização da família patriarcal pouco é alterada, o marido se mantém provedor e a esposa a provedora complementar e dona de casa, confirmando a divisão sexual desigual do trabalho. (NOGUEIRA, 2010, p. 59).

Um fato interessante e recorrente é a reprodução de um discurso onde a filha do entrevistado é educada pela família para seguir o exemplo da mãe, ou seja, cabe também à filha ajudar a mãe nas tarefas. Cruz (2012, p. 98) aponta que as jovens são inseridas “nessa atividade desde muito cedo, quando ainda crianças onde recebem as primeiras instruções pela sua progenitora [...] o que encerra numa constante cadeia de reprodução do trabalho doméstico”.

Vale ressaltar que Raimundo tem quatro filhos, apenas dois (casal) são desse relacionamento. Porém, neste caso, não ouvimos nem percebemos que seu filho também é responsável pelas atividades do lar, percebemos aí um tipo de resguardo para que o filho não se envolva nessas atividades. Existe um processo desde cedo de socialização, onde as meninas são educadas a serem boas donas de casa, a cuidarem dos filhos, é depositado sobre elas o dever de zelar pela casa e pela família.

Saffioti (2004) ao estudar gênero e classe, aponta como a partir da classe as desigualdades de gênero se intensificam, como as mulheres tem sua condição desigual ampliada a partir da classe. Isso. Podemos trazer como exemplo: mulheres operárias de uma confecção, que vendem sua força de trabalho, costurando para determinada empresa, muitas vezes se expondo a perigos fabris e ainda após uma jornada de trabalho dentro das fabricas, tem inicio outra jornada, agora em casa, o que implica em uma dupla jornada, visto que, o sistema capitalista a induz a trabalhar cumprindo suas horas na indústria e logo depois em casa “se não cumprir são taxadas como medíocre donas de casa, como péssimas mães” ao mesmo tempo que seus companheiros não ajudam em casa, se sentindo desobrigados a ajudar suas parceiras.

Em outro bloco de perguntas, inquirimos aos trabalhadores se existe diferença entre o trabalho feito por mulheres e o que é feito por homens. Segundo Fernando, “O trabalho aqui é mais pra o homem, diferença não tem, o problema é que não é todo trabalho que elas fazem, mais, não tem diferença”. A fala remete a uma hierarquização de gênero e preconceito contra a mulher enquanto trabalhadora da construção civil, em seu discurso o entrevistado começa anunciando que o trabalho é inapropriado para mulher, dando a ideia que o homem está mais apto a exercer atividades na construção civil, tudo leva a entender que especialmente dentro do canteiro de obra essa situação ocorra com mais intensidade, o entrevistado tenta justificar sua posição alegando que tem trabalhos que as mulheres não conseguem fazer.

Tem as diferenças, elas trabalham principalmente nos dia de hoje na parte fácil, muitas vezes a gente nem tem como escolher o trabalho, tá entendendo, mais da forma que elas trabalham, dá pra exercer essa função ai, [...] elas não trabalham igual à gente, elas pegam o trabalho mais mole. A mulher aqui só trabalha na limpeza, fazendo essas coisinhas ai, o homem é diferente, não tem nem direito de escolher, o mestre manda fazer de tudo, a mulher não, só fica na parte leve, [...] elas podem até fazer, tá entendendo, mas, sabemos que mulher é mais frágil, não consegue dar conta do trabalho. (Sales, negro, servente, 22 anos)

Não tem diferença nenhuma, o que o peão faz a mulher também faz, agora tem trabalho que a mulher não aguenta e não produz igual ao homem, se colocar elas pra trabalhar na alvenaria mesmo não dá certo, esses tipos de trabalho só pra peão, agora mesmo estamos trabalhando no escoramento dos pilares, no ensacamento do solo, essa mulher vai aquenta pegar o dia todo saco nas costas, claro que

não, na pintura mesmo, tem mulher que tem medo de altura, até peão tem. [...] Agora de fazer elas fazem, agora no ritmo menor, aqui na obra tem que produzir, chega no final do dia o engenheiro chega e vai ver o que foi feito durante o dia, se não produziu é chamado atenção, [...] diferença não tem não, agora cada um trabalha no seu ritmo. A mulher é mais pra uma coisa maneira, mais leve, agora tem mulher que trabalha mais que certos homens, [...] e trabalha também melhor, tem mais acabamento. A diferença é mais essa. (Seu Zé, negro, pedreiro, 70 anos)

Ainda neste bloco, França aponta que, “não tem diferença, mais, na realidade a mulher é melhor na parte administrativa, essa função é melhor pra ela, mas, já tem hoje pintora, pedreira, ajudante, mas, não é comum, até pelo fato do serviço ser pesado, às vezes tem mulher que desempenha o trabalho melhor do que certos homens”. As falas acima estão carregadas de pré-noções naturalizantes sobre a mulher enquanto trabalhadora da construção civil. Analisando os relatos, percebemos que os entrevistados apontam para uma diferença de gênero, trazendo para a discussão a hierarquização entre homens e mulheres. De acordo com o entendimento, alguns entrevistados informaram não haver diferença já outros relataram que existem diferenças, é obvio que existem diferenças e as falas nos levam a essa compreensão, a partir do momento que há diferenciação do que pode, ou melhor, do que é adequado, ou propício para uma trabalhadora da construção civil, acaba se criando uma atmosfera marcada pela segregação, onde a mulher não é bem vinda e/ou aceita em determinada atividade, cabendo a mesmas, como já foi dito, trabalhos leves, fáceis, maneiros e tantas outras palavras para o mesmo fim.

Perguntamos as trabalhadoras como seus familiares e amigos, veem o seu trabalho na construção civil, as entrevistadas responderam:

Minha família acha um pouco cansativo, no caso essa jornada, eu moro longe, sai muito cedo, chego mais tarde, então acha muito cansativo, mais em relação ao trabalho em si mesmo, não tenho outro trabalho, o jeito é continuar aqui ate aparecer outra coisa. (Mere, negra, auxiliar de serviços gerais, 42 anos).

Meu marido não gosta muito não, ela acha que aqui não é lugar de mulher, eu que não trabalhe minhas contas tá ai, quem vai pagar, eu que não trabalhe, [...] já minha família não gosta muito não, acha que esse trabalho é apenas pra homem, eu mesmo tô. aqui porque não tem outra coisa pra fazer (Ana, negra, auxiliar de serviços gerais, 35 anos).

Minha família não fala nada não, mais eu percebo que eles não gostam muito. (Cris, negra, secretária, 29 anos).

As declarações acima dão uma ideia, de que a família dessas trabalhadoras não aprecia sua profissão, ou seja, não aprovam totalmente essa atividade remunerada para as mulheres, esse descontentamento está ligado ao fato do ambiente em que estas mulheres realizam suas atividades laborais serem historicamente e socialmente atribuídas ao público masculino. Há certo receio por parte dessas famílias. Uma das falas reforça a ideia que essas mulheres se submetem a determinados trabalhos para se sustentar, caso contrário, ficaria difícil sobreviver, e garantir o sustento da família.

Outro ponto destacado é o grande esforço físico que a profissão exige, esse ponto serve também como argumento para afugentar e/ou intimidar a entrada das mulheres nesse setor, percebemos um discurso embasado por muitas vezes em uma justificativa de que o canteiro de obra não é para mulher, devido à dinâmica do local, onde o trabalho é bastante braçal, requer muita força e pouca delicadeza, com isso, o setor utiliza-se desse e outros argumentos para fundamentar um discurso onde a mulher não tem atributos suficientes, nem condições físicas necessárias, para está trabalhando no canteiro de obra, cabendo apenas aos homens essas condições.

Continuando a análise das entrevistas, questionamos as trabalhadoras se existe um tratamento igualitário ou desigual para homens e mulheres, perguntamos também se elas já sofreram algum preconceito ou discriminação no canteiro de obra.

Aqui mesmo tem preconceito e desigualdade em relação à mulher, às vezes tem homens que acha que a mulher é pra tá em casa, cuidando da casa, quando chega aqui e ver uma mulher fica criticando. (Cris, negra, secretária, 29 anos).

Eu acho que existe discriminação, tem ligar que só bota homem pra trabalhar, na loja mesmo que eu trabalhei não tinha um homem trabalhando, aqui mesmo tem mais homem, deveria ter mais mulheres aqui trabalhando. (Ana, negra, auxiliar de serviços gerais 35 anos).

Pra mim tem uma desigualdade [...] e desrespeito com a gente mulher, isso porque tem que ter um respeito igual, entre homem e mulher, principalmente o homem, porque ele tem que entender se tem uma mulher ali, então, tem certas coisas que ele deveria se conter. (Mere, negra, auxiliar de serviços gerais, 42 anos).

Diante dos relatos percebemos falta de esclarecimento e consciência do que é igualitário e desigual, como também a respeito do preconceito e discriminação, em

parte, essa concepção deturpada e distorcida, por sua vez, internalizada por essas operárias, sendo fruto de um processo histórico, construído e reconstruído diariamente, a começar pela família, pela sociedade, como também o ambiente laboral, neste caso, o canteiro de obra acaba servindo como espaço de propagação onde acaba reforçando e concretizando ideias machistas e sexistas, e a mulher enquanto trabalhadora do setor não se sente incomodada, já que se habituou a esta realidade.

Todos os entrevistados, tanto trabalhadores quanto trabalhadoras, se declararam negros. No ambiente da construção civil, especialmente no canteiro de obra, a maioria dos operários é de cor negra. Isto foi facilmente percebido no trabalho de campo. Conforme Barreto (1997, p. 26), “os negros concentram-se nas ocupações braçais e no nível mais baixo da hierarquia funcional”. Diversos outros autores (COSTA, 2013; FIGUEIREDO, 2012; ABRAMO, 2010; CASTRO e BARRETO, 1998) apontam para essa realidade, onde o trabalhador negro é direcionado para trabalho que exigem força, sendo postos geralmente na base de uma pirâmide funcional.

Perguntamos também aos trabalhador@s se eles já sofreram algum tipo de discriminação com relação a sua cor dentro do local de trabalho. Todos afirmaram não ter sofrido discriminação, ainda neste sentido, inquiremos se o trabalho realizado pelos trabalhador@s negro é o mesmo realizado pelos trabalhador@s brancos. De acordo com Seu Zé, “o trabalho aqui é pra todo mundo, se for peão vai trabalhar independente da cor, tanto faz preto ou branco, se for pra carregar pedra vai ter que carregar, aqui não tem diferença”, a fala remete a igualdade de raça, porém, o entrevistado deixa bem claro se for peão “não tem diferença”, acredito que essa regra vale principalmente para os trabalhadores ligados a área operacional, operários como: serventes, ajudantes, pedreiros, carpinteiros, armadores, eletricitas, encanadores, soldadores, ou seja, profissionais que estão na área de produção, já para os profissionais ligados a área técnica, como: engenheiros, arquitetos e técnicos, cabem uma análise mais apurada, o trabalho de campo não permitiu uma investigação mais apurada diante destes profissionais.

Por outro lado, quando discutimos os trabalhadores operacionais descobrimos diversos estudos (COSTA, 2013; ABRAMO 2010; HASENBALG, 2005; BARRETO, 1997; AGIER, 1994), que apontam para uma concentração de trabalhadores negros

em algumas ocupações. Para Agier (1994 apud Barreto, 1997, p.26) as concentrações são tão “significativas que constitui especializações profissionais, com vínculos explícitos com a cultura afro-brasileira – baianas de acarajé, capoeiristas, etc. – ou apenas formadas predominantemente por negros – estivadores, metalúrgicos e etc”, desta forma, o trabalhador branco ocupa cargos diferentes do trabalhador negro.

Os negros em todo o Brasil são a maioria entre os trabalhadores da construção civil e serviços domésticos (IBGE / CBIC, 2015), pensando nisso, vamos investigar qual o lugar que o negro ocupa dentro dos canteiros. O trabalho de observação direta deixou bem claro essa questão, como a cor/raça acaba sendo um elemento importante na estratificação interna no canteiro de obra, que somados a outros fatores, contribui para montar o perfil do grupo de trabalhadores que atuam neste local. Durante as visitas conheci cinco engenheiros e um arquiteto, além de três estagiários do curso de engenharia civil, que trabalha na construção da mansão, todos esses profissionais são homens brancos, não havia assim, nenhum profissional negro que atuasse na área técnica com nível superior, inclusive se somarmos uma engenheira e uma arquiteta também de cor branca.

Desta forma, posso afirmar que toda a equipe de engenharia e arquitetura era composta por pessoas de cor branca, porém, havia trabalhadores negros e pardos que trabalhava na equipe técnica, em cargos que tinha como pré-requisito nível técnico, como; técnico em segurança do trabalho, técnico em edificação e técnico em eletromecânica.

De acordo com Hasenbalg (2005, p.46), “ser negro ou ser mestiço significa ter uma maior probabilidade de ser recrutado para posições sociais inferiores. [...] raça funciona como mecanismo de seleção social que determina uma medida bastante intensa qual a posição que as pessoas vão ocupar”.

O setor da construção civil, especificamente o canteiro de obra passa a imagem de um ambiente predominantemente masculino e negro, porém, o trabalhador negro não alcança com tanta facilidade todas as posições hierárquicas, principalmente as de maior destaque, aqui contextualizadas na equipe técnica.

Desta forma, Barreto (1997) aponta em sua obra que:

[...] uma significativa parcela de trabalhadores negros está concentrada nos estratos inferiores e, conseqüentemente,

desempenhando papel subordinado nas relações dentro do espaço de trabalho. [...] É possível afirmar que encontrei na “Boca de Forno” negros no seu “lugar”, ou seja, realizando o trabalho braçal, sujo, que exige esforço físico, historicamente associado à população afro-brasileira (BARRETO, 1997, p. 99-100).

Pensando assim, podemos analisar a partir do fragmento acima, que o trabalhador negro da construção civil, de certa forma vem ocupando ao longo do tempo, trabalhos ligados a atividades braçais, que demanda grande esforço físico, além de atuar em ambientes sujos e em péssimas e/ou desconfortáveis condições de trabalho.

Partindo para outro bloco de perguntas, as entrevistadas afirmaram nunca ter sofrido assédio no canteiro de obra, no entanto, ao serem questionadas se já foram paqueradas por seus colegas de trabalho, obtivemos respostas conflitantes, que contradizem a afirmação anterior, que nunca foram assediadas.

Toda mulher que entra no canteiro já foi paquerada, quando agente entra eles já ficam olhando, aí começa os comentários, parece até que eles não têm mulher em casa [...]. Agora é como lhe falei, o certo é não dá ousadia. (Ana, negra, auxiliar de serviços gerais, 35 anos).

De vez em quando escuto, mas nem ligo, quando tá demais, procuro dá um basta, corto logo pela raiz, chamo logo e falo o b - a - ba. (Mere, negra, auxiliar de serviços gerais, 42 anos)

Às vezes ouço algumas piadas, me incomoda, mas, eu ignoro logo. Quando a mulher chega na construção ela tem que impor respeito. [...] Ou você aceita as piadinhas, ou você corta logo pra não continuar, muitos acham que - ah, vou pegar - tem muito homem que acha que a mulher chegou ali na área, que vai ter que cantar até pegar, eu já vi, já presenciei as faltas de respeito em relação a isso, de xingamentos, de a mulher não dar ousadia e aí o cara ficar xingando, isso tudo é uma falta de respeito. [...] No ambiente que tem mulher, você tem que manejar com seus palavrões, tem muitos que mudam o assunto ou então muda a forma de falar, quando a mulher tá perto, outros continuam falando. (Cris, negra, secretária, 29 anos).

Os discursos acima ajudam a refletir sobre o assédio sexual que estas mulheres trabalhadoras da construção civil, veem sofrendo, talvez de forma inconsciente e habitual. De acordo com Higa (2016, p. 493), “assédio sexual configura forçosamente preconceito de gênero”, o Código Penal Brasileiro no art. 216, define assédio como o ato de “constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente de sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerentes ao exercício de emprego, cargo ou

função”, as falas acima se configura como assédio, contudo, as entrevistadas não reconhecem enquanto assédio.

Já em outro bloco de perguntas, as entrevistadas foram inquiridas sobre o que mudou em sua vida (pontos positivos e negativos) após a inserção no mercado de trabalho da construção civil, segundo uma delas:

Rapaz mudou muita coisa, porque antes eu não tinha emprego fixo, né, eu trabalhando aqui já posso traçar meus objetivos, em cima daquilo que eu recebo, pra mim é o ponto positivo do trabalho, não tenho coisas negativas pra falar sobre o que mudou não, a coisa que sinto mais falta, é ter mais tempo com meus filhos, porque durante a semana quando chego em casa já tá tarde pra eles, entendeu. (Ana, negra, auxiliar de serviços gerais, 35 anos).

As demais entrevistadas informaram, que o ponto positivo é o fato de estar trabalhando de carteira assinada, o sentimento de estabilidade, ou seja, uma garantia de emprego, já com relação ao ponto negativo, estas entrevistadas não souberam relatar.

Questionamos as entrevistadas se o canteiro de obra é um ambiente para mulher, e se pretendiam continuar nesse ramo, elas se posicionaram da seguinte maneira:

É assim, eu acho que nós mulheres conquistamos nosso espaço, antigamente tenha muito preconceito em relação a mulher trabalhar no canteiro, hoje não tem tanto, eu acho que o canteiro é um lugar sim pra mulher, eu acho que a mulher deve conquistar mais espaço. hoje em dia tem varias mulheres trabalhando na obra, [...] já com relação a continuar ou não, eu pretendo parar, sei lá eu gosto porem as vezes tem muito estresse entendeu, no meu caso mesmo eu trabalho diretamente com funcionários eu que faço folha de pagamento, então as vezes acontece muitos estresses, mas eu pretendo parar, porque eu pretendo abrir um negocio futuramente, pretendo sair do setor não por agora, mas, daqui a uns três ou quatro anos, quem sabe. (Cris, negra, secretária, 29 anos).

Rapaz, eu acho que a construção também é uma área que dá pra mulher trabalhar. [...] se eu não arrumar uma coisa melhor vou ter que fica na construção. Ainda mais que trabalho agora tá difícil. (Mere, negra auxiliar de serviços gerais, 42 anos).

Eu acho que sim, a mulher hoje tá tomando conta de tudo, a pouco tempo o presidente era mulher, aqui mesmo tem algumas mulheres ainda é pouco, mas com o tempo a mulher vai dominar tudo, tem homem que é preguiçoso, aqui mesmo tem peão que vai para o banheiro dizendo que está sentido mal, para não trabalhar, é o cara ser enrolado, enquanto tem tanto pai de família e mãe de família sem trabalho querendo entrar, eu canso de ver. [...] Eu mesmo se achar

uma coisa melhor saio fora, quero coisa melhor. (Ana, negra, auxiliar de serviços gerais, 35 anos).

Diante das respostas percebemos que todas as falas convergem para o mesmo entendimento, as entrevistadas são unânimes em afirmar que não anseiam continuar trabalhando no ramo da construção civil, de modo geral, elas acabam trabalhando nesse segmento por falta de oportunidade em outros setores da economia. Com relação ao entendimento de que o canteiro é ou não local para mulher, as entrevistadas deixaram transparecer que o canteiro é sim um local para a mulher “conquistar mais espaço”, como aponta Cris em sua fala. Os relatos mostraram que estas mulheres desejam ocupar espaços outros, tidos como majoritariamente masculinos. Fizemos essa mesma pergunta para os operários, se a construção civil é um espaço de trabalho para a mulher, todos os entrevistados disseram que sim, ou seja, o ambiente da construção civil é também para mulher.

Quando perguntadas se gostaria que seus filhos e/ou filhas seguissem sua profissão ou trabalhasse no setor da construção civil, percebemos um sentimento de recusa, as entrevistadas se posicionaram contra ou parcialmente contra.

Rapaz, eu acho que não, eu preferia que eles trabalhassem em outra área, na área de saúde por exemplo. Eu mesmo tenho vontade de trabalhar na área de psicologia, medicina. A área da construção, tá ficando cada dia mais escassa, tem poucas obras, já teve mais, nos anos de 2010. Quando eu entrei na área, poxa tinha muita obra, tinha varias oportunidades, tinha varias empresas, varias obras, aqui mesmo em salvador tinha muitas obras, agora mesmo tá fraco. (Cris, negra, secretária, 29 anos).

Se os meninos quiserem por mim tudo bem, agora só se for como engenheiro ou arquiteto, como peão é difícil, eu quero que eles estudem para conseguir uma coisa melhor, pra fica batendo cabeça aqui não. (Ana, negra, auxiliar de serviços gerais, 35 anos).

As falas compartilham a ideia que a construção civil não é o local desejado por essas mães para o futuro de seus filhos, ou seja, o trabalho dentro do canteiro de obra não corresponde o desejo das genitoras. A entrevistada Ana declara, se caso seus filhos queiram seguir essa caminho, que tudo bem, agora com uma observação, que seus filh@s entrem no setor da construção, não como operário, mas, como engenheir@s ou arquitet@s, caso contrario a entrevistada dá a entender que, seus herdeiros irão sofrer bastante na vida. Essa mesma pergunta foi feita para os trabalhadores e obtivemos respostas bastante semelhantes, em um cenário de

cinco operários entrevistados, apenas um respondeu que desejava que seu filho seguisse sua profissão ou trabalhasse no setor da construção civil. Segundo França, “se meu filho quiser seguir trabalhando na construção ou tocando a empresa por mim tudo bem”, vale apontar que esta fala é do dono da empresa. Seguindo esta lógica, já os demais revelaram não desejar, Seu Zé informa que “Não gostaria, queria uma coisa melhor. Um trabalho mais digno, que desse uma vida melhor pra ele”, neste mesmo sentido, Fernando aponta que trabalhar na “construção só no último caso, aqui só se for pra mandar, se for para trabalhar como eu aqui, ele vai ralar muito”, as falas apontam para uma recusa desses trabalhadores em permitir que seus descendentes possam vir a trabalhar na construção civil. Essa mesma concepção os entrevistados tiveram quando inquiridos, se aceitariam que suas esposas ou companheiras trabalhassem na construção civil, todos foram unânimes em afirmar que não gostariam. Segundo Sales, “se eu tiver uma mulher e ela for trabalhar no canteiro, já sabe que não vai dar certo, eu não fico não, eu sei muito bem o que é peão”. O entrevistado declara se caso sua companheira viesse a trabalhar na construção o mesmo não continuaria com o relacionamento, coaduna com esse pensamento a fala de Raimundo quando diz, “de jeito nenhum, minha mulher trabalhar na construção, eu confio nela, mas eu sei o que é obra, além do mais, peão é uma desgraça, não respeita ninguém”. As falas se juntam no sentido de recusa, os trabalhadores entrevistados não permitiriam essa atividade para suas esposas, daí dá para termos uma noção de como a discriminação de gênero é tão forte.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do estudo realizado procuramos evidenciar os principais aspectos envolvendo as relações de gênero, raça e divisão sexual no mundo do trabalho, que permeiam trabalhadores e trabalhadoras do setor da construção civil de Salvador.

O estudo ajudou a mostrar que a entrada da mulher no canteiro de obra, enquanto trabalhadora da construção civil, na área operacional vem ocorrendo para atividades ligadas à limpeza e higienização do ambiente laboral e para atividades administrativas. Já na área técnica (equipe de engenheiros, arquitetos e técnicos) a presença feminina no canteiro de obra ocorre em momentos curtos, ou seja, mulheres que exercem atividades na área técnica não ficam diariamente no canteiro, vão esporadicamente neste local, trabalhando a maior parte do tempo nas sedes das empresas, deixando o trabalho de campo para seus colegas de masculinos. Desta forma, podemos concluir que trabalhadoras da construção civil com nível superior ou técnico no campo da engenharia civil ou em áreas correlatas, acabam de certa forma sendo direcionada para serviços fora do canteiro de obra, ou em alguns casos, para serviços internos. Logo estas trabalhadoras com maior qualificação, permanecem pouco tempo dentro do canteiro.

De acordo com relatos dos entrevistados a presença feminina também pode ser percebida em maior número nas últimas fases do empreendimento, para atividades que necessitam de cuidado, destreza e minúcias, como serviços de rejuntamento, acabamento, assentamento de cerâmica e principalmente limpeza na fase final do empreendimento, algumas dessas tarefas remetem a serviços domésticos, características socialmente relacionadas ao feminino. Alguns empregadores tem a concepção que as mulheres têm mais aptidão para essas ocupações, esse fato revela o preconceito e discriminação de gênero histórico, cultural e social, introjetado em todo o setor da construção civil, onde a mulher é geralmente posta a cargos/funções que desvelam uma nítida divisão sexual do trabalho, principalmente quando pensamos em um ambiente tradicionalmente ocupado por homens que é o canteiro de obra.

Percebemos que o ingresso das mulheres na área operacional, é motivado principalmente, pela oportunidade de inserção no mercado de trabalho formal, como

também pela falta de opção no mercado de trabalho, ou seja, as trabalhadoras informaram que entraram nesse segmento por falta de opção, pela escassez de postos de trabalho em outras áreas, além de mais, vale ressaltar que as entrevistadas têm pouca ou nenhuma qualificação profissional para o setor, o que acaba diminuindo suas opções.

Pensando nos planos profissionais, todas as entrevistadas revelaram que não desejam continuar atuando no canteiro de obras. A maioria delas sente orgulho por exercer uma atividade que até pouco tempo, era estritamente vinculada ao universo masculino, porém, não gostariam de continuar nesse ramo, estão por falta de oportunidade em outros setores.

No decorrer do trabalho de campo, pudemos verificar que a maioria das mulheres foi admitida para os cargos de auxiliares de serviços gerais, e exerciam atividade como já foi dito ligado a tarefas domésticas como: cuidar da cozinha do canteiro, servindo as quentinhas (o almoço), fazendo a limpeza do local e dos banheiros, além, de cuida de limpeza de outras dependências do empreendimento e das áreas provisórias e permanentes. Mas deparamos, também com uma mulher que tinha qualificação como pedreira, porém, não exercia essa atividade, foi remanejada para o almoxarifado, setor que tem como principais fundamentos a atenção, organização e zelo, reforçando a ideia de que a mulher é mais indicada para atividades de menor importância no canteiro de obra.

Com relação à oportunidade de trabalho é sabido por todos que o público masculino é bem vindo nesse setor, os empreendimentos sempre absorvem a mão de obra masculina, já para as mulheres essa inserção ocorre com certa dificuldade e limitação, o setor da construção civil no Brasil ainda é um ambiente majoritariamente masculino, existe aí uma desigualdade com relação ao gênero. Isso acaba afetando a posição que as mulheres trabalhadoras ocupam no mercado de trabalho da construção civil, o setor absorve essa operária na maioria dos casos para atividades relacionadas a atividades feminilizadas, construídas ao longo de muitos anos como serviços para mulher, como: limpeza, higiene, organização, ornamentação, cuidados como a casa e o lar e tantas outras tarefas correlatas.

Outro ponto interessante é a forma que essas mulheres adentram nesse local, todas as entrevistadas informaram que ingressaram no trabalho da construção civil devido ao intermédio de sujeitos masculinos que viabilizaram sua contratação nesse

setor, esse fato nos remete a ideia de um mediador e representante dessa operaria no ambiente laboral.

Há de certa forma uma resistência em efetivarem mulheres no canteiro de obra para cargos de melhor visibilidade como: pedreiro, carpinteiro, eletricista, encanador, armador e tantos outros, a pesquisa evidenciou que a mulher vem ocupando cargos inferiores aos dos homens independente de sua qualificação, tomando como base o setor operacional, já que o setor técnico não permitiu uma maior investigação, além de não fazer parte desta pesquisa, sendo talvez uma proposta para futuras investigações.

Apesar de tudo, não registramos nenhum caso em que uma mulher estivesse no cargo hierárquico superior dentro da área operacional, como: mestre de obra, encarregado, cabo de turma, embora, segundo relato do dono da empresa, as mulheres já têm condições de ocupar todos os cargos e funções dentro do canteiro, como também, plenas condições para ascender profissionalmente.

Constatamos que as mulheres ocupavam cargos diferentes dos homens, verificamos que as trabalhadoras foram contratadas como auxiliares de serviços gerais e secretária e os trabalhadores entrevistados como serventes e pedreiros, contudo, a maioria das mulheres entrevistadas como também, aquelas que não consegui entrevistar encontram-se basicamente nas funções cuja atividade é de menor destaque e relevância, obviamente a remuneração segue o mesmo caminho. Vale ressaltar que dentro da construção civil existe uma tabela salarial e uma Convenção Coletiva de Trabalho (CCT), que é um acordo jurídico envolvendo sindicatos, neste caso, ligados a construção civil e afins, e a categoria dos empregadores, onde se estabelece regras e deveres nas relações de trabalho que envolvem a categoria, nesse acordo se determina o salario para cada categoria profissional.

Ainda com relação à remuneração, notamos que apesar da maioria dos trabalhadores afirmarem que é justo a mulher receber o mesmo salario que os homens recebem, percebemos certo descontentamento nas falas masculinas. Para estes trabalhadores as mulheres não fazem a mesma coisa que eles fazem. Parte dos homens não acha justo que as operárias, que são contratadas para a mesma função deles, receba mesmo salário, pois sob o ponto de vista deles, elas não

executam as mesmas atividades que eles, desta forma, ocorrem diferenciação das atividades, isso acaba se caracterizando como um pensamento machista e sexista.

Percebemos que o trabalho feminino no ramo da construção civil, especificamente no canteiro de obra é marcado pela divisão sexual do trabalho, desta forma, a constituição social do que é ser homem e do que é ser mulher influencia diretamente nas atividades delegadas aos trabalhadores e às trabalhadoras nos canteiros. Geralmente, às mulheres são direcionados para os trabalhos considerados mais leves e que requerem características atribuídas ao feminino como, por exemplo, a colocação e rejuntamento da cerâmica e a limpeza. Já os homens são direcionados para trabalhos que necessitam de mais força física e coragem, tais como, escavações, concretagem e trabalho em altura e tantos outros.

Outra questão observada que envolve as mulheres trabalhadoras da construção civil aparece com a vinculação ao trabalho doméstico ligado a determinadas tarefas do canteiro de obra, a imagem da mulher ainda está bastante conectada a atividades domésticas, o que acaba criando a ideia de que a mulher serve apenas para determinadas atividades laborais correlatas aos serviços domésticos, essa concepção acaba reproduzindo uma segregação com relação a gênero. Outro ponto importante declarado por todas as entrevistadas é o fato destas, ainda serem as principais responsáveis pelos afazeres domésticos e de cuidado com os filhos.

Com relação à questão do assédio sexual percebemos que as trabalhadoras não identificam determinadas práticas como assédio. Todas as operárias afirmaram ser paqueradas com certa frequência por seus colegas de trabalho, porém, não reconhece essas atitudes como assédio, acreditamos que estas mulheres já naturalizaram essa rotina de paqueras como algo normal já que elas estão em um local essencialmente masculino.

Notamos que a maioria das entrevistadas não identificavam as atitudes vindas pelos colegas masculinos como preconceitos ou discriminação, a sensação é que essa questão já não afeta mais essas trabalhadoras, que vivem esta realidade tanto no local de trabalho, quanto fora dele, desta forma, acaba reproduzindo desigualdade de gênero em diversos ambientes públicos e privados. A sensação transmitida é um sentimento de passividade e inércia por parte dessas trabalhadoras.

Com relação ao preconceito as entrevistadas informaram que os familiares não gostam de suas ocupações profissionais, notamos que esse desgosto tem relação com o ambiente e com atividade exercida, neste caso, o preconceito vindo por parte de familiares tem mais haver com o local onde essas mulheres trabalham, e nem tanto com a função ou atividades que elas ocupam. Os familiares acabam reproduzindo o velho discurso de que a construção civil não é lugar para mulher, porém, percebemos que a construção apesar dos conflitos vem sofrendo mudanças com a chegada de mulheres, abrindo ai um novo canal de dialogo e perspectivas para a igualdade de gênero no mercado de trabalho da construção civil. Estes fatos confirmam novos momentos nas relações de gênero, na ocupação de novos espaços pelas mulheres e na quebra de paradigmas e preconceitos, fundamentada não só nas mudanças tecnológicas e mercadológicas.

Entretanto, a discriminação de gênero se fez presente em vários momentos das entrevistas, quando as trabalhadoras relataram suas impressões e dificuldades enfrentadas dentro e fora do ambiente organizacional. Ainda recaem sobre as mulheres trabalhadoras as funções de reprodução social e biológicas no mundo privado que reforçam as relações de poder capazes de justificar desigualdades de gênero persistentes no mercado de trabalho.

Compreendemos que na construção civil, enquanto espaço culturalmente destinado aos homens, à presença das mulheres não é isenta de conflitos e de questionamentos. Desta forma, os canteiros de obras apresentam-se como lugares para atuação profissional das mulheres, com isso, muitas mudanças precisam acontecer para que estas possam exercer de forma digna sua profissão. Desta forma, entendemos que são necessárias alterações nas práticas e nos valores dos atores sociais, além de serem repensados os papéis que foram instituídos socialmente, cultural e historicamente, atribuídos aos homens e às mulheres com base na hierarquia de gênero.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Laís. **A situação da mulher Latino-americana no mercado de trabalho no contexto da reestruturação.** In: **Revista Proposta.** São Paulo, n. 88/89 Março/Agosto de 2001, p. 76-93.

ABRAMO, Laís. Introdução. In: Organização Internacional do Trabalho. **Igualdade de gênero e raça no trabalho: avanços e desafios.** Brasília: OIT, 2010, p. 15-48.

ALVES, J; THOMAZ JÚNIOR, A. **A Migração do Trabalho para o Complexo Hidrelétrico Madeira.** Artigo apresentado na VIII Jornada do Trabalho em Presidente Prudente, SP. 2012.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho; ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho.** São Paulo: Boitempo, 1999.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO. **Perfil da cadeia produtiva da construção e da indústria de materiais e equipamentos.** São Paulo, 2011.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO. **Perfil da cadeia produtiva da construção e da indústria de materiais e equipamentos.** São Paulo, 2010

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 12284: Áreas de banco de dados - CBIC. Disponível em: < <http://www.cbicdados.com.br/menu/pib-e-investimento/>>. Acesso em: 27 jul. 2016.

AVELAR, A. C. B. S.; MONTEIRO, A. O. **Alianças Estratégicas na Construção Civil: o Subsetor de Edificações na Cidade de Salvador** - Bahia. Anais do IV Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia - SEGET, 2007, Resende - RJ. IV Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia - SE, 2007.

AZEREDO, S. M. M. **Teorizando Sobre Gênero e Relações Raciais.** In: Revista Estudos Feministas, p. 203-216, 1994.

BAIROS, Luiza. **Nossos feminismos revisitados.** Estudos Feministas. Rio de Janeiro, IFCS/UERJ e PPCIS/UERJ, v.3, n.2, p. 458-478.1995.

BARRETO, P. C. S. **Negros à Luz dos Fornos: Representações do trabalho e da cor entre metalúrgicos baianos.** São Paulo: Dynamis, 1997.

BAUER, Martin W. & JOVCHELOWITCH, Sandra. “**Entrevista narrativa**”. In: BAUER, Martin W. & GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Petrópolis: Vozes, 2008.

BAZZO, W. A.; PEREIRA, L. T. V. **Introdução à engenharia: conceitos, ferramentas e comportamentos**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.

BERNARDINO-COSTA, Joaze. FIGUEIREDO, Ângela. CRUZ, Tânia. (org.) **A Realidade do Trabalho Doméstico na Atualidade**. Centro Feminista de Estudos e Assessoria, Brasília: 2011.

BOCAYUVA, Helena. **Erotismo à Brasileira: o excesso sexual na obra de Gilberto Freyre**. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

BOISSEVAIN, Jeremy. “**Apresentando ‘amigos de amigos: redes sociais, manipuladores e coalizões’**”. In: FELDMAN-BIANCO, Bela. Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

\_\_\_\_\_. **A dominação Masculina**. São Paulo: Brasiliene 1995.

BRAH Avtar, **Diversidade, Diferença e Diferenciação**. Cardem Pagu 2006. REVER

BRASIL. **Código Penal**. Decreto-lei n. 2848, de 7 de dezembro de 1940.

BRASIL. Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE). **Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)**. Brasília – DF; MTE.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **NR 18: condições e meio ambiente de trabalho na indústria da construção**. Brasília, DF, 2013.

BRITTO DA MOTTA, Alda. **As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento**. Cadernos Pagu, Campinas, UNICAMP, n. 13, p. 191-221, 1999.

BRUSCHINI, Cristina; LOMBARDI, Maria Rosa. **Instruídas e trabalhadeiras: trabalho feminino no final do século XX**. Cadernos Pagu — Desafios da Equidade. Campinas-São Paulo: n. 17/18, 2002.

BRUSHINI, Cristina. **Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos**. Fundação Carlos Chagas. Grupo de Pesquisas Socialização de Gênero e Raça. Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 132, set./dez. São Paulo, 2007.

\_\_\_\_\_. **Medicas, arquitetas, advogadas e engenheiras: mulheres em carreiras profissionais de prestígio**. Revista Estudos Feministas, v. 7, n. 1/2, p.9-24, 1999.

Trabalho e Gênero: Mudanças, permanências e desafios. GT População e Gênero. São Paulo: Nepo/Unicamp.1998.

CACOUAULT, Marlaine. Variações nos ofícios femininos e masculinos. In: MARUANI, M.; HIRATA, Helena (Org.). **As novas fronteiras da desigualdade: homens e mulheres no mercado de trabalho**. São Paulo: Senac, 2003.

CÂMARA BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO – CBIC. **Importância do setor de construção civil na economia brasileira**. 1998. Disponível em: <<http://www.cbic.com.br>>. Acesso em 20 junho 2016.

CÂMARA BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO. **Informações sobre a formação bruta de capital fixo no Brasil e na construção civil segundo dados oficiais do IBGE**, 2015. Disponível em: <http://www.cbic.org.br/>

CAMBOTA, Jacqueline Nogueira; PONTES, Paulo Araújo. Desigualdade de rendimentos por Gênero Intra-ocupações no Brasil, em 2004. **Revista Economia Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, ago. 2007.

CAMPOS. C. V. **Conflitos trabalhistas nas obras do PAC: o caso das Usinas Hidrelétricas de Jirau, Santo Antônio e Belo Monte**. 2016. 204f. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas Campinas, SP.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. “**O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever**”. In: O trabalho do Antropólogo. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 2000.

CARNEIRO, Paula de Brito. **Sustentabilidade no canteiro de obras**. In: VI CONGRESSO NACIONAL DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO. ENERGIA, INOVAÇÃO, TECNOLOGIA E COMPLEXIDADE PARA A GESTÃO SUSTENTÁVEL. Niteroi/RJ, 5, 6 e 7 de agosto de 2010.

CARNEIRO, Sueli. "**Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**". In: ASHOKA EMPREENDIMENTOS SOCIAIS; TAKANO CIDADANIA (Orgs.). Racismos contemporâneos. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003.

CARNEIRO, Sueli. Gênero e Raça. In: BRUSCHINI, Cristina; UNBEHAUN, Sandra. **Gênero, democracia e sociedade brasileira**. Editora 34, Fundação Carlo Chaga, 2004.

CASTRO, M.G. **A dinâmica entre classe e gênero na América Latina: apontamentos para uma teoria regional sobre gênero**. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL, RIO DE JANEIRO. Mulher e Políticas Públicas. Rio de Janeiro: IBAM/ UNICEF, 1991. p. 39-69.

CASTRO, Nadya A.; BARRETO, Vanda S. **Trabalho e desigualdades raciais: negros e brancos no mercado de trabalho em Salvador**. São Paulo: Annablume, 1998.

CECETTO, Fátima. **Violência e estilos de masculinidade**, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

CLARO, Anderson et al.: **Arquitetura Indígena**. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis. 2010.

CONSONI, F. L. **Dez anos de estrutura do emprego na indústria automobilística brasileira: rupturas e continuidade**. 1998. 179f. Dissertação, Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1998.

COSTA, Luciano. R.: **Trabalhadores em construção: mercado de trabalho, redes sociais e qualificações na construção civil** – 1. Ed, Curitiba, CRV, 2013.

CRESWELL, J. W. (2007) **Projetos de pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2ª edição.

CRUZ, J. C. **As negras que conheci: uma análise sobre o cotidiano das trabalhadoras domésticas da cidade de Cruz das Almas – Ba**, 2012. 117f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, BA.

DA MATA, Roberto. “O ofício de etnólogo, ou como ter ‘anthropological blues’”. In: **A aventura sociológica**. Zahar Editores. Rio de Janeiro, 1978.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS - **DIEESE**. Disponível em: <[http:// www.dieese.org.br](http://www.dieese.org.br)>.

FARIA, José Henrique de. **Economia política do poder**. 6ª reimpr. Curitiba: Juruá. 2010.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. 2ed. São Paulo: Global, 2007.

FIGUEIREDO, Ângela. **Novas elites de cor: Estudo sobre os profissionais liberais de Salvador**. São Paulo: Annablume, 2002.

FIGUEIREDO, Ângela. **Classe média negra: Trajetórias e Perfis**. Salvador: EDUFBA, 2012.

FIGUEIREDO, Ângela. **Gênero: dialogando com os estudos de gênero e raça no Brasil**. IN Sanone, Lívio & Pinho, Osmundo (orgs). **Raça: novas perspectivas**

antropológicas. 2ed ver. Salvador: Associação Brasileira de Antropologia: EDUFBA, 2008.

FISCHER, Izaura Rufino; MARQUES, Fernanda. **Gênero e exclusão social**, 2001.

FLICK, Uwe. “**Entrevistas semi-estruturadas**”, “**As narrativas como dados**” & “**Entrevistas e discursões tipos grupais de foco**”. In: Uma introdução à pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Bookman, 2004

FORMOSO, C. T; SAURIN, T. A. **Planejamento de canteiros de obras e gestão de processos**. Recomendações técnicas HABITARE. Porto Alegre, 2006

FRANCO, L. S. **Aplicação de diretrizes de racionalização construtiva para a evolução tecnológica dos processos construtivos em alvenaria estrutural não armada**. 1992. 319 f. Tese (Doutorado) - Escola Politécnica, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

GASKELL, George. “**Entrevista individuais e grupais**”. In: BAUER, Martin W. & GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Petrópolis: Vozes, 2008.

GEERTZ, Clifford. “Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura”. In: **A Interpretação das Culturas**. Zahar Editores, 1989.

GEERTZ, Clifford. 2001. **Nova luz sobre a Antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

GIDDENS, A. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

GIOSA, B. A. N. **Trabalho Infantil: entre a exploração e a sobrevivência**. 2010, 102f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) PUC – São Paulo.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

GOMES, F. C. **Administração da produção e gestão da produtividade na construção**. Apostila do Curso de Pós-graduação em Gestão e Inovações Tecnológicas na Construção Civil. Lavras: UFLA/FAEPE, 2004.

GONDIM, I. A.; MARCHON, P. H. A.; BARROS NETO, J. P.; JORGE NETO, P. M. **Análise da economia nacional e a participação da indústria da construção civil**. In: ENCONTRO NACIONAL DE TECNOLOGIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO, 10, 2004, São Paulo, Anais..., São Paulo: ANTAC, 2004.

GROSSI, Miriam Pillar. “**Identidade de Gênero e Sexualidade**”. Antropologia em Primeira Mão, n. 24, Florianópolis, PPGAS/UFSC, 1998.

GUIMARÃES, Antônio Sergio Alfredo, **Raça e os estudos de relações Raciais no Brasil**, (páginas 147 – 156), Julho de 1999.

GUIMARÃES, A. S, AGIER, M. e CASTRO, N. A. **Imagens e identidade do trabalho**. São Paulo, Hucitec / ORSTOM, 1995.

HASENBALG, Carlos A. **Desigualdades sociais e oportunidade educacional**. A produção do fracasso em Cadernos de Pesquisa, nº 63, nov. 1987.

HASENBALG, Carlos VALLE, Nelson Silva, LIMA, Marcia. **Cor e Estratificação Social: Cap. Uma nota sobre raça social no Brasil**. 1999 - Rio de Janeiro.

HASENBALG, Carlos. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2005.

HEILBORN, Maria Luiza; SORJ, Bila. Estudos de gênero no Brasil 1975-1995. In: MICELI, Sérgio (org.) **O que ler na ciência social brasileira (1970- 1995)**, ANPOCS/CAPEL. São Paulo: editora Sumaré, p. 183-221, 1999.

HIGA, FLÁVIO DA COSTA. Assédio sexual no trabalho e discriminação de gênero: duas faces da mesma moeda? Revista Direito GV, v. 12, p. 484-515, 2016.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. Divisão sexual do trabalho profissional e doméstico: Brasil, França, Japão. In: **Mercado de trabalho e gênero: comparações internacionais**. COSTA, A. O; SORJ, B.; B. Cristina; H. Helena (Orgs.). Rio de Janeiro: FGV. 2008.

HIRATA, Helena. **Divisão - Relações Sociais de Sexo e do Trabalho: contribuição à discussão sobre o conceito de trabalho**. Em Aberto. Brasília, ano 15, n.65. 1995.

HOFFMANN, R; LEONE, E. T. **Participação da mulher no mercado de trabalho e desigualdade da renda domiciliar per capita no Brasil: 1981-2002**. Belo Horizonte, Nova.

HUNTNEY, Lynn e GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo (Orgs.); **Tirando a máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil** São Paulo: Paz e Terra, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**. Rio de Janeiro: 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>>

KERGOAT, Danièle. **Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo**. In: HIRATA, Helena; et al. (orgs.). **Dicionário crítico feminino**. São Paulo: Editora Unesp, 2009, p. 67-76

KURESKI, R.; RODRIGUES, R. L.; MORETTO, A. C.; SESSO FILHO, U. A.; HARDT, L. P. A. **O macrossetor da construção civil na economia brasileira em 2004**. Ambiente Construído, v. 8, n. 1, p. 7–19, 2008.

LEITÃO, N. C. S. **Avaliação sócio-econômica e ambiental do complexo Hidrelétrico de Belo Monte**. 2005. 108f. Tese de mestrado – Instituto Tecnológico da Aeronáutica, São José dos Campos.

LOIOLA, Elisabeth e QUINTELLA, Rogério H. **Administração estratégica: o caso das empresas da construção civil na Bahia**. Organizações & Sociedade, n.15, 1999.

LOMBARDI, Maria Rosa. **Engenheiras brasileiras: inserção e limites de gênero no campo profissional**. Cadernos de Pesquisa, v. 36, n. 127, p.173-202, jan./ abr. 2006.

LOURO, Guacira L.. Nas redes do conceito de gênero. In: Lopes, M.J.M.; Meyer, D.E.; Waldow, V.R. (Orgs.). **Gênero e Saúde**, Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

MALINOWSKI, B. **Os Argonautas do Pacífico Ocidental**. Os Pensadores. São Paulo. Abril Cultural. 1978.

MATTOS, Ivanilde Guedes de. **Corporeidade Descolonizada: Na Cadência do Pagode**. Projeto História, São Paulo, nº 44, pp, 355 -365, Jun – 2012.

MAUSS, Marcel, **As técnicas corporais**, editora UNESP, 1974.

MENDES, Maria Manuela. **Raça e racismo: controvérsias e ambiguidades**. Vivencia revista de Antropologia n.39/2012/p.101-123,

MENEZES, G. S.; SERRA, S. M. B. **Análise das áreas de vivência em canteiros de obra**. III SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GESTÃO E ECONOMIA DA CONSTRUÇÃO III SIBRAGEC. UFSCar, São Carlos, SP. 2003.

MINISTÉRIO DO ESPORTE. **Matriz de responsabilidades da Unidade Federativas**. Ministério do Esporte. Janeiro de 2010.

MINISTÉRIO DO ESPORTE. **Matriz de responsabilidades que entre si celebram os entes federativos abaixo nominados com o objetivo de viabilizar a execução das ações governamentais necessárias à realização da Copa das confederações FIFA 2013 e da COPA do Mundo FIFA 2014**. Ministério do Esporte.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO - MTE. **Promoção de igualdade de oportunidades e de combate à discriminação no trabalho**. Brasília: 2009.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO - MTE. **Promoção de Igualdade de Oportunidades e de Combate à Discriminação no Trabalho**. Brasília: 2011.

Moro L. F. C. **Análise do layout de diferentes canteiros de obra visando o processo produtivo**. 2015. 50f. Trabalho de Conclusão de Curso, (Graduação em Engenharia Civil), UFSM, Santa Maria.

NEVES, M. A. **Gênero, mercado de trabalho e qualificação**. VII Encontro Nacional de Estudos do Trabalho – ABET. 2001. Trabalho e desigualdade III: gênero.

NIGUEL, S. **Administração da produção**. Edição compacta. São Paulo, 2006

NOGUEIRA, Claudia Mazzei. **As relações sociais de gênero no trabalho e na reprodução**. AURORA, São Paulo, n. 6, p. 59-62, 2010.

NORONHA, Regina Maria Aguiar. **Avaliação qualitativa da implementação da NR-18 nos canteiros de obras de edificações verticais em Belém**. 2009. 133p.. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.

OBSERVATÓRIO BRASIL IGUALDADE E GÊNERO. **Desigualdade no mercado de trabalho**. <http://www.observatoriodegenero.gov.br/>

OLIVEIRA, Igor L.; SERRA, Sheyla M. B. **Análise da organização de canteiros de obras**. In: ENCONTRO NACIONAL DE TECNOLOGIA NO AMBIENTE CONSTRUÍDO, 11. 2006. Florianópolis: ENTAC, 2006. p. 2516 - 2521.

PEREIRA, Erik; ROMERO, Elaine. **Universo do Corpo**. Temática 2, capítulo IV, Rio de Janeiro Shape, 2008

QUEIROZ, H. M. G.; FERREIRA, T. R.; MALTA, L. P.; FERNANDES, S. L. **Diversidade nas Organizações: Construindo um Olhar sobre a Evolução da Mulher no Contexto Organizacional**. XXXIV Encontro da ANPAD - Encontro Nacional dos Pós Graduados em Administração. Rio de Janeiro, 2010.

RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS - RAIS. Disponível em: <<http://www.mte.gov.br/pdet/index.asp>>. Acesso em: 28 mar. 2017.

RESENDE, Maria Cristina Rodrigues. **Mulheres em ambientes masculinizados: análise da inserção de mulheres nos canteiros de obras da Construção Civil em duas empresas de Belo Horizonte**. 2012. 123f. Dissertação (Mestrado em Administração), Faculdade Novos Horizontes, Belo Horizonte.

RIFKIN, J. **Fim dos Empregos: O Declínio Inevitável dos Níveis dos Empregos e a Redução da Força Global de Trabalho**. São Paulo: Ed. Makron Books, 2001.

SÁ, Flavia, Carvalho de. **Profissão arquiteta. Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero.** 2010. 196 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). USP, São Paulo.

SADEK, M. T. Delegada: doutora e policial. In: SADEK, M. T. (Org.). **Delegados de polícia.** IDESP, São Paulo: Sumaré, 2003.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAFFIOTI, Heleith Iara Bongiovani. **A mulher na sociedade de classes: Mito e realidades.** Petropolis, Vozes 1992.

SAMPAIO, José Carlos de A. **NR-18: manual de aplicação.** São Paulo: Pini: Sinduscon - SP, 1998.

SANTOS, A. G. Q.; FREITAS, U. R. P.; CASTRO NETO, A. A.; COSTA, D. S. **Análise do crescimento da construção civil na Bahia e no Brasil: uma abordagem em dados em painel para o período 2002 a 2009.** Salvador, 2012 (Texto para discussão, n. 6, SEI).

SANTOS, A. M.; ROSSI, G. F.; TOYOSHIMA, S. H.; EVANGELISTA, W. L. **Impactos comparativos do setor da construção civil sobre o emprego no Brasil: 2002-2009.** Revista de Ciências Humanas, v. 11, n. 1, p. 24-35, jan./jun. 2011.

SAURIN, T.A. **Método para diagnóstico e diretrizes para planejamento de canteiros de obras de edificações.** Porto Alegre, 1997. Dissertação (Mestrado em Engenharia) - Escola de Engenharia, Universidade Federal do Rio Grande Sul. Porto Alegre.

SCOTT, Joan. Gênero: **Uma categoria útil de análise histórica.** In: Educação e Realidade, Rio Grande do Sul, n.2, v.20, p.71-99, 1995.

SECOPA. **Secretaria Especial da Copa.** Cuiabá/MT, 2017. [www.mtnacopa.com.br](http://www.mtnacopa.com.br)

SECRETARIA DE PROMOÇÃO A MULHER, **Desigualdade e preconceito de gênero.** <http://www.spm.gov.br/>

SENA. T. C. **Trabalhadores nos canteiros de obra da UHE Belo Monte – Altamira: condições de saúde e políticas públicas.** 2014. 293f. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Para, Belém, PA.

SERRA, S. M. B. **Canteiro de obras: projeto e suprimentos.** São Carlos: UFSCAR, 2001. 41 p. Apostila.

SILVA, Mayra Rachel da. **Canteiro de obras, lugar de mulher? Um estudo sobre as relações de gênero e trabalho no âmbito da construção civil de Fortaleza - CE.** 2013. 141 f. Dissertação (Mestrado em políticas públicas e sociedade). UECE, Fortaleza.

SILVA, T. J. J. ; ROCHA, R. M. **O Crescimento das Edificações nos Municípios Nordestinos: Qual o Papel dos Fatores Locais?** In: Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (SOBER), 2014, Caruaru. Novos Desafios Para o Desenvolvimento: O Nordeste tem Sede de Que? 2014.

SOUZA, E. L. **Construção civil e tecnologia: estudo do sistema construtivo Light Steel Framing.** 2014. 121 f. Trabalho de conclusão de curso de Especialização em Construção Civil da Escola de Engenharia da UFMG, Belo Horizonte.

SOUZA, U. E. L. **Projeto e implantação do canteiro.** São Paulo, O nome da Rosa, 2000.

SOUZA, Ubiraci Espinelli Lemes de; FRANCO, Luiz Sérgio. **Definição do Layout do Canteiro de Obras.** São Paulo: Escola Politécnica da USP, 1997. 21 p.

STOLCKE, Verena. **Sexo está para gênero assim como raça para a etnicidade?** Estudos Afro-Asiáticos, 20, p. 101-119, Rio de Janeiro: 1991.

SUPERINTENDÊNCIA DE INFORMAÇÕES ECONÔMICAS E SOCIAIS DA BAHIA. Disponível em: <http://www.sei.ba.gov.br/>

TAMAKI, M.R. **Organização e gestão de canteiros de obra na França.** Relatório do segundo estágio de técnicos brasileiros – programa PBQP-H. 2000.

TEIXEIRA, L. P.; CARVALHO, F. M. A. **A construção civil como instrumento do desenvolvimento da economia brasileira.** Revista Paranaense de Desenvolvimento, n. 109, p. 9–26, 2005.

TEIXEIRA, L. P.; GOMES, M. F. M.; SILVA, A. B. O. **Construção Civil Mineira: dinâmica e importância para a economia estadual.** Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional, v. 7, p. 69-95, 2011.

THOMAZ, E. **Tecnologia, Gerenciamento e Qualidade na Construção.** São Paulo: Editora PINI, 1ª Ed, 2002.

TOMASI, Antônio de Pádua Nunes. **A construção social de qualificação dos trabalhadores da construção civil de Belo Horizonte:** estudo sobre os Mestres de Obras. Belo Horizonte: Fafich – UFMG/CNPq, 1999, 121 p. Relatório de Pesquisa. Vivência em canteiros de obras. Rio de Janeiro: ABNT, 1991.

VALLE, N. S. **Uma nota sobre “raça social” no Brasil.** In: Estudos Afroasiáticos. Centro de Estudos Afro-asiáticos. Conjunto Universitário Candido Mendes, Rio de Janeiro, 1994.

WIEVIORKA, Michel. **Racismo, uma Introdução.** Editora perspectiva. São Paulo. Tradução de Fany Kon. 2007.

ZALUAR, Alba. “O antropólogo e os pobres: introdução metodológica e afetiva” In: **A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza.** Editora Brasiliense. São Paulo. 1986.

## APÊNDICES - A

### ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM AS TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL

#### Dados pessoais

Nome: \_\_\_\_\_ Sexo: \_\_\_\_\_  
Idade: \_\_\_\_\_ Estado civil: \_\_\_\_\_ Escolaridade: \_\_\_\_\_  
Cor/raça: \_\_\_\_\_ Tempo de serviço na empresa: \_\_\_\_\_ N° de filhos: \_\_\_\_\_  
Situação ocupacional (função/cargo): \_\_\_\_\_  
Há quanto tempo trabalha na construção civil: \_\_\_\_\_

#### **Bloco de perguntas:**

- 1 - Com que idade começou a trabalhar?
- 2- Por que começou a trabalhar na construção civil?
- 3 - Antes de trabalhar na Construção civil, exercia alguma atividade remunerada? Se sim, qual era essa atividade?
- 4 - Como aprendeu o trabalho da construção civil? Algum curso?
- 5 - Quais as tarefas que desempenha na obra?
- 6 - Como ocorreu o seu acesso à empresa?
- 7 - A renda obtida na construção civil é a renda principal da família? Outras pessoas no domicílio trabalham?
- 8 - Como as pessoas (familiares, amigos, colegas de trabalho) ver o seu trabalho na construção civil?
- 9 - O que mudou na sua vida (aspectos positivos e negativos) após sua inserção na construção civil?
- 10 - Como você descreveria a relação de trabalho entre você e colegas do sexo masculino no local onde você trabalha?
- 11 - Como você descreveria a relação de trabalho entre você e colegas do sexo feminino no local onde você trabalha?
- 12 - É a primeira vez que trabalha com mulheres na construção civil?
- 13 - O que acha da inserção de mulheres na construção civil?
- 14 - Como é sua relação com as mulheres na obra?

16 - Você acha que existe diferença entre o trabalho feito por elas e o que é feito por vocês?

17 - Você acha que o fato das trabalhadoras serem mulheres atrapalha desempenho de suas funções? Se sim, quais?

18 - Você acha que o fato das trabalhadoras serem mulheres facilita o desempenho de alguma de suas funções na obra, se sim, quais?

19 - Em quais atividades da obra você acha que o trabalho feminino se destaca?

20 - Considera a construção civil um espaço de trabalho para mulher?

22 - Você acha que as mulheres estão tomando o espaço dos homens nesse setor?

23 - Você aceitaria que sua esposa ou companheira trabalhasse na construção civil?

24 - Você acha que existe tratamento igualitário ou desigual para homens e mulheres no trabalho, já sofreu algum preconceito ou discriminação no canteiro de obra?

25 – Você já sofreu alguma discriminação com relação a sua cor dentro do canteiro de obra?

26 – O trabalho realizado pelo trabalhador@s negro é o mesmo realizado pelo trabalhador@s branco? Há alguma diferenciação de trabalho ou tratamento com relação à cor?

27 - Como se dá a divisão das tarefas domésticas em sua casa?

28 - Pretende continuar trabalhando nesse ramo? Por quê?

29 - Você gostaria que seus filhos e/ou filhas seguisse sua profissão (ou trabalhe na construção civil)?

## APÊNDICES - B

### ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM AS TRABALHADORAS DA CONSTRUÇÃO CIVIL

#### Dados pessoais

Nome: \_\_\_\_\_ Sexo: \_\_\_\_\_  
Idade: \_\_\_\_\_ Estado civil: \_\_\_\_\_ Escolaridade: \_\_\_\_\_  
Cor/raça: \_\_\_\_\_ Tempo de serviço na empresa: \_\_\_\_\_ N° de filhos: \_\_\_\_\_  
Situação ocupacional (função/cargo): \_\_\_\_\_  
Há quanto tempo trabalha na construção civil: \_\_\_\_\_

#### **Bloco de perguntas:**

- 1 - Com que idade começou a trabalhar?
- 2 - Por que começou a trabalhar na construção civil?
- 3 - Antes de trabalhar na Construção civil, exercia alguma atividade remunerada? Se sim, qual era essa atividade?
- 4 - Como aprendeu o trabalho da construção civil? Algum curso?
- 5 - Quais as tarefas que desempenha na obra?
- 6 - Como você aprendeu a realizar as atividades de trabalho inerentes à sua função?
- 8 - Como ocorreu o seu acesso à empresa? Encontrou dificuldades, resistências?
- 10 - A renda obtida na construção civil é a renda principal da família? Outras pessoas no domicílio trabalham?
- 11 - Como as pessoas (familiares, amigos, colegas de trabalho) vêem o seu trabalho na construção civil?
- 12 - O que mudou na sua vida (aspectos positivos e negativos) após sua inserção na construção civil?
- 13 - Como é sua relação com os homens no seu espaço de trabalho?
- 14 - Você considera que o fato de ser mulher ajuda no desempenho de suas atividades na obra? Explique.
- 15 - Você considera que o fato de ser mulher atrapalha no desempenho de alguma atividade? Explique?

16 - Como você descreveria a relação de trabalho entre você e colegas do sexo masculino no local onde você trabalha?

17 - Você acha que existe tratamento igualitário ou desigual para homens e mulheres no trabalho, já sofreu algum preconceito ou discriminação no canteiro de obra?

18 – Você já sofreu alguma discriminação com relação a sua cor dentro do canteiro de obra?

19 – O trabalho realizado pelo trabalhador@s negro é o mesmo realizado pelo trabalhador@s branco? Há alguma diferenciação de trabalho ou tratamento com relação à cor?

20 - Você já foi paquerada por seus colegas de trabalho, como foi?

21 - Em sua opinião o canteiro de obra é um ambiente para mulher? Explique?

22 - Você já sofreu ou sofre algum tipo de assédio no setor de trabalho?

23 - Como se dá a divisão das tarefas domésticas em sua casa?

24 - Pretende continuar trabalhando nesse ramo? Por quê?

25 - Você gostaria que seus filhos e/ou filhas seguisse sua profissão (ou trabalhe na construção civil)?